



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA AMAZÔNIA
LINHA DE PESQUISA: POPULAÇÃO, FAMÍLIA MIGRAÇÃO E GÊNERO

JÚLIO FERRO SILVA DA CUNHA NASCIMENTO

O Diário das trans: representações de mulheres trans e travestis no Diário do Pará (1980-1990)

BELÉM

2023

**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA
AMAZÔNIA**

JÚLIO FERRO SILVA DA CUNHA NASCIMENTO

O Diário das trans: representações de mulheres trans e travestis no Diário do Pará (1980-1990)

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará, como exigência parcial do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristina Donza Cancela.

BELÉM

2023

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS – GRADUAÇÃO EM HISTÓRIA SOCIAL DA
AMAZÔNIA

JÚLIO FERRO SILVA DA CUNHA NASCIMENTO

O Diário das trans: representações de mulheres trans e travestis no Diário do Pará (1980-1990)

Dissertação apresentada à banca examinadora do Programa de Pós-Graduação em História Social da Amazônia da Universidade Federal do Pará, como exigência parcial do título de Mestre em História.

Orientadora: Prof.^a Dr.^a Cristina Donza Cancela.

Data da Aprovação: __/__/__

Banca Examinadora:

Prof.^a Dr.^a Cristina Donza Cancela (Orientadora – PPGHIST/IFCH/UFPA)

Prof. Dr. Antonio Otaviano Vieira Junior (Examinador interno – PPGHIST/IFCH/UFPA)

Prof.^a Dr.^a Jaqueline Gomes de Jesus (Examinadora externa – PROFHISTÓRIA/UFRRJ)

Prof. Dr. Elias Ferreira Veras (Examinador externo – PPGH/UFAL)

Dedicado à Milene Ferro.

AGRADECIMENTOS

Assim como no primeiro pedaço de bolo, como dita a tradição brasileira, meu primeiro agradecimento é dedicado à Milene Ferro Silva. Além do nome forte, a minha musa carrega consigo uma força que é capaz de me empurrar para atingir meus sonhos, principalmente nos momentos no qual força me carecia. Remeto a um sonho que constante aos oito anos, onde eu estava isolado no canto de uma caixa de vidro, que tentavas me tirar sem êxito. Acredito ter saído dessa “caixa” pela sua mão, portanto, hoje, escrevo com calma no coração ao saber que tenho você como apoio. Portanto, espero com essa dissertação retribuir o suor que gastou carregando o seu “gordinho”.

Em seguida, para minha caçula, agradeço Mila Cristina Ferro. Desde meu primeiro ano de vida sou grato pelos risos sem som, pelas piadas internas, pelas séries assistidas em conjunto, entre outros momentos fofos igual você. Falando nisso, espero que a minha escrita esteja linda tal qual a minha irmãzinha, além de competente como todos os seus professores sabem. Obrigado por sempre cuidar do irmão *nerd* que tens.

Agora para o meu irmão mais velho, o louro-josé, o Ragnar, o Cacho Grisalho, o Dé, enfim, André Henrique Ferro. Desde pirralho tu dizes que te imito, então espero imitar o seu carisma durante a minha vida acadêmica, assim como a tua dedicação para fazer o que ama. No caso, os teus *drinks* perfeitos, que apenas perdem para a qualidade do teu abraço. Aliás, assim que te ver, vou correndo atrás de um abraço apertado seguido de um *drink* de laranja.

Agradeço a Fridman da Cunha Nascimento, meu paizão, o Fridoca da Gercy, o avô do Ravi, que me recebeu no extremo norte com os braços abertos depois de tantos anos. Voltar para Roraima foi mais fácil sabendo que tinha alguém me esperando com tanta animação quanto você. Embora desde criança falasse sobre as dores de ser professor, era inevitável eu seguir esse caminho, visto que ao lhe acompanhar nas escolas eu o via comandar uma sala de aula, ganhar a admiração dos alunos, além do respeito entre os outros professores. Então, obrigado por ter me inspirado.

Para minha tia Mônica que por livre espontânea pressão virou minha madrinha, quero falar como seu apoio é fundamental para mim, desde a época que o Júlinho era só bochecha e fatos curiosos sobre coalas e insetos. Perdi a carinha redonda, mas o desejo de aprender só

creceu. És a minha parte favorita de Manaus, além de ser a maranhense manauara que mais amo.

Para Maria das Graças, a vó linda, a vozona, a Rainha Dainha, agradeço aqui o seu riso animado que habita a minha memória e me desperta um sorriso sempre. Embora tenhas um neto migrante, aonde vou levo comigo muito amor pela minha avó linda, perfeita, de muque e barrigãozinho. Espero que meus caminhos sejam claros como os seus olhos.

Para Rubem Lopes, o Rulopes, meu vozão, sei que és um homem de poucas palavras, mas nunca precisou de muitas para apoiar quem ama. Admiro a sua capacidade de fazer além do esperado, seja organizando obra em casa todo mês, seja caçando novela para vovó na *deep-web*. Espero que logo volte para o lugar que construiu quem você é, o seu amado escritório.

À Michele Ferro, a minha tia que não deve saber o quanto me identifico, mas que desde criança me fascinava na capoeira, na vida acadêmica, nas viagens, na dança, no humor, na determinação de ir contra o que é errado. Ainda tenho esperança do seu efeito “Benjamin Button” agir em mim, mas ainda não achei a sua fonte da juventude. Obrigado por ser a minha tia descolada.

Ao meu querido sobrinho, Ravi, o desbravador do quarto do tio Júlio, o arremessador de brinquedos mais lindo do norte, o atleta do Caimbé, o meu cronista. Dedico esse trecho para quando ficar grandinho saber como é amado pelo seu tio, que embora não compartilhe os seus abençoados genes, compartilha memórias e carinhos que guarda com muito amor.

Para Miguel Progênio, o homem absurdamente interessante. Primeiramente, não canso de admirar o quanto és dedicado em ser mestre em tudo que simplesmente bater o olho. Além disso, apenas com muita teoria *queer* para entender a complexidade das suas performances que tanto me cativam. Admirador da arte que sou, apenas um artista para me mostrar a beleza do mundo neste caminho tortuoso. Obrigado por ser mais que um amigo, afinal, superar expectativas é seu *modus operandi*.

À Maria do Perpétuo Socorro Progênio, entre conselhos e bruxarias, preciso agradecer o quanto foste essencial no meu caminho. Uma sogra me aceitou logo de cara, fico feliz em ser seu genro. Além disso, é uma mulher que parece lembrar de todas as vidas passadas de tanta habilidade acumulada. Espero um dia chegar próximo do nível de reconhecimento que

conquistaste. Em referência ao seu estado de origem, quero dizer que és uma verdadeira amazona, uma mulher guerreira capaz de tudo.

Agradeço à Sara Villar, que com os cortes da CAPES, virou a incentivadora desta pesquisa ao me ajudar num suado processo de sobrevivência da vida adulta decorando festas, enchendo balões, elaborando arcos, carregando equipamentos, aguentando clientes, mas sempre fofocando para aliviar o dia de trabalho. Associo você a festas e riquezas, praticamente uma deusa nortista da fartura. Obrigado por ter me agraciado com a sua proteção.

Para Luis Augusto (o Guto), Natália Alfaia e Alana Albuquerque, meus amigos que o estudo do passado me deu, agradeço as discussões, as fofocas acadêmicas, as mesas de bar e as orientações sobre como caminhar pelo curso sendo o gigante perdido que sou. Obrigado por vibrarem comigo por saberem o quanto eu amo pesquisar o meu tema. Enfim, que Clio continue a abençoar nossos trabalhos.

A um grupo muito querido, a *Resistência do Banho* que surgiu de forma espontânea, sendo comum desde o início me fazer viver experiências que sempre quis riscar da minha lista imaginária de adolescência. Sou grato pelo luau no igarapé, a fogueira com marshmallows, as viagens, as crises de riso, as corridas na chuva e todo o resto que me fazem produzir muita alegria. Então, Miguel, Azrael, Maurício, Lucas e Rafa, muito obrigado por aceitarem o meu jeitinho.

Para minha orientadora, Dr^a Cristina Donza Cancela, minha gratidão por ser a diva acadêmica que um menino aspirante a historiador se encantou logo de cara em meados de 2013. Sou grato pela oportunidade de ter sido seu bolsista no RUMA, que tanto me aperfeiçoou enquanto pesquisador. A sua orientação repleta de *tough love* foi sem dúvidas um dos elementos importantes para a construção desta dissertação. Obrigado por sempre me pôr no chão quando me perdia nas minhas ideais, assim como por sempre alimentar a minha curiosidade acadêmica.

Agradeço à Adineia Viriato por ter cedido horas da sua rotina ocupada para corrigir a minha dissertação desde a qualificação. Além da gratidão, carregarei comigo os ensinamentos que agora marcam a minha escrita, assim como a confiança gerada pelos elogios. Enfim, muito obrigado pela ajuda importante e inesperada que tanto amadureceu a minha trajetória acadêmica.

“Eu tenho fé

Que um dia vai ouvir falar de um cara que era só um Zé

Não é noticiário de jornal, não é

Hoje ele é uma puta mulher”

(URIAS. **Meu mundo é o barro**. São Paulo: Warner Chappell. 2008.)

RESUMO

O cerne da presente investigação se encontra na crescente historiografia *queer*, ao analisar as representações de mulheres trans e travestis no jornal paraense Diário do Pará na década de 1980, anos considerados determinantes na construção de identidades e expressões de gênero desviantes da heterocisnormatividade. Com a queda da censura do regime militar, revoluções farmacêuticas e o interesse da mídia, os jornais apontam um “modismo” em torno da figura da travesti, da transexual, do transformista, entre outros sujeitos que são categorizados em meio a quebras e resistência terminológicas e identitárias. Ocorre, neste período, constantes tensões sociais, econômicas e étnicas entre a representação da mídia e o sujeito representado. Portanto, enquanto abordagem teórico-metodológica, a pesquisa utiliza a teoria *queer*, a qual é aliada aos pensamentos foucaultianos sobre poder e discurso enquanto prática, enquanto arcabouço teórico para analisar as reportagens do Jornal Diário do Pará. Assim, acrescido de um intuito de leitura a contrapelo das fontes do periódico, problematiza-se as estratégias de controle e resistência em discursos midiáticos regionais no que tange a midiaticização de corporeidades e vivências de mulheres trans e travestis. Sendo possível entender como a representação transfeminina é plural, marcada pela ambiguidade e apresentada enquanto fonte de violência física e simbólica, onde o ambíguo é apresentado enquanto fator essencial para o fascínio sobre pessoas transfemininas nas seções sobre shows, casos policiais, internacionais e política.

Palavras-chave: História trans; Transfeminilidades; Periódicos.

ABSTRACT

The core of this investigation lies in the growing queer historiography, examining the representations of trans women and travestis in the newspaper "Diário do Pará" in the 1980s, a decade considered pivotal in shaping identities and gender expressions deemed deviating from heterocisnormativity. With the end of censorship under the military regime, pharmaceutical revolutions, and media interest, the newspapers point to a "fad" surrounding the figures of travestis, transsexuals, transformists, and other subjects categorized amid terminological and identity shifts, giving rise to constant social, economic, and ethnic tensions between media representation and the represented subjects. Therefore, as a theoretical and methodological approach, the present research employs queer theory, which aligns with Foucauldian notions of power and discourse as practice. Thus, in addition to a "against the grain" intention of the periodical sources, this study problematizes the strategies of control and resistance within regional media discourses concerning the mediatization of the bodies and experiences of trans women and travestis. This allows for an understanding of how transfeminine representation is diverse, marked by ambiguity, presented as a source of both physical and symbolic violence, where this ambiguity is presented as an essential factor for the fascination with transfeminine individuals in sections covering shows, criminal cases, international affairs, and politics.

Keywords: Trans History; transfemininities; Periodicals.

LISTA DE IMAGENS

Imagem 01: Christine Jorgensen antes e depois de transicionar.

Imagem 02: Nota sobre ação policial contra o *trottoir* na Praça da República em 1984.

Imagem 03: Fotografia de cinco travestis presas com a legenda "Polícia continua prendendo os travestis que infestam a Praça".

Imagem 04: Fotografia de uma travesti presa com a legenda "Travesti faz pose erótica, ao ser fotografado a caminho do xadrez".

Imagem 05: Manchete do Diário do Pará intitulada "*Troca esposa pelo amor do travesti*".

Imagem 06: Trechos do videoclipe da música "Close" de Erasmo Carlos com participação da modelo Roberta Close.

Imagem 07: Nota sobre a música "Close" de Erasmo Carlos.

Imagem 08: Anúncio de livro que será escrito por Roberta Close.

Imagem 09: A faixa "MULHERES, JÁ" no desfile de Roberta Close.

Imagem 10: Manchete intitulada *Contra o sistema Roberta Close* por Carlos Chagas.

Imagem 11: Tirinha "Nonô das candongas" sobre a bolsa da personagem Aida.

Imagem 12: Tirinha "Nonô das candongas" sobre a "onda de AIDS".

Imagem 13: Tirinha "Nonô das candongas" sobre conversas relacionadas à AIDS.

Imagem 14: Magda Strass.

Imagem 15: Anúncio de festa com artistas travestis.

Imagem 16: Magda de saia e blusa branca sorrindo com uma legenda elogiosa.

Imagem 17: Wandyr Dorlysk acompanhada de Léa Show na Boate Ypacary.

Imagem 19: Cobertura midiática da amputação sofrida por Léa Show.

Imagem 20: Manchete "Léa Show em São Paulo" e fotografia de Léa sobre ir morar com a família em São Paulo devido encerrar seus shows em Belém.

Imagem 21: Baile dos invertidos no Rio de Janeiro 1974.

Imagem 22: Fotografia de Magda Strass performando e ao lado uma legenda sobre seu ganho de peso.

Imagem 23: Léa Show em apresentação na boate NostroMundo (SP) dublando *Slave to the rhythm* da cantora Grace Jones.

Imagem 24: Notícia policial sobre tentativa de suicídio por suspeita de HIV.

Imagem 25: "Bonecas assaltaram na praça".

Imagem 26: Matéria sobre travestis presas.

Imagem 27: Manchete sobre o espancamento de uma travesti feita por um sujeito não-identificado.

Imagem 28: Manchete com a foto demonstrando a violência conjugal que uma travesti sofreu.

Imagem 29: Manchete sobre travesti esfaqueada com foto da vítima em uma maca de pronto-socorro.

Imagem 30: Manchete sobre Simone, com uma imagem de seu rosto acima do texto jornalístico.

Imagem 31: Matéria de capa estampando o peito baleado de uma travesti agredida

Imagem 32: Manchete com foto das “bonecas” que estavam se organizando contra os casos de violência em Belém contra travestis e homossexuais.

Imagem 33: Na capa do jornal, prévia da matéria sobre o assassinato de Claudinha.

Imagem 34: Manchete completa sobre o assassinato de Claudinha com fotografias da morte da travesti e da presença dos irmãos da vítima ao Pronto Socorro que estava seu corpo.

SUMÁRIO

RESUMO	10
ABSTRACT	11
LISTA DE IMAGENS	12
INTRODUÇÃO	15
CAPÍTULO I - O perigo travesti nas folhas de jornal	23
1.1. O interesse midiático em narrativas trans: crimes, fugas e denúncias	23
1.2 Transfeminilidades e os perigos do corpo	34
1.2.1 O feminino em conflito com as novas identidades.....	45
1.2.2 O temor de um sistema travesti.....	49
1.3 O corpo travesti no pânico social da epidemia de AIDS.....	52
CAPÍTULO II: Elas têm nome e talento: os shows travesti em Belém do Pará.....	59
2.1. A estrela Magda Strass	60
2.2 Eis Léa Show.....	68
2.3 Expectativas e cobranças na espetacularização da travestilidade	74
2.4 O espetáculo não pode parar: O impacto da Aids nas narrativas sobre shows travesti.....	83
CAPÍTULO III - A espetacularização da violência enquanto vitrine de identidades.....	90
3.1 O Diário de travestis encarceradas no regime fármaco-pornográfico	91
3.2 Entre o cômico e o trágico em notícias sobre travestis violentadas	102
3.3 “A praça está de luto”: mudanças de roteiro no <i>script</i> de narrativas trans sobre travestis violentadas.....	109
4. Considerações finais	123
5. FONTES	128
6. Referências Bibliográficas	132

Introdução

Em um contexto de expansão historiográfica sobre comunidades trans, a presente pesquisa adentrou no acervo digital da Biblioteca Nacional em busca de discursos a respeito da representação de mulheres trans e travestis na década de 1980 presentes nas folhas digitalizadas do Diário do Pará. Desde sua fundação em 1982, o jornal apresenta forte influência em Belém, possivelmente devido as ligações dos fundadores com as elites políticas e econômicas da cidade. O recorte temporal de 1980 a 1990 é utilizado devido ser um período marcante a respeito da representação transfeminina, pois é a década ligada a midiaticização de mulheres trans e travestis, entendida na época enquanto um “modismo” que alavancou a carreira de pessoas transfemininas, assim como construiu discursos relevantes a respeito das comunidades abordadas.

Enquanto pesquisador, o interesse por investigações a respeito das comunidades trans surgiu na graduação como uma maneira de adentrar às discussões sobre gênero e sexualidade através do tempo. Inicialmente, em 2015, na procura por um tema específico, entrei em contato com a temática através de uma postagem *online* que indagava: "Apenas um lembrete: homens trans também engravidam". Esta afirmação me gerou um grande impacto ao gerar me fazer questionar sobre os limites do meu conhecimento acerca das questões trans que, supostamente, devia ser óbvia para quem lia sobre transexualidades, a existência de homens trans grávidos.

Em vista disso, parti na procura por textos acadêmicos a respeito da transmasculinidade em diferentes plataformas *onlines*. Porém, para minha frustração, a produção em torno de sujeitos transmasculinos era escassa. No âmbito dos historiadores, o vazio era de maior notoriedade, com uma tímida produção sobre o passado transmasculino, como a de João W. Nery com Eduardo Maranhão Filho (2013) sobre a *internet* como espaço de interação e organização política dos *transhomens*. Logo, meu interesse migrou para a produção de textos sobre homens trans e sujeitos transmasculinos.

Posteriormente, escrevi um primeiro artigo sobre a trajetória dos estudos brasileiros, de diferentes áreas, acerca dos homens trans. A partir deste primeiro esforço exploratório, percebi tanto uma tendência historiográfica em abordar o silêncio em torno de produções sobre pessoas trans, como a destacar a importância de escrever sobre suas vivências. Portanto, naquele momento inicial, temendo um vício metodológico de denunciar tendências acadêmicas sem produzir textos que explorem as potencialidades das comunidades trans enquanto interlocutores, durante a elaboração da monografia, decidi analisar periódicos que repercutiram

na década de 1980 a publicação da autobiografia do primeiro homem trans operado no Brasil, João W. Nery.

O processo de procura por fontes na hemeroteca digital da Biblioteca Nacional mostrou-se desafiador ao fornecer além de fontes sobre o tema, a descoberta da necessidade de criar habilidades para buscar informações sobre um objeto de pesquisa envolto em múltiplas terminologias, discursos biologizantes, estratégias narrativas, violências simbólicas e resistências vistas em leituras a contrapelo. Assim, na produção desta dissertação, este aprendizado se mostrou útil, principalmente em um cenário pandêmico, onde se tornou fundamental a utilização de acervos digitais.

A mudança de uma investigação sobre transmasculinidades para outra em torno de transfeminilidades, é fruto das buscas por fontes relacionadas a homens trans em periódicos. Isto se explica, pois, durante a pesquisa, entrei em contato com fontes interessantes sobre mulheres trans e travestis que, aliado às potencialidades em torno das transfeminilidades, gerou a mudança temática da dissertação.

Investigações a respeito das identidades desviantes possibilitam aos pesquisadores elaborar problematizações que abordam os limites do sistema binário de gênero, que questionam a natureza dos discursos produzidos, que ressaltam as estratégias de controle e resistência referentes ao controle dos corpos, entre outras questões. Sendo comum o emprego da transdisciplinaridade para cobrir a pluralidade em torno das pesquisas sobre os chamados “temas trans”.

A pluralidade pode ser entendida enquanto marca da proposta da presente pesquisa, visto que são plurais as categorias de designação, as disciplinas empregadas, os discursos estudados e as vivências transfemininas analisadas. Ainda, ocultamento das múltiplas dinâmicas a respeito da transexualidade e travestilidade é uma tendência antiga, oriunda do final do século XIX, início das discussões sobre os sujeitos entendidos patologicamente enquanto “invertidos” e praticantes de “transexualismo”. Portanto, a presente pesquisa pretende combater este formato de perspectiva estigmatizante (PERELSON, 2011; VEIGA & GUZZO, 2016; DE AGUIAR & DE JESUS, 2021).

Os “temas trans” têm fortes ligações com o uso do passado, uma vez que estudos sobre sociedades antigas que apresentavam sujeitos fora de uma binaridade de gênero foram utilizados enquanto argumento para defender a existência e dignidade de sujeitos trans da atualidade (CARVALHO & CARRARA, 2013; BENTO, 2014). Porém, não foram os historiadores os pioneiros desta tática metodológica de desestigmatização de identidades, sendo os estudiosos das ciências “psi” e da antropologia os primeiros a procurar entender “o fenômeno

transexual”. Este esforço se inicia na metade do século XX, através de uma óptica plural, interdisciplinar, interseccional e trans-inclusiva.

Com a virada do século e o crescimento de universidades federais no Brasil, houve o aumento do número de investigações históricas que, por consequência, possibilitou a investigação de temas plurais, como os ligados a travestilidade. Em vista deste cenário, ocorreu nos anos 2010 a expansão de produções de historiadores que trabalham com temáticas ligadas as populações trans. Além disso, nota-se o impacto das discussões fomentadas por programas de televisão, popularização de transfeministas nas redes sociais, *memetização* de sujeitos trans e a expansão de políticas públicas trans-inclusivas (VEIGA & GUZZO, 2016; CARVALHO, 2017; NASCIMENTO, 2018).

Entendida como trans-historização, o processo de acrescentar estudos sobre comunidades trans na historiografia pode ser enriquecedor ao estudo do passado ao possibilitar problematizações que desafiam concepções de corporeidade, temporalidade e identidade nos diferentes períodos da história (VEIGA & GUZZO, 2016). Dito isso, nesta pesquisa procuro adentrar os temas trans enquanto uma maneira de ajudar na construção de um passado de uma comunidade marginalizada, assim como demonstrar como conceitos sócio históricos podem ser utilizados para pensar a temática das transfeminilidades na década de 1980 e os limites de suas aplicações conceituais.

Posto isso, debruço-me sobre os pensamentos de Michel Foucault (1999) no que tange a produção de discursos, os quais são entendidos pelo autor enquanto práticas que constroem e moldam conhecimentos, modos de viver e fazer na sociedade. A respeito da pesquisa de sujeitos marginalizados por práticas desviante das normas de gênero, Foucault disserta que, desde o final do século XIX, o poder que procura controlar corpos e vivências, o biopoder, adentrou a intimidade dos sujeitos no intuito de estipular padrões de normalidade e de transgressão.

Os pensamentos foucaultianos funcionam enquanto base para as análises propostas ao desnaturalizar os discursos produzidos pela mídia, instituição dotada de poder capaz de produzir e divulgar conhecimento. Identifica-se, através da mídia, um processo que seleciona, apaga e constrói concepções que interferem nas relações sociais no tratamento de determinado sujeito ou comportamento. Portanto, essenciais em uma metodologia que procura tratar sobre discursos produzidos acerca das transfeminilidades na década de 1980 a partir do jornal Diário do Pará.

Além dos ensinamentos de Foucault, a pesquisa utiliza os estudos de Butler (2018; 2020), Paul Preciado (2013) e Fausto-Sterling (2002) sobre a importância metodológica de problematizar gênero enquanto categoria inventada, mas sem prender o corpo em um estado de passividade epistemológica. Ao dissertarem sobre a importância de entender as relações entre

o corpo, a identidade e o contexto sócio-histórico dos sujeitos, os autores defendem que o corpo participe dos debates de forma ativa. Ao ser entendido como elemento dotado de influência na identidade de gênero dos sujeitos, ele não é apenas receptáculo passivo das concepções socioculturais.

Segundo Butler (2020), a matéria que constitui os corpos não deve ser ignorada em preterimento de argumentos que focam em elementos metafísicos, como os papéis de gênero. A matéria, enquanto conceito referente a natureza ou a verdade, segundo a autora, já sofre as interferências culturais ao ser entendida, analisada e sistematizada, demonstrando a inexistência de uma neutralidade epistemológica pré-discursiva. Portanto, procura-se desnaturalizar os discursos biologizantes direcionados a travestis e mulheres trans que, através de concepções que padronizam os corpos, constroem as corporeidades transfemininas enquanto desviantes de uma ordem supostamente natural, moral e estável.

Em “Fenomenologia da Percepção”, o filósofo francês Maurice Merleau-Ponty (1999) aponta as potencialidades da instrumentalização do corpo enquanto elemento dotado de agência, isto é, que participa das formações de subjetividades e relações do sujeito com o mundo e para si. Em relação ao estudo do passado, os pensamentos do autor podem auxiliar em investigações sobre como as corporeidades agem no processo histórico de construção de identidades (MERLEAU-PONTY, 1999 *apud* SOARES *et al*, 2015). A partir disso, somada às concepções butlerianas sobre o papel das corporeidades nas performances de gênero, as transfeminilidades são analisadas no discurso midiático com o intuito de mapear e problematizar como as corporeidades de mulheres trans e travestis são representadas (BUTLER, 2020).

Partimos de concepções que apontam para o papel do discurso na construção de corporeidades, assim como da capacidade do corpo em afetar a produção de discursos a respeito do sujeito. Nesse sentido, tem-se aqui a compreensão de que o sujeito está em um constante trânsito entre ser fonte e alvo de significados.

Influenciada pelos pensamentos butlerianos, Anne Fausto-Sterling (2002) entende que inserir o corpo na equação de problematizações sobre gênero é adentrar num terreno intelectual visto com receio por autores *queer*, principalmente, devido a um receio epistemológico em reforçar concepções biologizantes. A autora reafirma a necessidade de quebrar com visões do corpo enquanto elemento pré-discursivo, assim como as que isolam o corpo material enquanto

elemento passivo. Portanto, Fausto-Sterling (2002) apresenta, em seus dualismos em duelo, que o corpo pode ser entendido enquanto influência, um elemento material que interfere nas relações de gênero, tornando-se enriquecedor para a discussão presente.

Para Paul Preciado (2013, p. 269), a sociedade contemporânea, por volta da década de 1960, produziu tecnologias de gênero e fluxos informacionais que modificaram as dinâmicas dos sujeitos com seus corpos. Por consequência, surgiu um terreno fértil para novas identidades. Influenciado por Foucault, que disserta sobre como “o tempo adentra o corpo” e dinamiza as relações entre os dois, Preciado (2013, p. 269) cunha o conceito de tempo *fármaco-pornográfico*, que faz referência “aos processos de um governo biomolecular (fármaco) e semiótico-técnico (pornográfico) da subjetividade sexual – dos quais o anticoncepcional e a Playboy são dois filhos paradigmáticos”. Este conceito beneficia o estudo do passado trans e travesti ao assimilar as relações de quebras e continuidades entre a mídia, o corpo e as revoluções farmacêuticas na construção de identidades.

Problematizações que acrescentam a materialidade do corpo, na presente dissertação, são realizadas mediante o entendimento do impacto gerado nas normas sociais das corporeidades modificadas pelas tecnologias de gênero da segunda metade do século XX. Ao serem adotados como objeto de pesquisa, os corpos de mulheres trans e travestis demonstraram as fragilidades e brechas em torno de concepções binárias de gênero e sexualidade, visto que as corporeidades transfemininas, com o acréscimo das inovações clínicas e farmacêuticas, começaram a adquirir atributos físicos consideradas impossíveis ao corpo transfeminino, a exemplo das alterações genitais e de características sexuais secundárias.

Para tal, a pesquisa elege como fonte de estudo as folhas do jornal Diário do Pará que, como o nome sugere, define-se enquanto um jornal de temas plurais, publicado diariamente e que aborda principalmente questões referentes ao estado do Pará, com foco na capital do estado. Por apresentar uma estrutura formada por seções individualmente divididas que discutem temáticas específicas como economia, esportes, casos policiais, entretenimento, saúde, entre outros, o jornal é entendido enquanto um jornal generalista. Portanto, para analisar o jornal em questão, torna-se necessário entender a pluralidade presente tanto nas categorias de designação, quanto na estrutura plural do jornal (MARCHETTI & SERRA, 2020).

Segundo Dominique Marchetti e Pedro Serra (2020, p. 247), os jornais generalistas apresentam uma produção que foca nas qualidades ligadas diretamente ao ofício jornalístico, como a rapidez, escrita carismática, audácia e disponibilidade. Por consequência, o jornal generalista favorece uma escrita acessível ao grande público, o que desprivilegia discussões

complexas feitas por especialistas. O intuito é criar pontes entre o periódico e o leitor a respeito de temas variados, o que potencializa o interesse a respeito do jornal ao ser dotado de múltiplas temáticas.

Estruturado em cadernos, as seções do Diário do Pará apresentam um jornal cuja pluralidade afeta a representação transfeminina, logo, representações em si. Assim, elas apresentam continuidades e descontinuidades, dinâmicas próprias e contradiscursos adequados a singularidade de determinado caderno. Assim, entre os objetivos da pesquisa, existe o interesse em identificar e problematizar as representações transfemininas em vista da qualidade generalista do jornal.

A respeito das representações de mulheres trans e travestis, as fontes são analisadas de acordo com os ensinamentos do historiador francês Robert Chartier (1991), com foco nas potencialidades de suas ferramentas conceituais e metodológicas (BARROS, 2003, p. 157). Segundo o autor, através de sistemas simbólicos, as representações são mediadoras das relações entre as pessoas e a realidade ao redor. Com origens ligadas a contextos sócio-históricos distintos e conflitantes, dotados de estratégias simbólicas, as representações são capazes de moldar as percepções e relações, internas e externas, do sujeito. Portanto, elas são aqui entendidas enquanto “matrizes de práticas construtoras do próprio mundo social” (CHARTIER, 2011, p. 183).

O caráter dinâmico das representações, segundo Chartier (1991), enriquece o debate ao demonstrar um entendimento que as categorizam para além de um mero reflexo da realidade social. Pois, o autor defende que as representações existem em um cenário repleto de concorrências e competições aplicadas por estratégias simbólicas, produzindo lutas de representações que são ligadas a “interesses sociais, imposições e resistências políticas, com as motivações e necessidades que se confrontam no mundo humano” (CHARTIER, 1990, p. 17 *apud* BARROS, 2003, p. 165).

Ao entender como as representações são formadas por discursos conflitantes dotados de interesses sociais, a produção de discursos que constroem as representações sobre as transfeminilidades no Diário do Pará são analisadas enquanto passíveis de quebras e permanências. De acordo com o contexto histórico e tema abordado, assim como sujeitos em questão, as notícias publicadas pelo jornal podem apresentar representações que seguem uma espécie de roteiro de narrativas trans, porém sendo possível identificar fugas de roteiro que demonstram o caráter dinâmico das representações.

Segundo Elias Veras (2020), as narrativas midiáticas em torno de sujeitos trans podem seguir uma espécie de *script*, o qual foi identificado a partir de análises de padrões narrativos

em discursos da mídia brasileira sobre travestis na década de 1980. De acordo com o autor, os elementos do roteiro podem ser a exposição do nome de registro do sujeito para contrastar com a identidade feminina; abjeção do indivíduo por meio da estigmatização de identidades; enquadramento da existência travesti nos cadernos policiais, associando a imagem transfeminina à violência; entre outros elementos marcados pela violência física e simbólica.

Através da semiótica, as fotografias empregadas em notícias do jornal abordado, são analisadas enquanto fonte histórica que possibilita um olhar em torno da corporeidade de sujeitos marginalizados em decorrência de sua relação corpo-identidade. Ao entender que fotografias escapam de intenções objetivas e imparciais, torna-se possível problematizar as construções imagéticas em acréscimo aos discursos produzidos, que constroem representações plurais.

Assim, por meio da prosa e da fotografia, considerando a estrutura em que são aplicadas, mulheres trans e travestis ganham representações midiáticas, embora inicialmente como um alvo. Existe uma dualidade nessa representação, pois, enquanto o jornal elabora discursos que procuram justificar as ações estigmatizantes contra pessoas transfemininas; possibilitam uma espécie de vitrine de identidades ao abordar sua existência enquanto personagens da trama cotidiana da cidade.

Investigações históricas de sujeitos marginalizados dialogam com a proposta de Walter Benjamin (1987) a respeito de uma “história a contrapelo”, que luta por uma historiografia a qual é contra as tentativas de apagamento cultural promovidas pelas hegemonias. Assim, com base na atitude revolucionária de Benjamin (1987), acrescenta-se os debates de Butler (2018) de sujeitos sob uma hegemonia heteronormativa, elencado aos pensamentos de Chartier (1991) sobre o cuidado com as fontes no estudo das representações, para analisar as folhas do Diário do Pará em uma leitura a contrapelo no que tange as representações de mulheres trans e travestis na década de 1980.

Com o aporte documental e metodológico utilizado, torna-se possível analisar a representação transfeminina em um contexto regional em diálogo com o global. Ao entender o Diário do Pará enquanto um registro das identidades transfemininas, surge uma espécie de “Diário das trans” que demonstra por uma via midiática as vivências, violências e resistências de mulheres trans e travestis em Belém, num período marcado pelo sensacionalismo e abjeção. Porém, apesar disto, possibilita o contato a outros olhares através de fotografias e discursos a respeito de existências além da cisgeneridade. No caso das travestis e mulheres trans, existindo representações em volta do perigo, do *glamour* e do trágico.

No primeiro capítulo, aborda-se como a representação midiática em torno de sujeitos transfemininos na década de 1980 é ligada ao conceito de *perigo*. Um perigo multifacetado que explora o estigma travesti ao procurar validar a perseguição policial contra travestis praticantes de *trottoir*; além da prostituição, associa a figura da travesti a crimes supostamente praticados por elas contra transeuntes, os “cidadãos de bem”; categoriza a identidade transfeminina enquanto perigosamente ambígua; e com a epidemia de Aids, um perigo biológico, devido a tentativas discursivas de endemizar o HIV ao corpo travesti (NICOLAU, 2021).

No segundo capítulo intitulado “*Elas têm nome e talento: os shows travesti em Belém do Pará*”, é discutido como a teoria *queer*, ao abordar como sujeitos desviantes são alvo de estratégias narrativas heterocisnormativas, as combatem através de estratégias sociais que interferem na sua representação. A presença transfeminina em espetáculos noturnos da capital paraense podem categorizá-los enquanto espaços de heterotopia. Apresenta-se duas divas da boemia belenense, Magda Strass e Léa Show, assim como o impacto do pânico social com a AIDS pela ótica da midiaticização de sujeitos trans que realizavam espetáculos na capital.

Em “*A espetacularização da violência enquanto vitrine de identidades*”, terceiro e último capítulo desta dissertação, aborda-se como o Diário do Pará, na década de 1980, produziu discursos a respeito de travestis violentadas. Nesta parte da pesquisa, são analisadas manchetes que abordam casos de violência contra corpos trans, seja na perspectiva de denúncia por parte do jornal, seja pela leitura a contrapelo. Entre as fontes encontradas, as violências transfóbicas apresentam uma tendência de aparecer de maneira secundária no texto jornalístico, que prioriza uma escrita a qual utiliza do *grotesco cômico* para construir narrativas de travestis e mulheres alvo de ataques simbólicos, de tentativas de homicídio, abuso policial, assassinato etc.

Capítulo I: O perigo travesti nas folhas de jornal

“Como providência prioritária, foi tomada a medida saneadora: travesti não tem mais vez no elenco da casa. Só mulher, e de primeira qualidade. Não é questão de contaminação de Aids. É que mulher é bem melhor, e não cria caso, fato comum quando gays fazem parte do espetáculo”¹

Neste capítulo são analisadas as folhas do Diário do Pará de seções ligadas a violência, política, humor e entretenimento, que se mostram carregadas de discursos sobre sujeitos trans possibilitando uma investigação, principalmente, a respeito de corporeidade, uma vez que discussões sobre corpos trans são abundantes devido o sensacionalismo a respeito dos trajés, do *sex appeal*, da violência física, da antagonização feminina, da ambiguidade sexual e “perigo biológico” associado à epidemia de HIV/AIDS.

Ao contextualizar o processo de mediação do sujeito trans, o capítulo procura abordar como a representação transfeminina no jornal estudado reflete uma matriz contextual global de fascínio e abjeção a respeito de mulheres trans e travestis. Além disso, foge de uma representação simples, pois as fontes apontam para diferentes facetas do estigma abordadas pelo jornal, que procurou categorizar as transexualidades e travestilidades enquanto identidades desviantes.

O “perigo” que consta no título do capítulo permeia os tópicos ao demonstrar como a representação transfeminina é construída enquanto um ataque, um atentado, um risco a sociedade em geral, seja por suas ações, seja pela sua existência. É discutido como o perigo travesti, englobando a transexualidade, pode ser acionado pelas narrativas criminais que centram sujeitos trans a um ataque às concepções de masculinidade e feminilidade e a um perigo epidemiológico, devido a associação duplamente estigmatizante entre travestilidade e a infecção pelo HIV.

1.1. O interesse midiático em narrativas trans: crimes, fugas e denúncias

Desde a década de 1960, no terreno duro de um regime autoritário, começam a florescer novos movimentos identitários, maneiras inéditas de entender o próprio corpo, termos recém-formulados, entre outras novidades. Paralelamente, novos estigmas surgiam, como é de praxe no jogo constante das relações humanas, desta forma, acompanhando também as mudanças

¹ QUEIROZ, Carlos. Somente mulher. Shows. Diário do Pará. Edição 965. 27 dez 1985.

identitárias. Assim, a segunda metade do século XX caminhava, com conflitos e resistências, celebrações e apagamentos, arte e censura.

Conhecido no imaginário brasileiro enquanto uma prática, uma forma de atuar em teatros de comédia, um tipo de fantasia carnavalesca, durante o século passado, o termo “travesti”, no Brasil, começa a receber significados para além de um “fazer” e adentra no território identitário do “ser”. Segundo James Green (1999), devido a tradição brasileira de homens irem *a travesti* no carnaval, ou seja, com roupas e adereços femininos, cria-se um espaço heterotópico de gênero, onde sujeitos podem praticar diferentes formas de expressão de gênero e sexualidade, possibilitando, em certos casos, novos entendimentos a respeito da identidade do sujeito.

Com base em Foucault (2013, p. 116), um espaço de heterotopia ou espaço heterotópico é entendido enquanto um cenário que possui qualidades físicas e simbólicas que possibilitam fugas, desordens, contradições em relação a uma sociedade reguladora de determinada conduta social. Através de sua lógica interna potenciadora de transformações, o espaço heterotópico pode reconfigurar subjetividades e identidades. Assim, semelhantes ao carnaval (FOUCAULT, 2010 *apud* VERAS, 2015), o teatro e as casas de show são historicamente entendidos enquanto espaços de heterotopia de gênero, pois, através do humor, da arte e da paródia, artistas foram capazes de criar personagens femininos em corpos que em teoria deveriam apenas performar de forma masculina. Embora não se apresentassem necessariamente com um viés político, tais performances puderam ser entendidas, à época, enquanto parte da construção do sujeito travesti, da transexualidade e outras identidades. Como esclarece Elias Veras (2015, p. 65): “nas heterotopias da arte de serem outras, as bonecas podiam, mesmo que provisoriamente, viver outras vidas”.

Embora o hábito de *ir de travesti* parta de uma prática entre homens, sem diferenciação de práticas sexuais, com o tempo, ela começa a ser ligada à subcultura de homossexuais da década de 1960 em diante (GREEN, 1999). Por consequência, surge a repressão contra sujeitos considerados perigosos “à moral e aos bons costumes” por realizar tais práticas. Mesmo que de forma esporádica ou cotidiana, eles poderiam ser enquadrados no crime de falsidade ideológica (DE AGUIAR, 2020)

Segundo o Relatório da Comissão Nacional da Verdade (CNV), o regime militar brasileiro aplicou operações policiais contra sujeitos eleitos enquanto “vadios” e “ameaças aos

bons costumes”². Como a historiografia sobre o período aponta, as justificativas institucionais funcionam como código referente a travestis, homossexuais, lésbicas, bissexuais e outros sujeitos entendidos enquanto suficientemente “desviantes” (QUINALHA, 2017, p.25). Uma estratégia de controle que procurava legitimar violências através da abjeção de comunidades marginalizadas pelo não-enquadramento em normas heteronormativas (COSTA E BRITO; p.215).

A CNV³ acusa o registro de agentes do estado que realizavam operações violentas em ruas, bares, praças e outros espaços de sociabilidade entendidas enquanto locais frequentados por travestis, seja por autoidentificação, seja por designação externa. Uma perseguição ligada ao crescimento da visibilidade de sujeitos desviantes no cotidiano das pessoas, assim como na mídia, conseguindo aos poucos romper com o silenciamento sistemático.

Durante o século XX, os veículos de comunicação norte-americanos e europeus começaram a divulgar, com um alcance e frequência sem precedentes, a existência de sujeitos que antes eram apenas ouvidos em consultórios médicos (STRYKER & WHITTLE, 2013). Surgem personagens que causam alvoroço tamanho devido ao uso das novas tecnologias de gênero, capazes de afetar os entendimentos do senso-comum sobre os papéis de gênero e corporeidade.

Imagem 01: Christine Jorgensen antes e depois de transicionar.



Fonte: BBC News.

² BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. Relatório: eixos temáticos. Brasília, CNV, volume 2 – texto 7. 2014.

³ Ibidem, 2014.

Segundo Genny Beemyn (2013), um destes sujeitos foi Christine Jorgensen (imagem 01), que em 1952 ganha a alcunha de “a garota mais falada do mundo”, constantemente apresentada na mídia norte-americana e europeia através de sua fuga de padrões corporais binários de gênero, por ser uma transexual que realizou cirurgias “para virar mulher”. Embora não seja considerada a primeira mulher transexual a realizar cirurgia de reafirmação de gênero, na época chamada de “mudança de sexo”, Jorgensen ganhou tamanha atenção midiática. Frequentemente, os jornais faziam alusão à narrativa de “um homem do exército”, símbolo de masculinidade, que virou uma “linda loira atraente”, padrão de feminilidade branca (BEEMYN, 2013, p. 115).

A fascinação, o receio e o sensacionalismo envoltos na imagem de Christine Jorgensen podem ser entendidos enquanto frutos do contexto sócio histórico estadunidense do período, em que o público cada vez é apresentado às novas tecnologias, como a televisão em cores, o anticoncepcional, bomba atômica etc. Entre outras inovações tecnológicas, ganham notoriedade na mídia as cirurgias e hormônios sintéticos capazes de alterar características físicas até então entendidas enquanto irreversíveis, naturais, fruto de criação divina (BEEMY, 2013, p. 115).

No Pós Segunda Guerra Mundial, conforme os discursos médicos da sexologia, as tecnologias de gênero da indústria farmacêutica e as narrativas dos próprios sujeitos trans adentraram no cenário mundial, incluindo o brasileiro. Os entendimentos de si e as diferentes práticas de viver surgem, sofrem ressignificações ou caem em desuso. O filósofo espanhol Paul Preciado (2013) entende este período enquanto um novo regime temporal, global, pós-industrial e midiático chamado de fármaco-pornográfico.

O uso dos avanços farmacêuticos pelas comunidades trans construíram-se na década de 1980 como fator generificante do corpo travesti, que reflete em discursos autobiográficos de travestis a respeito de seu corpo, como “toda feita”, “travesti de peito”, “viado de peruca” (TUSSI, 2006; VERAS, 2015; PESSOA, 2020). O que remete a alteração corporal como fator determinante de uma identidade ancorada, fixa, de longa duração, fugindo de um entendimento de temporário como no “tempo das perucas”⁴ (VERAS, 2015, p. 25). Porém, como toda temporalidade é dotada de quebras, torna-se comum o uso do termo para designar também

⁴ Influenciado pelo termo de Paul Preciado chamado de “tempo fármaco-pornográfico”, o historiador Elias Veras (2015) cunha o termo “tempo das perucas” referente ao século XX antes da década de 1980 onde “travesti” era entendida apenas enquanto “uma prática eventual, clandestina e restrita aos momentos e espaços privados”, indicando uma questão de “uso” e não de identidade.

sujeitos sem transformações corporais, geralmente, sendo a feminilidade ou prostituição - como fator categorizante como travesti.

Na década de 1960, durante a ditadura militar brasileira, a mídia nacional costumava abordar temas considerados amenos, com frequente divulgação dos acertos do governo e apagamento de temas fora do conservadorismo social do período autoritário, dos quais debates em torno de gênero e sexualidade desviantes da norma eram praticamente inexistentes, seja por censura do governo, seja devido ainda estarem em uma lenta construção em território brasileiro (VERAS, 2013).

Com o afrouxamento da censura nos anos finais da ditadura militar brasileira, cresce a presença de notícias envolvendo os temidos assuntos de cunho sexual “divergente” (SILVA, 2017). Em Belém, assim como em outras capitais neste período, as travestis começaram a ganhar espaço midiático em um constante paralelo entre as travestis famosas por suas capacidades artísticas nos palcos, em contraste com casos policiais que as representavam como uma parcela da população entendida enquanto danosa para o tecido social de uma grande cidade - população esta em crescimento com a migração de pessoas do interior para a cidade. O espaço densamente urbano é historicamente entendido pelas travestis enquanto um ambiente mais acolhedor para identidades desviantes (ANDRADE, 2015).

A urbanização e o êxodo para a cidade são elementos ligados ao crescimento de identidades e expressões de gênero para além do binarismo cisnormativo, visto que a vida em cidades grandes aliena os sujeitos entre si. Ao aumentar a individualidade e ao diminuir o controle familiar, possibilita, por consequência, maneiras de viver que fujam de um policiamento de gênero e sexualidade (TEIXEIRA, 2015, p. 36). O efeito invisibilizar causado pelo grande fluxo populacional e monetário possui seus vícios, mas gera espaços de sociabilidade, onde múltiplas vivências, provida de uma segurança financeira, possam existir de maneira independente, criando uma espécie de “anonimato seletivo” (VELHO e MACHADO, 1977).

Comum em narrativas trans, a viagem para a cidade grande é resultado da equação social que soma o medo da negação familiar, a discriminação social e o desejo de poder expressar - ou construir - uma identidade fora dos moldes limitantes (CARRIJO, 2011; AZEVEDO, 2020). Como o mercado de emprego é historicamente discriminatório de pessoas trans, geralmente, a forma de sobrevivência encontrada pelas travestis do período era o chamado “*trottoir*”,

“calçada” em francês, o que faz referência ao seu significado: a prostituição travesti nas calçadas da cidade (OCANHA, 2014).

Conforme o corpo trans adentrava a mídia, os entendimentos a seu respeito cresciam, recebiam alterações, ganhavam e perdiam espaço entre si em uma luta terminológica para enquadrar uma identidade em um conceito inteligível. O enquadramento da travestilidade e transexualidade funcionava tanto para sanar curiosidade em torno da emergência de novos sujeitos, quanto como maneira de facilitar a mídiatização do sujeito travesti que, segundo os jornais da época, era uma “moda que pegou”⁵.

O estudo de representações de pessoas trans no Brasil mostrou-se enriquecedor para a historiografia brasileira com a adoção de recortes temporais limitados há uma década, e geograficamente, a uma capital, utilizando como fonte histórica, geralmente, periódicos da época escolhida (VERAS, 2015; QUEIROZ, 2014; LOPES, 2016). Para tal, os discursos produzidos pelo jornal belenense Diário do Pará são analisados devido a influência sócio-política e de circulação do jornal em Belém, assim como a década de 1980 é o nosso recorte temporal devido às transformações sociais ligadas à presença de pessoas trans na mídia, surgimento de novas tecnologias de gênero e mudanças de conceituações médicas ligadas ao tema (VERAS, 2015; PRECIADO, 2013) .

Dessa forma, ao analisar a representação em torno das travestis na década de 1980 pelo Diário do Pará, deve-se entendê-la enquanto plural, portanto, representações, devido ao existir um leque de maneiras com que as narrativas jornalísticas abordam travestis e transexuais. Onde o cenário por trás do indivíduo interfere na maneira que será representado, visto que, por exemplo, ter notoriedade artística ou/e alta renda pode ser um fator que influencia na representação. Assim, devido aos cadernos policiais tratarem geralmente de sujeitos marginalizados, as narrativas não partem de um ponto de empatia ou interesse pela vida do sujeito travesti citado, o foco está no seu potencial sensacionalista que, por consequência, auxilia a construção e administração de estereótipos marginalizantes em torno da comunidade estudada.

Ocorre com base em padrões discursivos identificados nas fontes, concepções de travestis do período (em documentários e pesquisas antropológicas) e a bibliografia do tema um filtro metodológico relacionado ao sensacionalismo no discurso jornalístico. O que afastou a

⁵ A noite dos travestis. Shows. Diário do Pará. edição 424. 21 março 1984.

metodologia de pesquisa em abrigar todas as fontes com o uso da palavra travesti enquanto um registro de travestilidade, ao assumir que certos sujeitos abordados não se identificam enquanto travesti. Porém, são feitas problematizações sobre o emprego do termo e espaços de heterotopia sobre as diferenças entre as categorias de designação do período.

Tal preocupação metodológica é pertinente ao evidenciar como a construção discursiva, em torno da imagem travesti, é repleta de quebras que apontam para uma utilização estratégica do termo por parte dos jornalistas. Ao analisarmos a materialidade da fonte, no que diz a respeito ao título das reportagens, ocorre casos de estar escrito no título a palavra travesti, porém, durante a leitura da reportagem e no discurso sobre a identidade do sujeito em questão, a palavra muda para homossexual ou não se repete.

Além disso, os sujeitos narrados apresentam elementos generificantes, como apenas um nome masculino, apresentam barba, utilizam roupas masculinas, referem-se enquanto homossexuais, aproximando-se mais de uma categorização enquanto homem *gay* cisgênero do que uma possível autoidentificação com a travestilidade. Portanto, entendo o uso da palavra “travesti” como uma espécie de ativador de associações estigmatizantes para captar a atenção do maior número de olhos para a manchete.

É possível encontrar uma certa arbitrariedade a respeito do emprego do termo travesti ao ser comumente utilizado em manchetes cujo tópico gira em torno de criminalidade. Nos cadernos de polícia do Diário do Pará, foco deste capítulo, os sujeitos identificados enquanto homem ao nascer, cuja expressão de gênero é entendida enquanto feminina (homens bi/gays afeminados, travestis, mulheres trans), ficavam embaixo do termo travesti, que servia enquanto termo guarda-chuva, principalmente, quando a notícias girava em torno de prostituição.

A associação entre a figura da travesti com a prostituição era feita através de um diálogo da mídia com a experiência cotidiano em mutualidade. Além do espaço midiático, o conhecimento da sociedade em geral a respeito das transfeminilidades pode ser associado a uma questão geográfica, uma vez que centros urbanos desde a década de 1970 apresentam praças, ruelas e avenidas consideradas como espaço de *trottoir*, onde ocorria a prostituição de travestis e de pessoas que, embora não se identifiquem como travesti, eram categorizadas assim pela população e autoridades (GREEN, 1999). Onart (2008, p. 50) disserta que:

“A experiência espacial das travestis desenvolve-se marcadamente por interdições e práticas de apropriação de determinados espaços do urbano por um período de tempo. É nesses espaços apropriados que elas conseguem impor condutas consensuais no grupo e desta forma, instituem os territórios da prostituição travesti. É apenas na prática da prostituição que elas conseguem um tipo de organização grupal capaz de ser reconhecida e

identificada socialmente. Embora haja organizações não-governamentais em que a participação das travestis ocorre, a visibilidade do grupo é constituída pelos espaços apropriados pela atividade da prostituição.”

Um elemento chave nas representações sobre travestis é a discussão em torno do *trottoir* que, embora o nome remeta a algo luxuoso, a prática era entendida pelo Diário do Pará e outros jornais nacionais envolta de uma mistura de degeneração, assaltos e imoralidade (QUEIROZ, 2014; VERAS, 2015; LOPES, 2017). Ao folhear as páginas destinadas aos casos de polícia, apesar de pertencerem a uma baixa porcentagem da população, os casos envolvendo a prática de “trottoir” eram entendidos enquanto motivo da periculosidade e a desvalorização de uma área nobre do centro da cidade, a Praça da República, um ponto conhecido de prostituição travesti.

A degeneração ou perversão apontadas pelos veículos de comunicação surgiam através do embate entre a expressão de gênero travesti em contraposição aos papéis sociais esperados de um homem, gênero que eram associadas. A feminilidade nas vestimentas e comportamentos não era representado como uma expressão de gênero que reafirma um sujeito comum a todos os seres humanos, sendo a “perversão” a motivação encontrada como causa. As cobranças a respeito dos papéis de gênero carecem de uma linearidade, uma vez que o gênero masculino pode ser cobrado arbitrariamente das travestis, devido em certas ocasiões enquadrá-las enquanto homem para silenciar a identidade transfeminina; porém, ocorrendo discursos que as trata enquanto sujeitos que falharam enquanto homens (ALDEMAN *et al*, 2003, p. 83). Por consequência, o desvio de normas sociais pode ser apropriado por narrativas jornalísticas como argumento que procura construir as transfeminilidades como inerentemente desviantes, seja das normas sociais, seja da lei.

Segundo Igor Queiroz (2014), em uma escala nacional e histórica, as travestis são representadas nos periódicos da metade do século XX como sujeitos perigosos à integridade física de transeuntes noturnos, assim como para a preservação da sua índole. Pois, ser associado a uma travesti pode causar uma perda de status social enquanto homem que teve relações com “outro homem”. Uma concepção transfóbica que prejudica a representação da travesti enquanto cidadã e que nega sua identidade, porém, apropriada pelas travestis enquanto estratégia social para realizar assaltos ou garantir o pagamento de um programa ao se aproveitarem que determinado sujeito não desejava ser visto com uma travesti, portanto, age conforme o exigido.

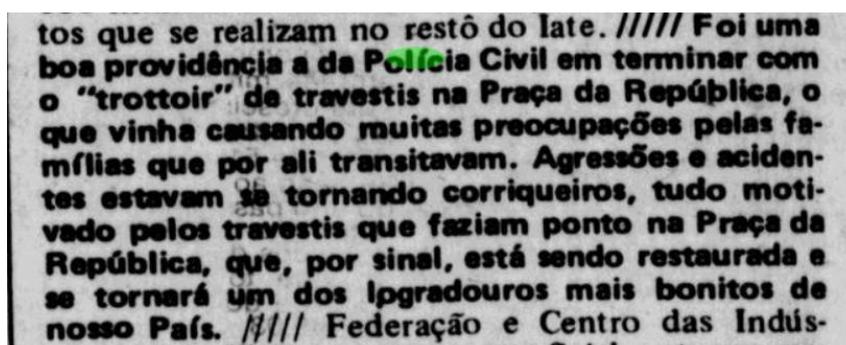
Como podemos ver na fala do delegado Rafael Bezerra, em reportagem para o Diário do Pará em 1989:

FALA DELEGADO: O delegado Rafael Bezerra explicou que esse tipo de assalto já vem ocorrendo há muito tempo. O pior, conforme aquele policial, é que muita gente acaba caindo no que os bandidos querem e lhes dão mesmo tudo o que têm de valor para evitar escândalo. “Quem quer ser visto com um travesti dentro de seu carro?”, pergunta o delegado. Eles entram pela porta do lado do motorista e passam a gritar dentro do veículo pedindo dinheiro do pagamento do programa que nunca aconteceu⁶.

Sendo assim, os discursos das autoridades policiais legitimados pela mídia, o apoio do Estado, como também a abjeção contra corpos trans reforçaram os motivos que associavam os crimes e a vergonha às travestis. Dessa forma, foram construídas representações que procuravam denunciar e culpar de forma estigmatizante a travestilidade quanto aos perigos ocorridos na cidade. Tornou-se comum, tanto num contexto regional, quanto nacional, a produção de manchetes de conteúdo policial sobre travestis em matérias que denunciavam roubos e invasões a domicílios. Além disso, outras denúncias existentes relatavam o “atentado ao pudor” que, para o contexto da época, era o uso de roupas curtas e femininas por indivíduos entendidos como homens, e as frequentes narrativas sobre pontos de prostituição, facilmente identificáveis por quem cruzasse a Praça da República.

Dito isto, identifica-se narrativas do jornal que apontam para uma comoção popular, com direta influência da mídia, nos apelos para operações policiais que retirassem as travestis da Praça da República para acabar com o ponto de *trottoir*. Portanto, no primeiro dia de agosto de 1984, o Diário noticia em uma pequena nota a providência da Polícia Civil contra o uso da Praça da República como ponto de prostituição travesti:

Imagem 02: Nota sobre ação policial contra o *trottoir* na Praça da República em 1984.



Fonte: SEIXAS, João. Curtas. Mundo. Diário do Pará. Edição 535. 01 agosto 1984.

⁶ *Travestis estão assaltando na Praça.* Diário do Pará. Polícia. Edição 2212. 16 agosto 1989.

A operação policial para a retirada das travestis da praça foi tratada como benéfica para a sociedade belenense em geral, ao justificar os crimes violentos da localidade como consequência da presença travesti, assim, as representou como principal fator dos casos de criminalidade e violência, independentemente do número de registros policiais que registram perseguições, homicídios e agressões físicas contra travestis. A respeito da relação entre as denúncias jornalísticas e a polícia envolvendo casos com travestis, Jeferson Ramos (2019, p. 145) afirma que:

Era, a partir desta relação, entre a imprensa e a polícia, que a primeira se instaurava como lugar de vigilância, de controle, de enquadramento criminal, na medida em que buscava responder aos interesses das classes consideradas de bem do centro da cidade e corroborar a necessidade da polícia, mesmo que suas atuações concorressem para a violência e a discriminação de grupos inseridos precariamente na cidade.

Embora o Diário do Pará tenha noticiado um fim da prática de “*trottoir*” no dia 01 de agosto de 1984, quatro dias depois, o jornal publica uma atualização de meia página sobre a situação da Praça da República com a operação policial que retirava sujeitos considerados danosos para a moral e estética do ponto turístico da cidade. Com mais detalhes, o jornal indica que a ação ocorreu por ordem direta do governador do Estado, Jader Barbalho (governador do Pará de 1983 a 1987), para dar continuidade na operação, que prendeu cinco travestis: Lana, Márcia, Cláudia, Kátia e Michelle, cujos nomes são encontrados em outras matérias, além de serem fotografadas pelo jornal:

Imagem 03: Fotografia de cinco travestis presas com a legenda "Polícia continua prendendo os travestis que infestam a Praça"



Fonte: Travestis são presos na Praça da República. Diário do Pará. Polícia. Edição 539. 05 agosto 1984.

Nas imagens ligadas à reportagem, as travestis presas são fotografadas com roupas femininas que utilizavam em seu cotidiano no “*trottoir*”. Uma ocorrência rara, visto que nos cadernos policiais, os signos femininos são substituídos ao máximo por indicativos do gênero designado no nascimento, como o nome masculino e características sexuais secundárias (pomo de adão, ombros largos, formato do rosto etc.), procurando atacar sua identidade como uma espécie de farsa de gênero.

Se nos cadernos de Shows, as travestis têm sua feminilidade enaltecida como atrativo e nome masculino ignorado para não quebrar o *sex-appeal*, nas reportagens policiais o que acontece é a exposição máxima de elementos masculinos para evidenciar a narrativa de perigo travesti. Portanto, utilizam da narrativa do “disfarce”, da paródia de gênero, da “imoralidade” presente em sujeitos que quebram com convenções sociais ao alterarem seu corpo e comportamento para além do considerado aceito.

Imagem 04: Fotografia de uma travesti presa com a legenda “Travesti faz pose erótica, ao ser fotografado a caminho do xadrez”



Fonte: Travestis são presos na Praça da República. Diário do Pará. Polícia. Edição 539. 05 agosto 1984.

Segundo Vinícius Vieira (2014, p. 48), ocorrem casos mediados de crimes envolvendo travestis, no qual existem tensões entre as estratégias de poder do veículo de comunicação, com as estratégias identitárias de travestis. Enquanto o conjunto da denúncia e ridicularização de identidades trans é o interesse da matéria, a representada pode utilizar como estratégia social os próprios elementos ridicularizados pela mídia, ganhando um certo controle da narrativa ao valorizar o que o sistema cisnormativo visa descartar (VIEIRA, 2014, p. 52). Posto isso, uma matéria que procurava representar a travestilidade como perversa (Imagem 04), resulta em uma ressignificação da travesti que realiza uma pose para o fotógrafo do jornal, transformando a matéria policial em uma forma de divulgação de sua sensualidade e senso estético.

1.2 Transfeminilidades e os perigos do corpo

A pluralidade de expressões de gênero encontrada nas corporeidades transfemininas acarreta em diferentes estratégias de resistência para garantir um equilíbrio ou melhora entre as dicotomias do ser, dos limites do corpo, de renda e da medicina moderna. Cada maneira de vivenciar a transfeminilidade aciona e apaga diferentes dinâmicas sociais, mas é possível traçar continuidades em torno, como o interesse midiático a respeito do corpo transfeminino na década de 1980.

A existência do *trottoir* enquanto meio de sobrevivência encontrado por travestis para garantir seu bem-estar financeiro implica na existência de sujeitos interessados em gastar dinheiro com o serviço ao sentirem desejo no corpo travesti. O interesse na prostituição travesti chega a possibilitar viagens internacionais que podem consagrar uma pessoa como “travesti europeia” (KULICK, 2008). Portanto, existe uma demanda em relação ao corpo trans, porém, a mídia paraense da década de 1980 pode ser entendida enquanto alienadora da possibilidade do desejo, afeto e amor a respeito de sujeitos travestis.

Ao falar sobre casos envolvendo relações sexuais com travestis, o jornal estudado aborda a travestilidade como uma ferramenta social capaz de destruir masculinidades. Sendo “salvas”, apenas, através de violência física grave contra a travesti, geralmente levando a sua morte, a fim de apagar qualquer potencial dúvida a respeito da virilidade de um homem cis o qual foi visto com uma travesti. Posto isso, a violência transfóbica apresentada é envolta de uma narrativa que diminui a seriedade do caso ocorrido, com certos casos utilizando um certo humor trágico-cômico às custas da vítima.

Em junho de 1985, o Diário do Pará publica a manchete “Troca esposa pelo amor do travesti”⁷, envolvendo Robson Aquino, um homem que some da convivência com a esposa Ana Pimentel Aquino, para viver com Ray, travesti. Já no primeiro parágrafo, o jornal realiza um juízo de valor que ataca a escolha amorosa de Robson ao abrir mão de sua esposa “por um gay que faz ponto todas as noites na Praça da República”.

Imagem 05: Manchete do Diário do Pará intitulada “Troca esposa pelo amor do travesti”.



Fonte: Troca esposa pelo amor do travesti. Polícia. Diário do Pará. Edição 812. 28 junho 1985.

O jornal segue narrando o caso de Robson, Ray e Ana semelhante a narração de um romance policial com reviravolta e suspense, culminando em um crime quando a esposa encontrou o marido sumido trocando carícias em público com uma travesti, assim, esfaqueando Robson e fugindo. No final da narrativa, o jornal comenta que no Pronto Socorro Municipal, ao ser perguntado sobre o motivo dos cortes de faca, Robson mente e alega ter sido vítima de um assalto.

⁷ Troca esposa pelo amor do travesti. Polícia. Diário do Pará. Edição 812. 28 junho 1985.

Ao analisar as relações entre travestis com relacionamentos estáveis com homens e/ou mulheres cisgênero, Marília Amaral (2017, p. 113) disserta que é comum em relações entre pessoas transfemininas e pessoas cis um longo processo de aceitação e revelação da identidade de gênero da companheira, assim como do entendimento próprio a respeito dos sentimentos direcionados às travestis e mulheres trans. Sendo a represália social um fator constante que pode agir negativamente, retardando o ato de assumir a relação publicamente e que, embora entendam sofrer discriminações que não se igualam às vividas por suas parceiras trans, denunciam haver semelhanças no processo de se assumir enquanto parceiro de uma travesti ou mulher trans (AMARAL, 2017, p. 113):

Para além dessas revelações, produção de conhecimento e de saber sobre o outro e sobre seus sentimentos, é possível afirmar que há ainda uma espécie de revelação, quase que epifânica, experienciada pelos maridos no que se refere à produção de saber sobre si nos encontros com seus desejos. Não em vão, muitas vezes, comparada por eles como uma forma de “saída do armário”

Portanto, entendo que a versão do acontecimento contada por Robson sobre a motivação da agressão que nega a presença de Ray seja ligada à discriminação sofrida por parceiros de travestis, que como uma transfobia indireta, recebem ataques físicos e simbólicos a respeito de sua relação. Assim, o ocultamento serve como maneira de proteger a sua imagem masculina perante a sociedade (AMARAL, 2017). Embora a relação seja escondida em determinadas situações, a notícia é o único registro que apresenta uma relação com demonstração pública de afeto com uma travesti nas fontes encontradas.

Assim como a travestilidade, a transexualidade feminina é enquadrada em um cenário que nega possibilidades de afeto, amor e desejo. Porém, devido a transexualidade ser associada a figuras famosas da mídia nacional da época, a exemplo, Roberta Close e Telma Lipp. Nas narrativas sobre as beldades trans, casos de violências físicas não são tópicos de discussão para os jornalistas, mas ocorre a potencialização da violência simbólica e da sexualização da mulher trans enquanto objeto de desejo nacional publicamente intocável. Isto pode ser observado tanto no jornal estudado, como em outros periódicos (ROSA, 2012, p. 16).

A transexualidade nos anos de 1980 tem sua construção ligada fortemente ao conceito de tempo fármaco-pornográfico, uma vez que tem sua origem associada ao discurso médico de Harry Benjamin. Em seu livro “*The transsexual phenomenon*”, Benjamin (1967) cunha certos termos biologizantes e essencialistas como “transexual verdadeiro” que, embora problemático, para a época, foi encarado como progressista ao indicar o uso de hormônios para atingir

características sexuais secundárias, negando a visão médica anterior de terapias a fim de negar a identidade trans do sujeito.

Na década de 1970, o discurso de “cura do transexualismo” mostrava-se infrutífero, visto que pesquisas na área da saúde falharam em apresentar dados referentes a pacientes cujo tratamento de apagamento de identidades desviantes tenha funcionado. Isto foi realizado em contraposto aos casos apresentados por Benjamin e seus seguidores sobre pacientes trans, que apresentavam melhora significativa na qualidade de vida ao realizar hormonização ou/e cirurgias de afirmação de gênero (BEEMYN, 2013, p. 114).

Com o discurso médico hegemônico sendo moldado por congressos e pesquisas a favor do processo de transição de gênero, cresceu na década de 1980, no Brasil, o número de profissionais que indicavam o tratamento hormonal para sujeitos transexuais, principalmente, mulheres trans. Ocorreram casos que pessoas trans foram voluntariamente operadas por cirurgiões, embora de forma ilegal. Na década citada, o código de ética médica entendia como mutilação o uso de silicones nos seios em casos de mulheres trans e travestis por classificá-las enquanto homens (BENTO, 2006, p. 24).

Ainda na ilegalidade, o acompanhamento médico em cirurgias de afirmação de gênero pode ser considerado como privilégio de pessoas trans de poder econômico elevado, possibilitando cirurgias feitas sigilosamente em ambiente hospitalar, com uma equipe médica utilizando materiais e técnicas ideais para procedimentos com possíveis complicações cirúrgicas (ROCON, 2017; BENTO, 2006; PELÚCIO, 2005). Financeiramente impossibilitadas de utilizar próteses de silicone de forma segura, as pessoas sem dinheiro suficiente apelam para as chamadas “bombadeiras”, que trabalham geralmente em casa, em ambiente não-esterilizado, utilizando seringas de uso veterinário com silicone industrial para construir de maneira literal características curvilíneas, em silhuetas de travestis e mulheres trans. Porém, estes procedimentos, sob estas circunstâncias, possuíam comuns casos de embolia pulmonar, dor e infecções generalizadas, podendo levar à morte (PELÚCIO, 2005, p. 7). O risco ligado à aplicação de silicone industrial por travestis e mulheres trans é entendido enquanto admissível, pois, um procedimento estético feminizador com sucesso pode proporcionar uma expressão de gênero valorizada pelo sujeito, pela sua comunidade e por clientes do *trottoir* (ROCON et al, 2017, p. 4).

A aplicação de hormônio, no caso das pessoas transfemininas, em questões morfológicas, depende da idade do começo da aplicação e das características físicas pré-aplicação para proporcionar resultados de maior notoriedade, uma vez que a progesterona e o estrogênio, às vezes, são incapazes de reverter ou impedir os efeitos da testosterona produzida.

Dito isso, quando o tratamento hormonal não é alcançado ou funcional, o silicone industrial pode ser utilizado como uma ferramenta capaz de construir de forma rápida e moderadamente precisa características desejadas por quem aplica, sendo os resultados do processo, a “beleza”, diretamente ligados ao efeito produzido pela sua utilização (ROCON at al, 2017, p. 10):

A beleza assume um lugar de grande importância nas percepções sobre saúde e doença, uma vez que sua afirmação ou negação demonstra influenciar a opinião dessa população acerca dos riscos à sua saúde pelo uso de silicone industrial e de hormônios sem acompanhamento médico. A transformação dos corpos assume um lugar crucial, como zona em que se decide a produção de saúde e o adoecer. O que definirá qual processo ocorrerá, saúde ou doença, será o sucesso ou o fracasso decorrente dos recursos utilizados.

O uso de hormônios e silicone como ferramentas que moldam a expressão de gênero numa esfera permanente e intrínseca a identidade pode ser entendido enquanto uma rebeldia perante as expectativas sociais sobre o corpo considerado masculino pelas estruturas de poder. Segundo Paul Preciado (2013, p. 270), antes das revoluções farmacêuticas e dos novos procedimentos cirúrgicos da medicina moderna, o controle social do gênero era exercido pela sociedade apenas através do exterior dos sujeitos. Porém, na sociedade de controle fármaco-pornográfica do século XX, com as novas tecnologias de gênero, é possível adentrar os corpos, onde “as tecnologias se dissolvem no corpo, elas tornam-se o corpo” (PRECIADO, 2013, p. 271).

Com as tecnologias de gênero capazes de moldar o corpo do sujeito, torna-se possível a obtenção de características femininas para além da necessidade de trajes que criavam uma cintura curvilínea, possibilitando a exposição de corpos em roupas provocantes que, por consequência, eram capazes de captar o interesse do grande público em desfiles, ensaios fotográficos e outros cenários ligados a erotização feminina, sendo seu impacto perceptível em diferentes setores da sociedade.

Imagem 06: Trechos do videoclipe da música “Close” de Erasmo Carlos com participação da modelo Roberta Close.

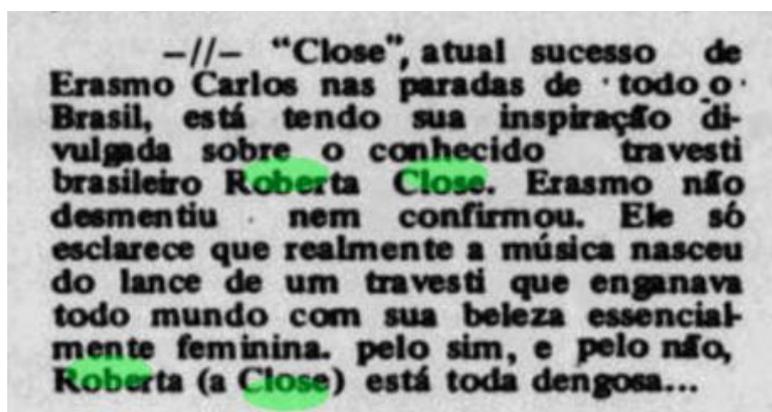


Fonte: Videoclipe *online* disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=xr0MjJ5PXBI>>.

No ano de 1984 foi lançada no álbum “Buraco negro”, do cantor e compositor Erasmo Carlos, a música “Close”. Antes mesmo de seu lançamento, a música provocou boatos sobre sua musa inspiradora, no caso, a modelo carioca capa da Playboy mais vendida da década de 1980, Roberta Close. Com o sucesso da música, o videoclipe feito para a música tem Close desfilando pela rua, chamando a atenção pela sua beleza (Imagem 06). A repercussão midiática da música extrapola questões musicais e entra em terrenos sociais de gênero e sexualidade, visto que a imagem da modelo supracitada é associada a frases como “a mulher mais linda do Brasil é homem”; “a linda modelo portadora de carteira de reservista”; “fenômeno transexual”; entre outras expressões de caráter ambíguo (VERAS, 2015; ROSE, 2012; NICOLAU, 2023).

Ambiguidade é uma associação comum a sujeitos categorizados enquanto transexuais ou travestis na década estudada, seja por autodeclaração ou não. Na música citada acima, a musa não possui identidade declarada, mas através de signos associados a travestis, o ouvinte é capaz de entender o *plot* pretendido pelo compositor. O próprio título (“Close”) evoca Roberta Close que, no ano de lançamento, era assunto em diversos setores da sociedade após posar nua na *Playboy*, atraindo leitores não apenas pela sua beleza, mas também pela curiosidade em torno de seu corpo (VERAS, 2015). Associação esta que foi comentada pelo Diário:

Imagem 07: Nota sobre a música “Close” de Erasmo Carlos



-//- “Close”, atual sucesso de Erasmo Carlos nas paradas de todo o Brasil, está tendo sua inspiração divulgada sobre o conhecido travesti brasileiro Roberta Close. Erasmo não desmentiu nem confirmou. Ele só esclarece que realmente a música nasceu do lance de um travesti que enganava todo mundo com sua beleza essencialmente feminina. pelo sim, e pelo não, Roberta (a Close) está toda dengosa...

Fonte: AUGUSTO, Edgar. Shorts. Música popular. Diário do Pará. Edição 479. 27 maio 1984.

Embora seja enaltecida por Erasmos Carlos na música “Close” enquanto “um tesouro de mulher dourada”, a imagem de Roberta Close associada a sujeitos marginalizados (transexuais, travestis, homossexuais) tem como consequência boatos que exotificam a modelo, negando um entendimento enquanto pessoa merecedora de afeto. A mídia após o lançamento

da música começava a criar boatos que o cantor estaria evitando aparecer em programas perto de Roberta para calar os comentários sobre uma possível relação:

Roberta Close, com sua presença no Cassino do Chacrinha impediu que Erasmo Carlos fosse ao programa. Erasmo quer evitar novos boatos sobre seu envolvimento com Close. /// Por sua vez, Ângela Ro-Ro, prometendo dar uma surra em Roberta Close, só porque vem aparecendo muito⁸.

Seja o discurso citado fruto de verdade, seja de sensacionalismo, ele resulta na redução da existência travesti ou transexual a objeto de desejo, de admiração secreta às folhas de revista pornográfica, sendo negado o afeto público, a validação enquanto sujeito. Assim, podemos aferir como a presença de Roberta Close na mídia enquanto expoente da transexualidade ou travestilidade acarreta discussões identitárias em torno de sua imagem, principalmente nas cidades em que visitava.

Na década de 1980, Roberta visitou a cidade de Belém duas vezes, sendo a semana da primeira chegada marcada por manchetes que procuraram contextualizar a percepção em torno da modelo carioca. João Seixas, colunista do Diário do Pará, apresenta Close enquanto uma pessoa envolta de debates plurais de gênero e sexualidade, uma vez que ela é vista em um vendaval de designativos reducionistas e sensacionalistas como a “cólera das feministas”; alvo de mulheres (cis) “ciumadas”; “famoso transexual”; “símbolo sexual” e “objeto de desejo”.

Previamente a sua chegada na capital paraense, o jornalista João Seixas cobre o surgimento de boatos de boicote a respeito de Roberta Close, que comentam sobre um possível desinteresse de marcas de roupas vestirem a modelo nos desfiles em que foi contratada. Seixas aborda que, eventualmente, uma empresa ligada a moda vestiria a modelo, mas demonstra um dos motivos associados ao receio mercadológico:

"Uma proprietária de boutique dizia ontem que Roberta Close não está sendo boicotada: É as medidas do famoso transexual (que) podem inutilizar alguns modelos ou costumes. Sapatos, por exemplo, nem pensar. (...) “Mas chega aos ouvidos do repórter a informação de que há realmente um boicote branco em cima da imagem de Roberta, que pelo menos até ontem não tinha encontrado uma casa de modas que se dispusesse a entregar seus modelos para Close desfilar.”⁹

⁸ CÉSAR, Donizete. Em BG. Divirta-se e passe bem. Diário do Pará. Edição 501. 21 junho 1984.

⁹ SEIXAS, João. Roberta. Mundo. Diário do Pará. Edição 519. 13 julho 1984.

A chegada de Roberta Close¹⁰ em Belém estava envolta de alcunhas plurais como: a “maior personalidade transexual brasileira”, a “mulher mais linda do Brasil”, “o homem mais elegante do país”, entre outras. Dona de uma beleza atrelada a concepções de gênero e sexualidade além do esperado, Roberta intensificou debates entre estudiosos, apresentadores de televisão, empresários e frequentadores do bar de esquina (VERAS, 2020).

A modelo realizou três desfiles em Belém e em Mosqueiro, sendo os três com repercussões midiáticas diferentes no periódico estudado. O resultado de suas apresentações é repleto de quebras diacrônicas que, a cada edição do jornal as opiniões, terminologias, recepção e impacto são alterados. Evidente do jornal generalista, a cobertura de um evento similar, a chegada de Roberta Close em Belém, é representada em uma pluralidade enriquecedora no debate sobre midiaticização da transexualidade feminina.

Responsável pela coluna *Destaque*, no caderno *Mundo*, que aborda notícias nacionais e internacionais, João Seixas era um colunista do Diário do Pará cuja escrita opinativa era dotada de um humor ácido. Geralmente abordando questões políticas mundiais, ao abordar a chegada de Roberta Close em Belém, a coluna em questão evidencia como as representações transfemininas extrapolaram os cadernos policiais e de entretenimento. Assim, a transexualidade acrescentada por Seixas em discussões que procuravam apresentar a resposta do público em relação a Roberta Close era um reflexo da sociedade paraense.

A respeito do primeiro desfile realizado no balneário belenense “Saudosa Maloca”, o jornalista critica a “confusão generalizada” motivada pela venda de ingressos acima da capacidade do lugar, o balneário “Saudosa Maloca”, onde “gente sem mesa sentou-se em mesa, gente com mesa assistiu ao desfile de pé”. Isto indica o interesse do público paraense, porém, evidencia as constantes críticas do jornalista a respeito da desorganização do evento que capitalizou ao máximo o “fenômeno transexual”, além de questionar a capacidade de Close enquanto modelo:

Que Roberta Close é bonita e muito feminina, a opinião foi unânime. Que Roberta Close não entende nada de desfile, a opinião também foi unânime. Roberta funcionou como estrela de primeira grandeza. Entrava na passarela, fazia displicentemente seu percurso e se retirava. Durante os desfiles, exclamações de “ela é realmente linda”, mas também recriminações da displicência e equidistância que manteve com o público que pagou para vê-la agradável, sorridente e lhana¹¹.

¹⁰ Encontre-se com o novo símbolo sexual brasileiro Roberta Close. *Diário do Pará*, 19 de julho, 1984; Atração sexual em Belém. *Diário do Pará*, 18 de julho, 1984. Roberta. *Diário do Pará*, 13 de julho, 1984; Roberta. *Diário do Pará*, 12 de julho, 1984.

¹¹ SEIXAS, João. Avaliações de Close. *Mundo*. Diário do Pará. Edição 527. 22 julho 1984.

Ainda sobre os problemas ligados ao primeiro desfile de Roberta Close, outro colunista do Diário do Pará chamado Bernardino Santos, que costumava abordar temas da alta sociedade de Belém, comentou sobre como o desfile em questão “foi um fiasco”. Bernardino focou nos problemas do espaço, como uma passarela pequena e a impossibilidade de visualizar a modelo. Além disso, critica o corpo de Close e a escolha de trajes longos¹²:

Para começar, a passarela estava tão curta quanto os escassos dotes de Roberta para apresentações públicas. Depois, a lotação acabou por transformar a meteórica exibição num privilégio para uns poucos que estavam à margem da pista. Os demais, mesmo subindo em mesas e em qualquer coisa que permitisse ganhar altura, nada viram. Finalmente, a Roberta nem sequer mostrou algo além do rosto.

Nos próximos desfiles, o colunista João Seixas define a produção como “mais divertida, mais cômica, mais burlesca”¹³, porém, aponta que geraram um lucro menor em relação ao primeiro. Realizados em Mosqueiro¹⁴ e Salinópolis¹⁵, como narra o colunista, os desfiles foram recebidos com poucos aplausos, protestos do público feminino¹⁶ e com baixa venda de ingressos. O colunista utiliza estes acontecimentos como uma espécie de atestado de superioridade da sociedade paraense e incapacidade da modelo, cuja fama o jornalista associa ao interesse midiático sobre travestis, em vez de um talento nato de Close:

O responsável pela vinda de Roberta Close a Belém pensou que poderia ludibriar (artisticamente) a sociedade belenense. O que se viu durante as três apresentações do travesti foi uma reposta negativa à presença de Mrs. Close. Se a casa noturna de nossa cidade lotou para o desfile de Roberta Close, com a presença de muita gente estranha, em Mosqueiro e Salinópolis a frequência foi reduzida, numa prova evidente que a sociedade de Belém sabe o que é um bom desfile e um bom espetáculo artístico. Os méritos artísticos de Roberta Close são ínfimos e por isso ninguém quis pagar caro e com desconforto para assistir o desfile. De todas as avaliações feitas, os três desfiles de Close não mereciam ser apreciados nem de graça, quanto mais a preços absurdos, forçando um lucro financeiro em função de uma máquina empresarial que colocou Roberta Close como estrela de primeira grandeza, o que não é verdade.

As duras críticas contra a vinda de Roberta Close à Belém podem funcionar enquanto mais um indicador da midiaticização de sujeitos trans, uma vez que é possível identificar discursos da época que criticaram a presença midiática de mulheres e travestis cuja fama era atrelada a suas transfeminilidades. Descrita como o “o acontecimento da realidade nesse 'modus operandi' da transexualidade”¹⁷, a cobertura sobre a modelo trans denuncia como a fascinação

¹² SANTOS, Bernardino. Fiasco na Saudosa Maloca. Diário do Pará. Edição 526. Sociedade. Coluna Bernardino Script. 21 julho 1984.

¹³ SEIXAS, João. Avaliações de Close. Mundo. Diário do Pará. Edição 527. 22 julho 1984.

¹⁴ Distrito administrativo do município de Belém.

¹⁵ Cidade turística localizada no estado do Pará.

¹⁶ SEIXAS, João. Repúdio. Mundo. Diário do Pará. Edição 527. 22 julho 1984.

¹⁷ SEIXAS, João. Avaliações de Close. Mundo. Diário do Pará. Edição 527. 22 julho 1984.

em torno de Roberta podia expressar uma metalinguagem onde a mídia criticou a própria elaboração de pautas sobre sujeitos abordados, o que João Seixas entende como necessário, uma vez que: “muitas vezes nós jornalistas temos que escrever sobre o supérfluo da mesma maneira como se estivéssemos escrevendo sobre o caviar servido numa reunião social de burgueses decadentes”¹⁸.

Em contrapartida, a respeito da cobertura negativa dos desfiles de Roberta Close em Belém, o colunista Donizete César rebate as críticas contra a modelo em vista de “uma cartucheira de perguntinhas idiotas”, o que justificaria a falta de sorrisos e poucas perguntas respondidas por Close nas coletivas de imprensa e nos desfiles. A respeito da qualidade dos desfiles, defende que o interessante do desfile não seria a habilidade da modelo, mas simplesmente o direito de poder vê-la ao vivo, não apenas pela televisão. Além disso, o colunista discute que as repercussões negativas as quais procuraram categorizar a viagem enquanto um “fiasco” são frutos de jornalísticas que realizaram tentativas de alavancar seus nomes à custa da modelo. Segundo ele: “como todo ser humano, Roberta Close também tem o direito de ter seus momentos de estrelismo, arrogância e até por não, antipatia”¹⁹.

Assim como a manchete escrita por Donizete César, surgiram, após a vinda da modelo, discursos que procuraram justificar as diferenças entre as recepções de Roberta Close em Belém, onde lotou o espaço, em contraste com os baixos aplausos nos desfiles realizados em cidades turísticas do estado. Em uma das justificativas, o jornal associa o público dos shows que, no primeiro, supostamente, estava lotado de homens solteiros, enquanto nos desfiles seguintes existia a presença de esposas. As tentativas de assimilação a respeito das diferenças entre os desfiles da modelo trans recaem em arquétipos de rivalidade feminina, no caso, em um suposto ciúme das esposas, assim como na objetificação transfeminina que não pode ser apreciada em público.

O foco nas esposas presentes no segundo show de Roberta no Pará é apresentado enquanto motivo para o menor número de aplausos e crescimento de descontentamento contra a modelo. A imagem do “fenômeno transexual” é designada para fora do âmbito familiar, ou seja, longe da esposa, sendo a mulher trans marginalizada para ser apreciada enquanto um objeto de desejo em ambientes individuais, sigilosos e masculinos.

As avaliações em torno dos desfiles realizados por Roberta Close no Pará foram narradas em um tom de ironia, comum em colunas jornalísticas que cobrem eventos envolvendo

¹⁸ Ibidem, 1984.

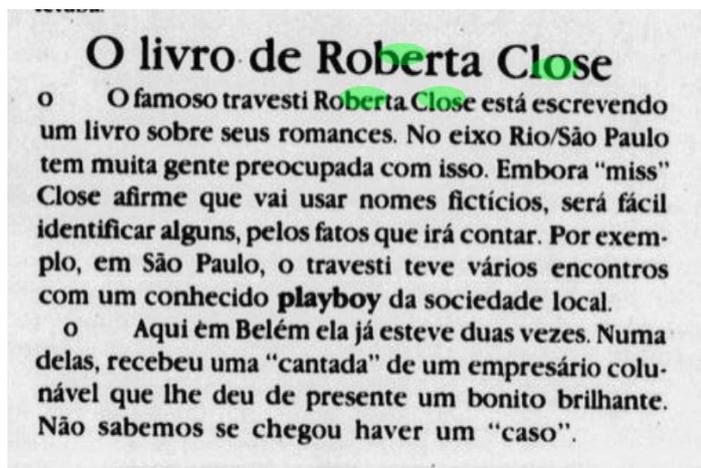
¹⁹ CÉSAR, Donizete. O propalado fiasco de Roberta Close. Diário do Pará. Edição 529. Diverta-se e passe bem. Coluna Antenas Ligadas. 25 julho 1984.

celebridades. Posto isso, a ironia não é a problemática. O questionamento está nos dispositivos narrativos escolhidos, como o foco na transexualidade de Close, na forma de seu corpo “não ser aquele prodígio da natureza”, nas suas habilidades intelectuais que “procuram escafeder-se de conversas profundas” e na cobertura nacional de “um simples desfile de transexual”²⁰.

A representação do *Diário do Pará* sobre a chegada da modelo pode ser entendida como envolvimento de um paralelo: questiona a atenção recebida da mídia nacional ao criticar detalhes corporais, sua habilidade de modelar e comportamentos referentes ao modo de falar; assim como ajuda na sua construção ao dedicar páginas sobre sua chegada, “alimentando” a ambiguidade em torno de sua imagem, um elemento fortemente associado ao seu fenômeno.

É notável a dimensão do desejo em torno de uma celebridade transfeminina, sendo assunto em diversos veículos de comunicação e em “todos os bares da cidade”, no entanto permanecendo sob um policiamento de gênero. Por consequência, a figura de Roberta Close demonstra como um sujeito transexual ou travesti pode ser visto enquanto objeto de desejo, mas apenas numa esfera de idealização²¹. O interesse sexual ou romântico é mantido na esfera do anonimato, como pode ser visto nas especulações sobre um possível relacionamento com Erasmo Carlos, nos boatos de encontros secretos com empresários paraenses e na menção de um namorado anônimo de Close.

Imagem 08: Anúncio de livro que será escrito por Roberta Close



Fonte: SANTOS, Bernardino. O livro de Roberta Close. *Diário do Pará*. Edição 2004. 18 jan 1989.

Na manchete acima, o colunista Bernardino Santos comenta sobre a pretensão de Roberta Close em escrever um livro autobiográfico cujo conteúdo é apresentado enquanto um

²⁰ SEIXAS, João. Avaliações de Close. *Mundo*. *Diário do Pará*. Edição 527. 22 julho 1984.

²¹ Idealização com base no consumo de revistas pornográficas, ingressos em desfiles da modelo, músicas, vídeo clipes, sempre marcado pelo distanciamento do corpo transfeminino com uma interação física com outra pessoa ou o público.

perigo: “tem muita gente preocupada com isso”. A preocupação é, justamente, fruto do receio de homens cisgênero das elites de Belém e de São Paulo em terem seu reconhecimento social questionado por consequência de um caso com “um travesti”.

Podemos notar uma certa ambiguidade, uma contradição, um caminho que parece torto, pois, paralelamente, uma pessoa trans é publicamente desejada, mas apenas sigilosamente acompanhada, apresentando um conflito a respeito da afetividade. A problemática do afeto trans é evidenciada com o anúncio de Roberta Close sobre o plano de publicar suas memórias²². Os jornalistas apresentam o livro biográfico enquanto meio de “denunciar” as relações da modelo com homens famosos, como Erasmo Carlos e empresários da elite carioca. A “denúncia” parte da concepção determinista biológica que entende a mulher trans ou travesti enquanto um homem, portanto, uma quebra na imagem de heterossexual, “machão”, dos homens que se relacionaram com Close.

O receio ligado à figura de Roberta Close, uma mulher transexual e a casos envolvendo travestis anônimas, pode ser associado ao arquétipo transfóbico de entender que a identidade trans constrói-se em volta do desejo de seduzir homens, sejam casados ou não (SERANO, 2007). Indiretamente, construindo o corpo trans enquanto um perigoso objeto de desejo para homens e mulheres cis ao representar um risco à vivência do homem perante aos seus iguais e de uma ameaça à instituição do casamento.

1.2.1 O feminino em conflito com as novas identidades

Nas manchetes do Diário, a discussão de corpos transfemininos alcança setores feministas com denúncias de como o corpo trans afeta concepções formuladas pelo feminismo. Pois, Close era associada a um padrão feminino hegemônico que as militantes feministas, por anos, procuram desconstruir, tornando comum comentários de como sua feminilidade era considerada um retrocesso antifeminista:

“Jornalista e vereadora pelo Partido dos Trabalhadores em São Paulo, a militante feminista Irene Cardoso, 45 anos, acha que Roberta Close (o travesti ou transexual, como queiram) encarna um padrão de feminilidade hoje inadmissível: o da mulher tradicional, obrigatoriamente doce, delicada, cordata.”²³

Não é possível enquadrar qual linha feminista Irene Cardoso associava suas concepções do período de sua fala, porém, como contexto na década de 1980, podemos citar o feminismo

²² SANTOS, Bernardino. O livro de Roberta Close. Diário do Pará. Edição 2004. 18 jan 1989.

²³ SEIXAS, João. Detestado. Política. Diário do Pará. Edição 510. 03 julho 1984.

radical ou “crítica de gênero”, uma corrente que crescia nas discussões, em específico, de sujeitos transexuais. Segundo as feministas influenciadas, geralmente pelo livro *The transsexual empire: the making of the She-male* de Janice Raymond, a população transexual é entendida enquanto uma manutenção do patriarcado, sendo a transfeminilidade uma espécie de colonização simbólica masculina por parte de “machos narcisistas que sexualizam corpos femininos”.

Os homens trans não foram excluídos dos debates feministas desta linha antitrans, sendo representados enquanto “irmãs perdidas” que, devido à misoginia internalizada, partiram para uma identidade masculina. Os pensamentos apresentados reduzem sujeitos transmasculinos à infantilidade, incapacidade de escolha, negando a agência de homens trans, possivelmente por entenderem-no enquanto mulher. Portanto, entendo que certos estereótipos femininos sofrem uma releitura, como a passividade social.

Paralelamente, as mulheres trans e travestis, por serem vistas enquanto homens pelas feministas trans-excludentes, recebem problematizações que procuram caracterizar o sujeito transfeminino enquanto perigoso, violento e colonizador. Assim, as atividades pessoais no próprio corpo transfeminino como maquiagem, vestimentas ou cirurgias são entendidas enquanto “estupro” por “violentarem a identidade feminina”, como Raymond (1979, p. 104) disserta:

“All transsexuals rape women's bodies by reducing the real female form to an artifact, appropriating this body for themselves. However, the transsexually constructed lesbian-feminist violates women's sexuality and spirit as well. Rape, although it is usually done by force, can also be accomplished by deception. It is significant that in the case of the transsexually constructed lesbian -feminist, often he is able to gain entrance and a dominant position in women's spaces because the women involved do know he is a transsexual and he just does not happen to mention it.”

Os argumentos de feministas desta corrente, hoje entendidas enquanto feministas radicais ou “críticas de gênero”, são seguidoras desta linha e receberam diversas críticas, principalmente de autores *queer* e militantes transfeministas, devido ignorarem estatísticas empregatícias de pessoas trans, taxas altas de mortalidade e os limites da transição em termos de privilégios sociais (DE JESUS & ALVES, 2010). Assim, categoriza-se esta linha feminista transfóbica enquanto terfismo, oriundo da sigla TERF (*Trans exclusionary radical feminist*).

Em relação a tentativas transexcludentes, Rubin (1998) disserta que as feministas que utilizam o “sexo biológico” enquanto verdade no intuito de formular concepções sobre “a fêmea humana”, “caem na armadilha do determinismo biológico” ao construir uma narrativa que essencializa o uso de certas vestimentas e comportamentos a uma estrutura binarista de gênero,

prezando pela fixação de expressões, sexualidades e identidades. Ao associar com a questão trans, podemos perceber como essa linha empobrece as discussões a respeito da pluralidade humana de identidades.

A crítica de TERFs sobre "reforço dos papéis de gênero" em torno de pessoas transfemininas ignora a pressão social sofrida por sujeitos estigmatizados, visto que a leitura social do gênero da pessoa é diretamente refletida no tratamento que receberá da sociedade ao seu redor. A apresentação de uma expressão de gênero ligada a feminilidade de gênero é utilizada enquanto estratégia para garantir a validação de sua identidade, segurança e integridade física nas suas interações sociais cotidianas, seja de uso intencional ou não por parte da pessoa trans (SIMAKAWA, 2015, p. 158).

Sobre os processos de subjetivação, de construção histórica e cultural do sujeito trans, Fábio Lopes (2017, p. 138) disserta que na produção de intengibilidades de gênero ocorre uma constante constatação de normas sociais generificantes, assim como de assimilações. O autor acrescenta que a pluralidade de experiências trans são marcadas por identidades ligadas à feminilidade hegemônica, assim como pela criação de novas feminilidades, abandono e ressignificações de marcadores de virilidade, entre outras expressões criadas por jogos e negociações que tecem sua performance de gênero (LOPES, 2017, p. 138).

A respeito da expressão de gênero de pessoas transfemininas, Julia Serano (2007) entende que é cobrada da transfeminilidade o uso de múltiplos acessórios e comportamentos hegemonicamente femininos para que mulheres trans - e travestis, podemos adicionar - sejam lidas pelo gênero que vivem. Porém, em contrapartida, acaba por gerar discursos antitrans a respeito de um suposto reforço de padrões danosos de feminilidades, assim como concepções a respeito de feminilidades fabricadas, deturpadas e enganadoras (SERANO, 2007). A autora procura denunciar como sujeitos trans são "empurrados" em um limiar entre quebra e reforço das normas de gênero, sendo negada a possibilidade de vivências fora de um âmbito politicamente transgressor, sem estarem ativamente cientes das roupas e comportamentos que utilizam.

Portanto, de forma proposital ou espontânea, pessoas transfemininas podem utilizar os elementos ligados à feminilidade hegemônica para adquirir ou se aproximar da leitura social desejada. Especificando em detalhes, acessórios como batons vermelhos, saltos altos e roupas

curtas são um dos elementos elencados como exclusivamente²⁴ femininos, o que ajuda a construir uma leitura social de mulher ou pelo menos fora de uma espécie de hominidade.

Julia Serano (2007) disserta que a mídia e feministas da linha “críticas de gênero” realizaram discussões limitantes sobre a transfeminilidade enquanto um reforço de padrões de gênero. Em um contexto nacional e regional, a mídia brasileira, incluindo o Diário do Pará, não foi exceção a crítica da autora, pois gerou espaços antagônicos entre mulheres (cisgênero) e Roberta Close, no qual as mulheres entendidas enquanto feministas, reinventando esse termo ou não, usaram argumentos com foco na identidade trans de Roberta enquanto um elemento sintomático de um sistema opressor contra “mulheres de verdade”. A respeito da discussão feminista na mídia nacional sobre Roberta Close realizada na década de 1980, Caroline Rosa (2012, p. 18) disserta que

Roberta parecia trazer de volta aquilo que as feministas, principalmente as da segunda onda, queriam tanto destruir: a desigualdade entre homens e mulheres. La Close representaria, nessa perspectiva, o retrocesso das conquistas femininas e um arrefecimento da luta pela igualdade das mulheres perante os homens.

Mas e a parcela feminina que não era enquadrada enquanto feminista? A parte que era representada apenas enquanto “as mulheres”? A respeito disso, embora ocorresse fortes alterações no cenário histórico-social do período, permaneceu-se um arquétipo de narração feminina na mídia nacional, assim como a paraense: o da rivalidade feminina, em que “o sucesso de uma mulher acarreta na inveja de outras”, carregado de valores misóginos que reduzem mulheres a um personagem estereotipicamente limitado (JOHNSTON, 2017).

Entendo que problematizações sobre rivalidades, assim como sobre sentimentos de raiva e inveja podem ser frequentemente ignoradas pelo estudo do passado nas últimas gerações historiográficas em um intuito de evitar anacronismos e juízos de valor pelo bem da escrita. Porém, nas fontes encontradas, os jornalistas não demonstram receio em utilizar a “inveja” e “raiva” enquanto material na construção da imagem de Roberta Close e outras pessoas trans.

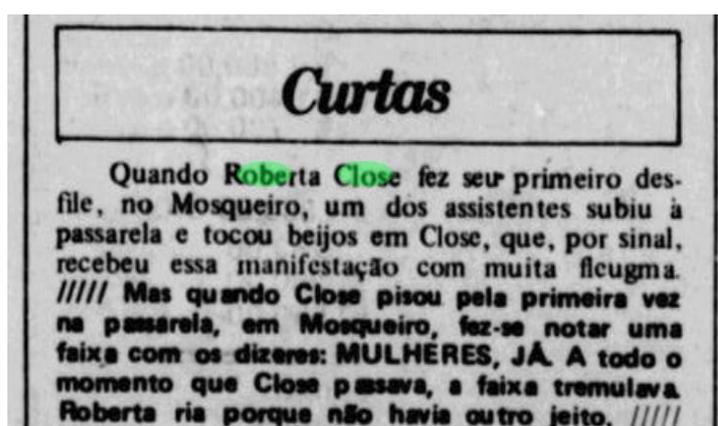
Segundo Johnston (2017), o arquétipo da rivalidade feminina é presente em fábulas, literatura clássica, cinema, pinturas e outros meios enquanto estratégia discursiva para acionar e reforçar signos sociais ligados a misoginias internalizadas que entendem a atenção masculina como capital agregador de valor. Portanto, podemos compreender que a constante comparação

²⁴ Tanto que homens que os utilizam chegam a sofrer sanções sociais onde sua hominidade pode ser questionada por meio de violências físicas e simbólicas, mas que continuam a utilizar como maneira de expressar sua expressão de gênero, independentemente de marginalizações, seja de forma ciente ou não de uma fuga das normas sociais (PERES & TOLEDO, 2011).

entre travestis, mulheres trans e “mulheres de verdade” ressignifica o arquétipo citado ao acrescentar um novo sujeito, um novo tipo de ser feminino, para adentrar na equação de rivalidades baseada em gênero.

Dessa maneira, embora Close seja em poucos casos designada enquanto mulher, a sua estética feminina é capaz de influenciar frequentes discursos comparando a modelo, de forma contraposta, a mulheres cisgênero. No desfile da modelo em Mosqueiro, um colunista aponta a existência de uma placa com os dizeres “Mulheres, Já”²⁵, como aparece na imagem seguinte:

Imagem 09: A faixa “MULHERES, JÁ” no desfile de Roberta Close



Fonte: SEIXAS, João. Avaliações de Close. Mundo. Diário do Pará. Edição 527. 22 julho 1984.

Portanto, o corpo trans é construído pelo texto jornalístico enquanto um alvo, tanto quanto da mira da polícia higienizadora de identidades, como da mira de debates de gênero e sexualidade. As fontes apontam para um discurso midiático que entende o corpo trans caracterizado enquanto o outro, a novidade, a cópia. Retira-se, das pessoas trans, a agência em torno de seu corpo, justificando sua corporeidade a motivações alheias, assim como a subjetividade do sujeito trans a associações transfóbicas de perversidade sexual e colonização de feminilidades.

1.2.2 O temor de um sistema travesti

A imagem em torno das transfemininilidades, em específico referente ao corpo, extrapola os cadernos do Diário do Pará destinados a casos policiais e entretenimento, alcançando a esfera de discussões sobre política brasileira. Tendo como expoente das discussões sobre travestis a modelo Roberta Close, o jornal escreve e republica notícias de

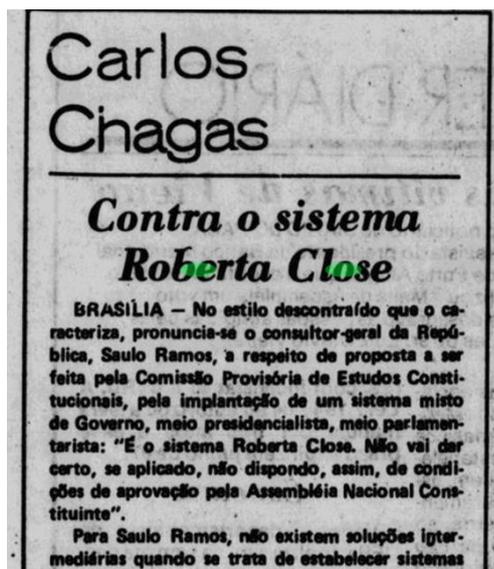
²⁵ Ibidem, 1984.

outros jornais nacionais que utilizaram Close como uma metáfora explicativa da situação politicamente ambígua do Brasil.

Os debates em torno de travestis e transexuais no período estudado começam a construir um denominador comum em torno da ambiguidade, pois, as discussões discutiam transfeminilidades como fruto do encontro do feminino e masculino num único corpo. Causadoras de dúvidas sobre o desejo e o viver, as transfeminilidades constroem-se enquanto identidades questionadoras de papéis da mulher e do homem, o que influencia o debate midiático que começa a diferenciar travestis e transexuais dos chamados “entendidos”, gays e homossexuais masculinos.

Após sua breve visita ao Pará em 1984, a presença de Roberta Close na mídia paraense entra em queda, sendo seus desfiles e boatos cada vez menos frequentes. Porém, o imaginário em torno de sua imagem continua marcante ao ser utilizado pelos jornalistas e políticos como metáfora em discussões sobre o regime político a ser adotado no Brasil com o fim da ditadura militar brasileira, uma vez que a modelo - ou sua identidade, em específico - ser vista neste período enquanto exemplo de ambiguidade, mentira, segredo²⁶.

Imagem 10: Manchete intitulada *Contra o sistema Roberta Close* por Carlos Chagas



Fonte: CHAGAS, Carlos. *Contra o sistema Roberta Close*. Nacional. Diário do Pará. Edição 1113. 22 junho 1986.

²⁶ Tavares defende posição de Covas. Política. Diário do Pará. Edição 1439. 27 jun 1987.

Em 1986, no Diário do Pará, assim como na imprensa nacional, podemos encontrar o termo “Sistema Roberta Close”²⁷ (imagem 10), que foi enunciado pelo consultor-geral da República da época, Saulo Ramos, em referência a proposta criada pela Comissão Provisória de Estudos Constitucionais que visava a implantação de um sistema com elementos tanto presidencialista, quanto parlamentarista. De maneira negativa, Saulo Ramos e seus apoiadores utilizam o estigma travesti para desmoralizar a proposta de governo que eram contrários. Pois, tal característica ambígua é ligada a imagem de Close, assim como do conceito de transexualidade, o que acusa a noção da época sobre a categoria de designação estudada.

Nas fontes encontradas, é possível problematizar o uso da figura de Close enquanto ferramenta política para desmoralizar sistemas políticos e candidatos a cargos públicos. Isto é observado não apenas pela transfobia de ser associado a imagem de um sujeito pertencente a comunidade marginalizada, como ocorreu com famosos vistos com a modelo; como pelo uso de sua imagem de travesti ou transexual como maneira de representar adversários políticos como incertos, por exemplo em comentários de como "Roberta Close apoia Fernando Collor. Nada mais correto: ninguém sabe para que lado vai"²⁸.

A representação em torno da transexualidade é marcada por quebras discursivas que produzem um sujeito marcado pela dicotomia da aceitação por meio da objetificação. A existência do pênis em um corpo considerado feminino é simultaneamente tratada enquanto alvo do ridículo, merecedor de ataques, de vergonha, de que o sujeito precisa realizar procedimentos para atingir um alinhamento entre gênero-corpo; e de desejo, fruto da exotificação de uma corporeidade destoante.

Assim, a imagem de Roberta Close, entendida como a travesti de maior alcance midiático na década de 1980, começa a ser utilizada como metáfora ou comparação em torno das questões políticas brasileiras. Close surge como representação dos últimos anos de ditadura e início da redemocratização, no contexto de tempos de alta incerteza política e instabilidade ligada à mudança causada pelo novo; assim como na emergência das identidades estudadas.

Em uma segunda vinda ao estado do Pará, Roberta visita novamente Belém em 16 de agosto de 1990, seis anos após a sua primeira chegada na “Terra das mangueiras”. A segunda ida da modelo é marcada por uma cobertura menor da mídia paraense e nacional, o que reflete o contexto das manchetes anteriores a sua chegada, que acusam de perder relevância, atribuindo a “cirurgia de mudança de sexo” como um dos fatores. Assim, o “encanto acabou”²⁹.

²⁷ CHAGAS, Carlos. Contra o sistema Roberta Close. Nacional. Diário do Pará. Edição 1113. 22 junho 1986.

²⁸ BRIKCMANN, Carlos. Opiniões. Diário do Pará. Edição 1989. 31 maio 1989.

²⁹ SANTOS, Bernardino. Encanto acabou?. Diário do Pará. Edição 2457. 03 maio 1990.

As cobranças em torno do corpo trans são plurais, surgindo de acordo com o contexto social, político e institucional que determinado sujeito adentra. Uma vez que a exotificação do corpo trans é marcado pelo órgão genital considerado “intruso”, a cirurgia genital de reafirmação de gênero quebra com o imaginário exotificador, o que pode resultar na ideia de “perder o charme”³⁰.

As “lamentações” em torno da cirurgia genital de reafirmação de gênero estão em oposição com as cobranças institucionais do período, que entendiam a cirurgia como elemento essencial para mudanças no registro civil. Este pensamento era influenciado pelo discurso médico que formulava metodologias no intuito de determinar a transexualidade do sujeito através de moldes psicológicos e físicos, sendo a autodeclaração de pouca relevância para o diagnóstico (ARAN *et al*, 2009). Tal processo exigia exames periciais caros e invasivos, o que levou, na década de 1980, a modelo Roberta Close desistir de adequar seus documentos após ter realizado uma operação de redesignação sexual³¹.

Posto isso, torna-se possível inferir a respeito de como a ambiguidade ligada à imagem transfeminina funcionou enquanto “matéria-prima” do fascínio a respeito das corporeidades de mulheres trans e travestis. Devido sua expressão de gênero serem destoantes do sistema cisnormativo, as narrativas jornalísticas utilizam corporeidades trans enquanto metáforas para representar uma ambiguidade danosa para a sociedade, como o “Sistema Roberta Close”, sendo, ironicamente, o próprio apelo “de um corpo ambíguo” e estigmatizado o seu fator atrativo.

1.3 O corpo travesti no pânico social da epidemia de AIDS

Em 1965, pessoas gênero-desviantes³² tornam-se, aos olhos patologizantes das instituições de saúde internacionais, uma questão de transtorno mental. Como já falado anteriormente, a “doença” contava com métodos de tratamento transpondo do silenciamento de identidades à indicação de acompanhamento terapêutico e uso de tecnologias de gênero. Com a década de 1980, a patologização de identidades ganha novos valores, extrapolando os limites de um indivíduo, construídas enquanto um perigo epidemiológico para a sociedade como um todo. Assim, com a epidemia de AIDS, o discurso médico é potencializado pela mídia ao

³⁰ Ibidem, 1990.

³¹ SANTOS, Bernardino. Tadinha dela.... Diário do Pará. Edição 2571. 12 setembro 1990.

³² Uso o termo “gênero-desviante” para categorizar de maneira descritiva, e não identitária, pessoas que estavam em um espectro de expressão ou identidade de gênero suficiente para ser na sua época taxadas no guarda-chuva do “travestismo” e “transexualismo”, visto que seria anacrônico categorizá-las todas enquanto pessoas trans, uma categoria de designação que pode não ser contemplativa o suficiente para os sujeitos em questão.

categorizar homens homossexuais, travestis e mulheres trans enquanto “grupo de risco” de uma “doença moderna” que gerava pânico social no início da década.

Inicialmente um “perigo externo”, a AIDS era representada pelos jornais do Brasil enquanto um problema dos Estados Unidos e de parcela da Europa. Porém, antes de um caso brasileiro ser registrado, associações entre sexualidade desviante e contaminação já eram realizadas pelos jornais do resto do país. Sendo o Diário do Pará um veículo de comunicação, conforme os casos eram confirmados no início da década de 1980 nos estados brasileiros, ele construía a epidemia de HIV como uma realidade distante do povo paraense (SANTOS, 2019, p. 7).

Com o noticiamento da primeira pessoa soropositiva em Belém no ano de 1985³³, o Diário do Pará muda a narrativa de problema externo. Cria-se um ideal de funcionamento público nos hospitais regionais, narrando o papel dos médicos em tranquilizar os pacientes e da gestão hospitalar ao isolar o paciente com HIV, a fim de tranquilizar a população por performar controle da situação; ou por consequência do cuidado médico que retiraria a liberdade de um sujeito estigmatizado enquanto perigoso.

Segundo Paulo Santos (2019, p. 7), a mudança narrativa de uma questão externa para a evidenciação de uma eficiente gestão pública é associada à influência do governador da época, Jader Barbalho, filho do fundador do Diário do Pará, Laércio Wilson Barbalho. Possivelmente, com o fim do mandato de Jader Barbalho em 1987 e o interesse por “pautas quentes”, a narrativa jornalística em torno da AIDS sofre alteração. Portanto, conforme o número de casos crescia, as folhas do Diário do Pará mostravam matérias chamativas, caracterizadas pelo seu alarme da situação, inflacionando números a respeito da contaminação do vírus no estado (SANTOS, 2019, p. 12):

No título da notícia, ela (“pauta quente”) aparece na primeira página e afirma “Sespa confirma 30 casos de Aids em Belém”, no entanto, o corpo da notícia mostra uma série de imprecisões, pois o que importava era o inédito, a “pauta quente”. Mais tarde esses 30 casos seriam apenas sete confirmações, o que também reforça uma imprecisão e um desserviço sobre as informações.

Embora os dados fornecidos pelo jornal a respeito de portadores de HIV nos anos de 1985 a 1989 seja ligado tanto a homossexuais como a pessoas heterossexuais (SANTOS, 2019, p. 14), a estigmatização da AIDS em relação às travestis pode ser notada. Uma vez que a travestilidade era entendida enquanto uma maximização da homossexualidade masculina, uma forma caricata de ser um desviante sexual, uma representação visual inquestionável a respeito

³³ Identificada a vítima da AIDS. Diário do Pará. Edição 915. Local. 25 out 1985.

da categoria sexual do sujeito enquanto homossexual, este tendia a ser considerado enquanto um dos agentes principais da doença.

A homossexualidade estigmatizada para questões epidemiológicas é a entendida enquanto masculina (homens gays, homens bissexuais e travestis), pois, perpassa pelas concepções sexistas de desejo sexual elevado associado aos homens. Assim, as mulheres sáficas³⁴ eram deixadas fora da estigmatização sexual ligada a epidemia de AIDS, visto que historicamente o sexo entre mulheres é entendido como um “não-sexo” (NAPHY, 2006, p. 152).

Na década de 1980, a palavra *gay* sofre associações frequentes com contaminação por HIV devido ao número de manchetes referentes a “peste *gay*” e “câncer *gay*”. Por consequência, estas relações tenderam a estigmatizar tanto a homossexualidade, quanto o sujeito soropositivo. No Diário do Pará, é possível encontrar o uso dos termos anteriormente citados narrando casos que envolvem travestis do sereno paraense, uma vez que “o terror pela fatal Peste Gay era tamanho”³⁵ que esvaziava as boates de show travesti.

A construção imagética em torno de uma sexualidade exacerbada que a mídia construiu sobre as travestis, principalmente na segunda metade do século XX, é potencializada ao agregar ao diagnóstico soropositivo uma consequência do comportamento sexualmente desviante. Assim, neste período, devido a travestilidade ser vista como uma espécie de trabalho sexual de homossexuais afeminados (*trottoir*), não uma identidade de gênero transfeminina, ocorre a associação direta entre a expressão de gênero e um diagnóstico epidemiológico.

Como falado anteriormente, a travestilidade é entendida no período estudado enquanto uma forma de homossexualidade masculina, por consequência, a própria expressão de gênero do sujeito travesti torna-se argumento para categorizar enquanto praticante de comportamento homossexual, o qual, por consequência, pertencente ao “grupo de risco”. Assim, o HIV é representado de maneira estigmatizante como endêmico ao corpo travesti, pois a contaminação é associada diretamente à expressão de gênero do sujeito, como se a mera identificação enquanto travesti fosse suficiente para o surgimento espontâneo do vírus.

A falta de conhecimento do meio científico e, por consequência, da população em geral acerca da temática, criou concepções em torno da contaminação que, apenas hoje em dia, são entendidas enquanto desnecessárias. Como exemplo desse senso comum tem-se o medo de contágio por toque ou convivência em lugar fechado com pessoas que vivem com o HIV ou

³⁴ Em referência a poetisa grega Sappho/Safo que dedicou versos ao amor entre mulheres, o termo “sáfica” é utilizado na literatura empregado no intuito de englobar vivências de mulheres que relacionam com outras mulheres, funcionando como um esforço epistemológico que procura evitar generalizações que apagam a bissexualidade e a lesbianidade em detrimento de uma sobre a outra (SANTOS, 2018).

³⁵ QUEIROZ, Carlos. AIDS para escanteio. Shows. Diário do Pará. Edição 1197. 30 set 1986.

apenas pertencentes a comunidade *gay* ou travesti. Dessa forma, como sequela do preconceito baseado na falta de informação, a participação social do sujeito trans é subtraída e a estigmatização é tamanha que gera uma onda de atos suicidas com motivação ligada ao HIV.

Em 1985, o Diário do Pará conta o caso envolvendo a travesti chamada Carlinha³⁶ que, ao apresentar uma desinteria severa, “o primeiro sintoma da Aids”³⁷, decide tomar veneno de rato para evitar o agravamento da doença, “uma doença que todos chamam cruel”³⁸. Porém, a notícia demonstra que a medicação própria para o sintoma foi suficiente para saná-lo, sem demonstrar que o caso foi confirmado enquanto soropositivo. Posto isso, este acontecimento nos mostra como o medo em torno do estigma da AIDS era representado enquanto motivo “aceitável” de suicídio.

A construção da travestilidade à contaminação por HIV pode ser analisada na escrita dos jornalistas, nas imagens dos fotógrafos e nas obras de cartunistas que publicaram seus trabalhos no Diário do Pará. Enriquecedora para a presente pesquisa é a publicação da tirinha chamada “Nonô das candongas”, do cartunista carioca Julio Mariano, que de 1987 a 1990 se fazia diariamente presente nas folhas do jornal. Entre os personagens fixos da tirinha, nos é relevante a personagem travesti chamada Aída, cujo nome faz referência a AIDS, um tema encontrado na maioria dos quadros em que aparece.

Segundo David Wigston (2002, p. 74), cartunistas podem ser categorizados enquanto comunicadores, devido ao uso de significados oriundos de cenários sociais para construir seus textos imagéticos, os *cartoons*, ou no contexto brasileiro, tirinhas e quadrinhos. Com o caráter curto do espaço destinado às tirinhas, intensifica-se o emprego de signos capazes de retratar de forma simples e direta o tema da semana, seja um escândalo político, questões econômicas, problemas conjugais, humor pejorativo a minorias sociais, entre outros temas.

Imagem 11: Tirinha “Nonô das candongas” sobre a bolsa da personagem Aida.



Fonte: MARIANO, Julio. Tirinha Nonô das candongas. Diário do Pará. Caderno D. Edição 1450. 08 julho 1987.

³⁶ Com medo da AIDS o gay tentou suicídio. Diário do Pará. Polícia. Edição 939. 26 nov 1985.

³⁷ Ibidem, 1985.

³⁸ Ibidem, 1985.

Ao analisar os detalhes a respeito da personagem na Imagem 11 e em outras tirinhas encontradas, percebe-se como Aida é desenhada como uma personagem em uma posição física única que demonstra uma silhueta exageradamente curvilínea, ombros largos, marca de barba e uma constante bolsa giratória, que remete a prostituição, o *trottoir*. Tudo girando em torno de tensões de gênero que evidenciam uma ambiguidade sexual ligada à travestilidade. A aparência fixa da personagem Aida dialoga com a maneira fixada de reproduzir tirinhas que o cartunista Mariano realiza em suas obras, possivelmente para facilitar a reprodução dos personagens, os quais todos repetiam uma pose, que refletia de forma simples o humor e o tema de suas participações.

A respeito das temáticas, as tirinhas de Mariano contextualizam questões políticas referentes à década de 1980, como a elaboração da Constituinte de 1985, a flexibilização econômica, as eleições da redemocratização, os anúncios eleitorais, entre outras questões. Porém, quando a tirinha tem a presença da personagem travesti, a temática é constantemente em torno de sexualidade e epidemia da Aids no Brasil:

Imagem 12: Tirinha “Nonô das candongas” sobre a “onda de AIDS”.



Fonte: MARIANO, Julio. Tirinha Nonô das candongas. Diário do Pará. Caderno D. Edição 1353/2219. 31 março 1987/23 agosto 1989.

A personagem Aida é utilizada como ferramenta narrativa para abordar de forma direta questões ligadas ao sexo e epidemia de AIDS, pois a personagem é composta por signos imagéticos ligados à travestilidade. Ela tem, então, uma identidade estigmatizada enquanto promíscua por ter representações midiáticas referentes à prostituição, uma vez que o mercado de trabalho não é receptivo para pessoas trans. Assim, um efeito dominó pode ser encontrado, onde uma série de fatores interligados influenciam entre si na representação de travestis, incluindo em relação a AIDS.

Imagem 13: Tirinha “Nonô das candongas” sobre conversas relacionadas à AIDS.



Fonte: MARIANO, Julio. Tirinha Nonô das candongas. Diário do Pará. Caderno D. Edição 1549. 14 out 1987.

Embora se utilizando do humor e da ironia para abordar uma questão séria de saúde pública, o autor é autocrítico a respeito da repetição da temática ao redor da personagem travesti, elaborando uma tirinha na qual o humor está no questionamento de Aida ao protagonista a respeito de ser perguntada constantemente sobre a sua opinião em relação a AIDS quando conversam, como mostra a imagem 13. Em outra tirinha, Aida agradece como o protagonista, Nonô, continua a conversar com ela sem medo da “paranóia da Aids”, demonstrando uma alteração da narrativa comum do autor, a qual é de constante ironia a uma sinceridade ligada a um tema sério.

Mudanças na representação realizada por um único autor, Julio Mariano, funcionam como declaração do caráter inconsistente das representações que são incapazes de apresentar uma “verdade”, sendo possível apenas servir enquanto uma indicação das estruturas de poder de determinado período. Com as campanhas nacionais de órgãos de saúde, políticas públicas e militância de sujeitos soropositivos e aliados da causa, no fim da década de 1980, iniciam-se as influências nas representações a respeito do tema para uma esfera mais distante do estigma.

A aprovação brasileira do retroviral AZT³⁹, a campanha nacional do uso da “camisa de vênus”⁴⁰ e o isolamento do vírus da AIDS feito pela Fiocruz⁴¹ são notícias importantes que foram abordadas através do uso de uma personagem travesti, já que em todas Aida é o centro da narrativa. Segundo Wigston (2002, p. 93), as tirinhas políticas sobre problemas ligados à

³⁹ MARIANO, Julio. Tirinha Nonô das candongas. Diário do Pará. Caderno D. Edição 1549. 14 out 1987

⁴⁰ MARIANO, Julio. Tirinha Nonô das candongas. Diário do Pará. Caderno D. Edição 1522. 17 set 1987.

⁴¹ MARIANO, Julio. Tirinha Nonô das candongas. Diário do Pará. Caderno D. Edição 1608/1614/1709. 13 dez 1987/19 dez 1987/ 26 março 1988.

epidemia HIV/AIDS possuíram, possivelmente, um papel pequeno, mas vital ao chamar atenção para o tema. Assim, embora com um potencial duplamente estigmatizante, o uso da travestilidade como recurso narrativo para abordar as questões ligadas ao HIV pode ser entendido enquanto conscientizador sobre a epidemia.

Capítulo II: Elas têm nome e talento: os shows travesti em Belém do Pará

“Dona de um número fã-clube, Magda, por onde passa, deixa a certeza de que foi vítima de um cochilo da natureza. Deveria ter nascido mulher, coisa que assume e confunde quem a vê pela primeira vez”⁴²

Através do olhar epistemológico da teoria *queer*, podemos entender como os sujeitos marginalizados demonstram sua agência combatendo a estigmatização ao adotar estratégias sociais e narrativas perante discursos midiáticos, o que foge de uma passividade a respeito de sua representação (SALIH, 2012). Ademais, esta corrente demonstra a pluralidade dos sujeitos, enriquecedora para discussões sobre identidades marginalizadas ao expandir as problematizações para além da marginalização, da discriminação e da dor que são construídas suas narrativas. Assim, possibilita-se análises que procuram entender a agência do sujeito representado e que pode estar envolta de uma passividade social, sem protagonismo, sem a capacidade de alterar seu status social, etc.

No capítulo anterior, o foco era o perigo travesti e suas facetas, de acordo com as fontes do Diário do Pará. Os cadernos de polícia e política nacional foram os cenários de maior presença dessas narrativas, as quais focam em ataques transfóbicos, crimes violentos e agressões simbólicas envolvendo travestis e mulheres trans. Porém, entre as seções do jornal com maior índice de presença travesti temos as destinadas a divulgar os shows da noite.

Assim posto, as fontes do Diário do Pará designadas às performances artísticas travesti na cidade de Belém na década de 1980 são o alvo de nossa investigação. Portanto, é proposto analisar e problematizar o discurso midiático sobre travestis e transexuais para além das praças, adicionando um enfoque aos palcos, onde protagonizam shows e, por consequência, produzem narrativas de si. Locais onde o *glamour*, a feminilidade e a arte são as ferramentas utilizadas por sujeitos que começavam a ganhar cada vez mais espaço no cenário brasileiro.

Na Belém de 1980, a cobertura jornalística a respeito dos shows travesti é notável ao, semanalmente, ocorrer a divulgação dos espetáculos com detalhes sobre os artistas, como o *sex appeal*, as dublagens performáticas, o nível de provocação sexual e de animar a noite. As

⁴² QUEIROZ, Carlos. Despedida de Magda. Shows. Diário do Pará. Edição 772. 11 maio 1985.

apresentações ocorriam geralmente em casas de show, mas, originalmente, o interesse em apresentações de travestis fora diretamente ligado ao teatro. O impacto causado pelo musical “Les Girls”, que movimentou públicos para assistir um trabalho teatral feito por artistas travestis, aumentou o interesse do público exponencialmente conforme personalidades ligadas a travestilidade ganhavam notoriedade na mídia brasileira, a exemplo, Rogéria, Thelma Lipp e Roberta Close.

Segundo Paschoal (2016), *Les girls* estreou em 1964 e alcançou tamanho sucesso que a equipe do espetáculo realizou turnês internacionais. Encenando um espetáculo ambientado num cenário de consultório psiquiátrico, onde lindas mulheres interpretadas por travestis atuavam, cantavam, dançavam e ironizavam dilemas sobre vivências femininas, com trajés elegantes e um famoso *sex-appeal*, influenciou na representação do sujeito travesti e na cultura envolta a temática.

Além de uma questão ligada a um modismo motivado pelo musical *Les Girls* (1964), o interesse midiático é associado a adesão, por parte das travestis, às novas tecnologias de gênero, ao processo de redemocratização, ao interesse do público pelo erotismo pós-censura e ao talento das travestis nos palcos. Dessa forma, os corpos “transformados” despertaram o interesse público e se tornaram alvo de desejos, questionamentos e aplausos. Portanto, para além de uma escrita marcada pela violência, o presente capítulo objetiva expandir o território físico-midiático das *bonecas* até aqui então apresentado.

Ademais, devido ser um fator marcante no período, problematiza-se o pânico social da epidemia de HIV/AIDS na midiática de sujeitos trans que realizavam espetáculos na capital paraense. Aborda-se as estratégias dos donos de boate para lidar com a crise, o impacto da associação travesti-aids na boemia da cidade e as resistências encontradas. Este cenário é mapeado e problematizado por ser uma maneira de analisar as representações conflitantes existentes dentro do jornal, saindo do cenário policial para o entretenimento, de um espaço de vigilância para um de heterotopia.

2.1. A estrela Magda Strass

Na cena local belenenses de 1980, Magda Strass é apresentada constantemente nas manchetes enquanto a maior travesti de Belém. Dona de fã clubes, com elogios frequentes e matérias semanais sobre sua carreira, avisos de suas chegadas e saídas da cidade para shows em

outras capitais eram constantes. Sua imagem era associada, com frequência, ao seu corpo, considerado de “beleza naturalmente feminina” ou, ainda, um “cochilo da natureza” - expressão biológica reforçada pela própria visão de Magda sobre sua identidade e genética. Entre várias descrições sobre corpo e performividade da artista, a alcunha “cochilo da natureza”, auxiliou o direcionamento da presente pesquisa ao tornar Magda central para as discussões propostas ao ser repleta de tensões de gênero e sexualidade.

A estrela Magda Strass brilha em cerca de duzentas fontes encontradas, cujo nome da artista aparece no maior número de matérias referentes aos shows travesti nas noites de Belém da década de 1980. Sua presença marcantes nas folhas de papel é fruto de sua carreira celebrada por títulos importantes, uma vez que é entendida enquanto a única paraense a ganhar os três títulos de maior mérito entre as artistas que se “montavam”: Miss Pará Gay (1979), Miss Brasil Gay (1980) e Miss Universo Gay (1981)” (NASCIMENTO, 2019).

Imagem 14: Magda Strass



Fonte: Batalha de Confete. Carnaval. Edição 696. 9 de fev 1984.

Na imagem acima vemos Magda Strass com salto alto, figurino de performance e maquiagem marcante. O ângulo da fotografia foca nas pernas da artista, assim como na silhueta de seu corpo. Esta característica marca as imagens publicadas pelo Diário do Pará, as quais

sempre tem como foco os elementos que enunciam a beleza, o corpo e a capacidade performática da musa da capital paraense.

A artista é descrita nas reportagens pelo seu talento em dublar músicas da cantora Gal Costa, mas o grande enfoque de sua imagem gira em torno de potencial atrativo para o público alvo em termos de *sex-appeal*. Com fotos em poses que acentuam um corpo curvilíneo, as matérias sobre Magda podem ser entendidas enquanto envoltas de tensões sexual e de gênero, ambas constantes e interligadas.

Um detalhe lembrado com frequência pelos colunistas do jornal é a diferenciação que Magda Strass tem das outras travestis: “a única a fazer *strip-tease*”⁴³. A atividade a consolida como destaque em boatos como a “Bole-Bole” (Imagem 14) e o “Lapinha”. Mas, há uma tensão aqui. Observa-se que tal afirmação não era uma simples questão de escolha artística, mas um interdito, um subtexto, ou uma implicitude para legitimar não quem faz, mas quem *pode fazer*. Ou seja, servia para apontar qual travesti possuía o capital físico-social necessário para performar seminua, com um corpo feminino categorizado enquanto homem, mas suficientemente capaz de borrar as linhas que delimitam o desejo sexual e aceitação do público.

O contraste entre corpos é inserido no contexto sócio-histórico em que o alcance das tecnologias de gênero não era apenas limitadas por questões financeiras, mas também por questões legais. Na década de 1980, os procedimentos estéticos necessários para construir a própria identidade, reafirmar o gênero ou moldar o corpo da boneca estavam em territórios de ilegalidade, uma vez que os médicos não realizavam cirurgias “feminilizadoras em homens” por serem consideradas pelo entendimento médico e jurídico enquanto mutilação de um corpo saudável (CARVALHO & CARRARA, 2013).

Embora o uso das tecnologias de gênero fosse tratado como tabu, a década de 1980 é marcada pela valorização de travestis donas de uma corporeidade próxima de padrões hegemônicos de feminilidade (KULICK, 2008; MISKOLCI & PELÚCIO, 2009; PINTO, 2017). Neste contexto, Magda Strass ganha destaque com sua feminilidade considerada pelos

⁴³ Magda Strass era constantemente descrita como a única a fazer *streak-tease*, porém, nota-se a presença de outras travestis que realizavam ou já realizaram *strip-tease* em boates. Entendo que a afirmação tenha apoio em ser a única travesti paraense, não uma artista convidada; ter a capacidade de apresentar um corpo curvilíneo, pouco comum no período entre as travestis; além da alta rotatividade da cena artística, provavelmente um dos fatores para a afirmação seja ligada a Magda ser a única em um determinado espaço de tempo a realizar apresentações com retirada de roupas.

jornalistas como natural, um mero "cochilo da natureza" e, pela própria Magda em entrevistas, como fruto de uma naturalidade em seu sentido hormonal, genético, espontâneo.

As reportagens no Diário do Pará apenas comentam sobre a opinião de Magda a respeito de seu corpo ao ser considerada "vítima de um cochilo da natureza", porém, não as expõe. Todavia, podemos analisar melhor suas falas em entrevista concedida ao antropólogo Amadeu de Deus (2018). Em seu trabalho, o autor apresenta, a partir de falas de Magda, a forma como ela entende sua identidade de mulher transexual. Verifica-se que Magda se sente diferente desde a infância e que embora designada homem ao nascer, possui "genética feminina". Diagnosticada por um médico, ela foi orientada, na adolescência, a "virar mulher" devido a sua condição genética que geraria características sexuais secundárias femininas (DE DEUS, 2018, p. 127):

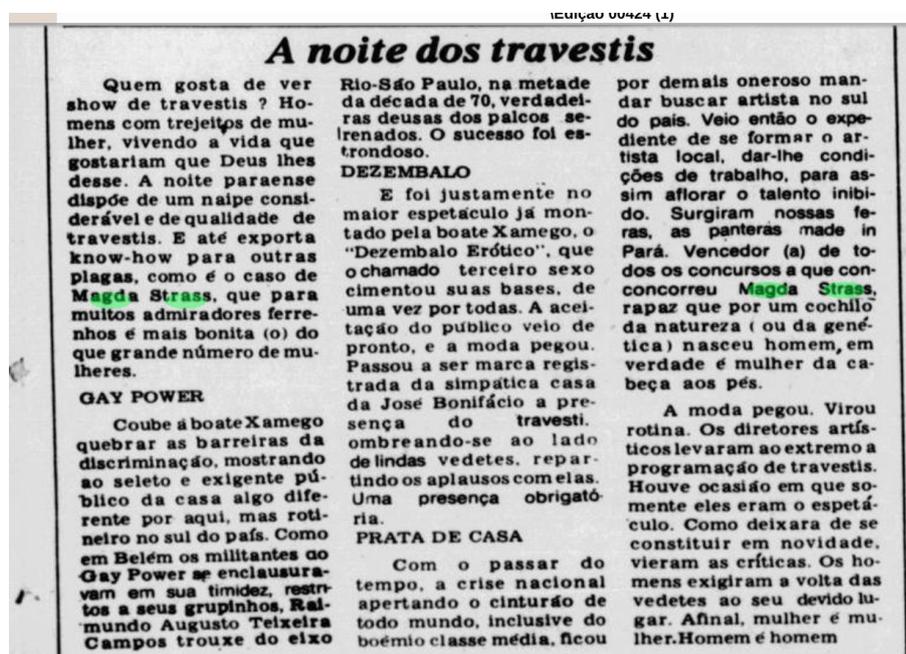
"Então, eu era aquela pessoa, assim, que tava se transformando. Desde criança eu sempre tive o meu jeito feminino, então, desde criança eu tive o meu jeito feminino, eu tive... Eu notava que eu era diferente! E apesar de eu trabalhar aqui com o papai, com o meu cabelo cortado de menino, os clientes do papai chegavam e falavam. Às vezes eu chegava do colégio e eu passava dentro da loja do papai, e eles falavam: —Ah, bonita essa menina, é sua filha? E aí o papai falava: —Não, ela não é mulher, é menino! Aí os homens falavam: —Ah, mas ele é tão feminino, tem cara de mulher, parece uma menina, falavam isso sempre pro papai. E eu sempre fui feminina, né? Então, aos 12 anos, o meu seio cresceu, de repente, e o que foi que aconteceu? Aí, eu fui mostrar pro papai, papai me levou no médico, no endocrinologista. O médico que cuida de hormônios, naquela época não usava esta palavra, usava outra palavra, agora, hoje em dia, se fala endocrinologista. É o médico que cuida dos hormônios, de homem e de mulher, e aí eu fiz vários exames. Aí eles fizeram o meu, o médico fez o meu levantamento no meu DNA, quando ficou pronto o meu DNA completo, o médico falou na cara do papai: —Olha, ele nasceu menino, mas aqui no DNA dele ele é 70% feminino e 30% masculino, então, não espere deste menino casar, lhe dar neto, porque isso aí vai virar uma mulher. Ela está se transformando sem tomar hormônio, ela tem muito hormônio feminino, ela vai virar uma mulher, então, esqueça que ele é um menino, porque ele vai se transformar, ele vai virar uma mulher! Aí eu fui me transformando, o cabelo foi crescendo, eu fui mudando tudo, minhas feições ficou mais feminina, ó, eu não tenho músculo, eu não tenho veia e eu fazia ginástica no colégio, fazia educação física. Olha, eu sou totalmente feminina, não tenho aquele braço peludo, por exemplo, o meu pelo pro teu, nem se compara, né?" (Magda Strass).

Embora as palavras escritas no Diário do Pará que eram designadas à Magda Strass sejam, em caráter geral, de maior cuidado e *glamour* em comparação a outros sujeitos travesti, notam-se frequentes contradições. O discurso jornalístico aborda a aparência, o corpo e a feminilidade de Magda a partir de escolhas de termos e expressões que demonstram tensões

sociais, pois, criam um contraste entre o gênero designado ao nascer (“cochilo da natureza”, “devia ter nascido mulher”, “confunde a mente”, por exemplo) e aquele a qual se auto-identifica. Acusando de certa forma uma feminilidade artificial construída para ofuscar uma masculinidade inicial.

O autor da maioria das matérias sobre shows travesti na noite belenense, Carlos Queiroz, escreve na reportagem referente a imagem 15 como a presença de travestis nos palcos está sob um contexto nacional. O colunista entende o ocorrido como um modismo que acontece nos primeiros anos da década de 1980 e destaca o interesse do público neste setor cultural, bem como o de diretores de espetáculos em contratar pessoas que realizam shows travesti. Mas, tende a não explicitar diferenças entre o uso da categoria enquanto performance artística ou/e identitária, designando todos os sujeitos enquanto homens.

Imagem 15: Anúncio de festa com artistas travestis



Fonte: A noite dos travestis. Shows. Diário do Pará. edição 424. 21 março 1984.

A falada “moda que pegou” é inserida em um contexto nacional brasileiro referente à década de 1970, de expansão dos meios de comunicação que possibilitou visibilidade e politização público-midiática a pautas sobre sexualidade (TREVISAN, 2011). Em constante tensão com a censura da ditadura militar, o mercado de entretenimento encontrou nos sujeitos

“desviantes” um público tanto “consumido” quanto consumidor, assim, possibilitando a mediação de identidades. Elias Veras (2015, p. 116) disserta que:

“O surgimento do Lampião da Esquina, primeiro jornal homossexual brasileiro, no final dos anos de 1970, e também as conversas matinais de Marta Suplicy sobre sexo, no programa TV Mulher, da Rede Globo, e a coluna semanal sobre feminismo de Rose Marie Muraro, no jornal O Povo, na década de 1980, inseriram-se nesse contexto de expansão midiática, de visibilização e politização das mulheres e dos homossexuais, que flexibilizaram as fronteiras nacional-local, público-privado e, também, de gênero-sexo corpo.”

Magda Strass, assim como exposto, teve sua carreira marcada pelo foco no corpo da artista, seja nas roupas *glamourosas*, seja na pele à mostra. Adentro, neste ponto da pesquisa, nas discussões de gênero que valorizam o papel do corpo como consequência das repetições que giram em torno do sucesso de uma artista travesti estar ligado a uma naturalidade corporal, a um corpo “feminino por natureza” e de “parecer mulher de verdade”, assim, adquirindo notoriedade na noite paraense.

Alvo de constantes olhares, o corpo de Magda Strass é enaltecido pelas suas características corporais ligadas ao padrão hegemônico esperado de uma mulher jovem, fugindo de uma estética que a faça ser lida socialmente enquanto um homem *gay*. Por consequência, ao entrar num modelo corporal fruto do período fármaco-pornográfico, a artista pode ser respeitada de certa forma pelos discursos midiáticos ao se aproximar de uma expressão de gênero inteligível, constantemente tensionada em comparação com “mulheres de verdade” e discursos sobre ambiguidade.

A nossa “maior travesti do Pará”, Magda Strass, tem sua carreira acompanhada na mídia, cercada de termos generificantes que criam uma aura de ambiguidade de gênero e sexualidade em torno de sua imagem. Isto pode ser entendida como parte importante do seu apelo para o público, diferenciando a artista das vedetes e outras profissionais travesti da cena boêmia belenense.

Uma frase repetida sobre a corporeidade de Magda Strass é sobre como “por um cochilo da natureza, devia ter nascido mulher” que, no contexto inserido, procura enaltecer a beleza feminina da artista por se aproximar de padrões de beleza estéticos ligados às mulheres. Esta é, então, uma descrição pertinente que funciona enquanto estratégia midiática para chamar a atenção de possíveis clientes para os shows de Magda - com constantes dublagens e *strip-teases*.

A escrita midiática que evoca um “descuido da natureza”⁴⁴ em torno do corpo de uma pessoa trans evoca a noção de determinismo biológico, um entendimento do sexo enquanto categoria pré-discursiva, reforçando a noção heterocisnormativa de controlar corpos em moldes de expressão e identidade. A escrita midiática constrói a imagem travesti próxima, mas inferior as mulheres cis, através de discursos como “devia ter nascido mulher”, “vítima da natureza”, “confunde quem a vê pela primeira vez”.

Os discursos predominantes nos estudos trans dos últimos anos procuram fugir destas associações que validam identidades trans através de aproximações com um padrão heterocisnormativo. O presente trabalho está incluído nesta linha de pensamento. Porém, a pluralidade de vozes existentes em uma comunidade demonstra como os discursos midiáticos do período estudado não devem ser alocados apenas em uma ótica “atrasada”, o que considero enquanto uma perda metodológica, já que limita a complexidade dos discursos analisados (DE JESUS, 2014).

Portanto, como todo discurso é dotado de quebras, é possível entender uma certa aproximação com a voz da própria artista, uma vez que o jornal comenta que a artista “deveria ter nascido mulher, coisa que assume”⁴⁵. Ao focar na última parte da afirmação, podemos notar um sinal de mudança a respeito de temporalidade e identidade, como defende Elias Veras (2015), ao indicar a década de 1980 brasileira enquanto o período em que o termo travesti sofre notável alteração. Ao perder características temporárias (“*ir de travesti*”), o termo passa a adquirir questões de permanência identitária (“*sou travesti*”), mudança associada à possibilidade de alterações corporais ligadas ao gênero e difusão de discussões médicas sobre sujeitos transexuais.

⁴⁴ QUEIROZ, Carlos. Despedida de Magda. Shows. Diário do Pará. Edição 772. 11 maio 1985.

⁴⁵ Ibidem, 1985.

Imagem 16: Magda de saia e blusa branca sorrindo com uma legenda elogiosa.



Fonte: QUEIROZ, Carlos. Shows. Diário do Pará. Edição 1113. 22 junho 1986.

Entendo que, além da fama de sua personalidade artística feminina, o corpo de Magda pode ser considerado um agente para ser tratada constantemente no feminino, ser apresentada enquanto garota, “boneca”, mulher, *a* travesti, “uma autêntica mulher” (imagem 16). Em um período onde o *script* para narrativas travesti era marcado por designações que remetiam a uma masculinidade através do uso de pronomes masculinos, termos como *gay*, garotos alegres, homossexuais, etc, seu corpo a tornava “merecedora” do tratamento feminino.

Neste cenário, a diferenciação de Magda Strass perante as outras travestis pode ser entendida por diversos fatores: as suas capacidades artísticas demonstradas nos números de espetáculos e turnês; pela capacidade de seu corpo ser enquadrado em feminilidades apreciadas pelo público, que desejava um erotismo trans, mas cisnormativo; e pela midiatização de sujeitos trans que, em um recorte local, divulgava e solidificava sua carreira artística.

2.2 Eis Léa Show

Conhecida na noite de Belém por suas dublagens de *black music*, Léa Show é apresentada pelo Diário do Pará como uma artista cativante, que performava em diferentes casas de show da capital e interior, como as boates Dayane, Ypacary, Lapinha e Xamego. Sempre representada nas fotografias do jornal com um sorriso ou animada durante suas apresentações. Sendo a única personagem desta investigação cuja representação possui registros de falas de outras travestis, uma vez que Magda é apresentada diretamente pela opinião do jornalista, e no caso de Léa, são encontrados comentários de suas amigas travestis sobre temas relacionados à artista.

Imagem 17: Wandyrá Dorlysk acompanhada de Léa Show na Boate Ypacary.



Fonte: QUEIROZ, Carlos. Sem título. Shows. Diário do Pará. Edição 917. 29 out 1985.

A partir de 1984, Léa Show começa a ser mencionada pelos colunistas apenas como membro do elenco da boate que trabalhava, a Xamego. No entanto, ao longo das edições, é possível perceber como a artista começa a ganhar nome, sendo seu diferencial artístico a sua habilidade para dublar músicas internacionais, entendida como uma travesti de grande talento⁴⁶.

⁴⁶ QUEIROZ, Carlos. Reginaldo no Lapinha. Shows. Diário do Pará. Edição 781. 22 maio 1985.

Aparecendo acompanhada, geralmente de grandes artistas na cena local como Wandyr Dorlysk (imagem 17).

Conforme ganhava notoriedade, chamava a atenção de outras boates, como a Lapinha, carro chefe da noite paraense da década de 1980. Segundo o colunista Carlos Queiroz, Léa Show dubla “artistas internacionais com perfeição”, utilizando vestidos longos e gestos que cativam o público pela sua presença de palco. Porém, segundo Queiroz, os truques que funcionam na Xamego acabam por falhar no Lapinha, onde o erotismo era a marca da casa, portanto, Léa Show volta para sua boate anterior⁴⁷. O que não travou sua carreira, pois, continuou a marcar presença em bailes, espetáculos e boates da cidade, com frequentes elogios da mídia:

Figura 18: Fotografia de Léa Show com roupas extravagantes e abaixo da imagem uma legenda elogiosa.



Fonte: QUEIROZ, Carlos. Sem título. Shows. Diário do Pará. Edição 787. 29 maio 1985.

A dedução a respeito da carreira de Léa demonstrava um prelúdio ininterrupto de shows e turnês comuns para as travestis que construíam fama na cidade. Porém, em agosto de 1985, ocorre um inesperado adoecimento da artista: uma gangrena na perna que causa sua amputação.

⁴⁷ QUEIROZ, Carlos. O bom do sereno. Diário do Pará. Edição 798. 12 junho 1985.

Questão que gerou grande interesse do jornal, focando na trajetória artística, quadro clínico, boatos e recuperação de Léa Show aos palcos.

Em um cenário de expoentes da noite *gay* estampando notícias sobre mortes motivadas por AIDS, a história de uma travesti que adoeceu devido uma gangrena na perna cai no interesse do jornal em “pautas quentes”. A originalidade do acontecimento pode ser entendida enquanto de grande interesse através de uma visão jornalística, sempre na procura de temas novos e cativantes, sendo possível uma empatia pelos artistas que Carlos Queiroz acompanhou em suas colunas. Mas que seja por questões profissionais ou empáticas, a cobertura da trajetória trágica de Léa Show cresce conforme surgem complicações de seu estado clínico, o que ocasionou a amputação de uma perna, gerando um afastamento dos palcos:

Realmente uma tragédia se abateu sobre o transformista Léa Show, figura muito conhecida dos palcos noturnos de Belém, com passagem destacada pela Dayane, Lapinha e Xamego. Os seus amigos (artistas) estão lhe dando toda a assistência possível, com o objetivo de minimizar o seu sofrimento. Inclusive, já estão se mobilizando no sentido de lhe conseguir uma perna mecânica, logo que isto seja possível. A minha coluna está à inteira disposição de Léa, para qualquer tipo de promoção que vise melhorar sua situação.⁴⁸

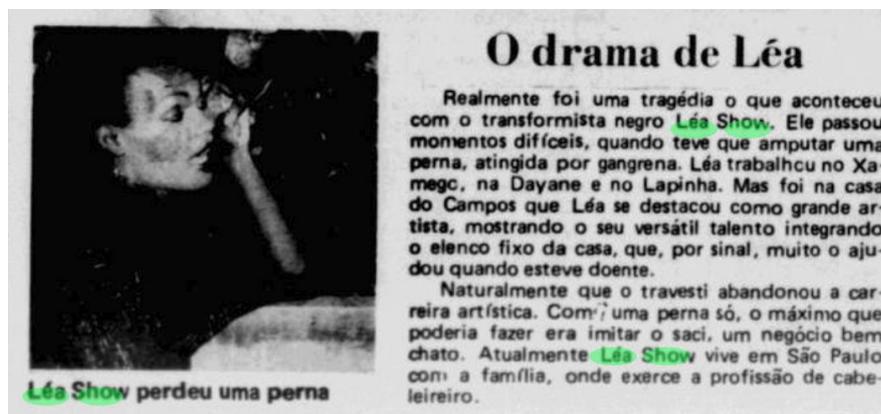
A amputação de uma das pernas de Léa Show ocasionou o registro de redes de sociabilidades travesti devido o interesse do colunista Carlos Queiroz em divulgar o estado de saúde e a resposta dos artistas locais a respeito do ocorrido, assim como a recepção da clientela quando a travesti voltasse aos palcos. Embora o jornal apresente palavras de encorajamento para a recuperação de Léa, é possível entender que as narrativas podem ser enquadradas em um oportunismo do jornal ao utilizar um arquétipo associado a pessoas com deficiência (PCD), onde a superação de limites físicos é apresentada como única característica do sujeito (FERNANDES & DENARI, 2017, p. 10). Considerando, a partir do acidente, todas as notícias envolvendo a artista remetem a perda de sua perna.

A cobertura da trajetória de Léa Show aciona discussões a respeito da relação entre classe social, gênero, raça e, além disso, da deficiência física. Ao analisar o caso “do travesti negro”, a deficiência física pode ser entendida enquanto um dos fatores capazes de influenciar as relações do sujeito com sua identidade e expressão de gênero, uma vez que a amputação de

⁴⁸ QUEIROZ, Carlos. Serenadas. Shows. Diário do Pará. Edição 850. 11 agosto 1985.

sua perna em 1985 é apresentada como a causa de seu abandono dos palcos e da decisão de reassumir uma identidade masculina.

Imagem 19: Cobertura midiática da amputação sofrida por Léa Show



Fonte: QUEIROZ, Carlos. O drama de Léa. Shows. Diário do Pará. Edição 15. 10 março 1986.

Na imagem 19, a manchete narra brevemente a carreira de Léa Show, que passou por notórias casas de show da cidade por suas habilidades artísticas, e que isso influenciou na sua recuperação devido a ajuda do elenco com quem trabalhava na época de seu adoecimento. No segundo parágrafo, o colunista parte para o humor trágico-cômico - comum em casos dramáticos envolvendo travestis -, onde a escrita é marcada por uma suposta descrição dos acontecimentos. Agrega-se subjetividade ao acontecimento e ridiculariza-se a situação que o sujeito se encontra, tratando a saída dos palcos como inevitável uma vez que, após a doença, “o máximo que poderia fazer era imitar o saci”⁴⁹. Restou a Léa voltar a morar com a família em São Paulo, com uma profissão não-performática, mas paralela à arte travesti. A artista se volta ao ramo da estética, como cabeleireira, o qual o colunista utiliza termos masculinos como "cabeleireiro" e “travesti negro” ignorando a autoidentificação feminina de Léa, como a imagem seguinte demonstra:

⁴⁹ QUEIROZ, Carlos. O drama de Léa. Shows. Diário do Pará. Edição 15. 10 março 1986.

Imagem 20: Manchete “Léa Show em São Paulo” e fotografia de Léa sobre ir morar com a família em São Paulo devido encerrar seus shows em Belém.



Fonte: QUEIROZ, Carlos. Léa show em São Paulo. Shows. Diário do Pará. Edição 903. 12 outubro 1985.

Como leva em seu sobrenome artístico, o Show é parte importante na expressão de gênero de Léa Show, como foi o caso de diversos sujeitos desviantes desde os carnavais do início do século XX (GREEN, 1999). Nas fontes encontradas, a possibilidade de performar em espetáculos travesti é algo ligado a sua trajetória, assim como a vivência de sua identidade e, ao ser privada de performar nos palcos, remete ao seu nome de registro e diploma de cabeleireira para seguir a vida.

Nas últimas décadas do século XX, a cena artística era um dos poucos ambientes que possibilitavam espaços heterotópicos de gênero, espaços que segundo Foucault (2010) fomentam quebras com o padrão vigente, essenciais para a construção de identidades marginalizadas. A identidade travesti não está diretamente ligada à existência de todos os membros do sujeito, mas a deficiência pode ser entendida como fator de influência, uma vez que a expressão artística e a expressão de gênero possuem terreno em comum: o palco. Portanto, com a falta de interesse das casas de show, pelo menos no período inicial da perda da perna, nota-se como se tornar uma pessoa com deficiência física afetou a identidade e expressão de

gênero de Léa Show. Em uma carta de sua amiga e colega de profissão, Wandyrá, endereçada ao colunista Carlos Queiroz, tem-se:

“De acordo com a carta de Wandyrá, Léa Show está agora com uma nova cabeça. Quando deixar o leito do hospital, vai exercer a profissão de maquiador, posto que tem diploma. E mais importante: vai assumir o seu nome (José Cruz Filho), mais precisamente Zequinha.”⁵⁰

Como vemos no trecho acima, o abandono dos palcos e de sua identidade feminina são interligados ao seu adoecimento, que provocou a amputação de uma perna. Porém, em 1987, dois anos após o jornal anunciar a saúde estável⁵¹ de Léa Show e afirmar que ela “deixou definitivamente os palcos iluminados do sereno paraense”⁵², o colunista Carlos Queiroz escreve sobre “a garra da Léa”⁵³ em voltar de cadeira de rodas ao show business em São Paulo:

“Léa show ainda não tem perna mecânica, mas os amigos de lá estão trabalhando neste sentido. O travesti atua sentado numa cadeira, fazendo como sempre uma dublagem de alto nível. Para Léa, também o espetáculo não pode parar, mesmo mutilada fisicamente.”⁵⁴

Entre narrativas de mutilação, elogios e sensacionalismo, a representação de Léa Show enquanto uma travesti da década de 1980 funciona como exemplo de como os palcos agiram como espaço de heterotopia, implicando em várias camadas de significação, desde a produção de identidades ao apoiar expressões de gênero estigmatizadas por parte significativa da imprensa; ou ainda, a possibilidade de se reinventar enquanto cantora, dubladora, estrela, uma pessoa valorizada pela sua arte, a despeito do preconceito e da tentativa de exclusão social com a qual sexualidades e identidades dissidentes estão sujeitas. Porém, semelhante a qualquer questão social, as dinâmicas a respeito dos espetáculos travestis apresentam expectativas e cobranças que tencionam as relações entre a mídia, o público, a travestilidade, a arte e a sociedade em geral, proporcionando problematização sobre os limites e estratégias sociais a respeito de travestis do sereno belenense de 1980.

⁵⁰ QUEIROZ, Carlos. As verdades de Wandyrá. Shows. Diário do Pará. Edição 882. 18 setembro 1985.

⁵¹ QUEIROZ, Carlos. Léa Show está bem. Shows. Diário do Pará. Edição 877. 12 setembro 1985.

⁵² QUEIROZ, Carlos. Léa show em São Paulo. Shows. Diário do Pará. Edição 903. 12 outubro 1985.

⁵³ QUEIROZ, Carlos. A garra da Léa. Diário do Pará. Edição 59. 9 fev 1987.

⁵⁴ QUEIROZ, Carlos. Léa volta aos shows. Diário do Pará. Edição 1140. 24 julho 1986.

2.3 Expectativas e cobranças na espetacularização da travestilidade

Uma das características ligadas ao crescimento de travestis e mulheres trans na mídia brasileira é o apelo de uma “estética de boneca”, fruto de influências culturais e processos cirúrgicos. Segundo Green (2000, p. 280), a cena artística de travestis no Brasil, mais conhecida na época como *baile das bonecas* nos anos de 1950, possuía grande influência de atrizes do cinema estadunidense na escolha de seus vestidos, perucas e maquiagens. Elias Veras (2020) disserta que nos bailes:

“as bonecas se apropriavam de artefatos femininos, ou melhor, de tecnologias de gênero, como maquiagem, peruca, vestido, calcinha, biquíni e sapatos, inspirando-se em um ideal de feminilidade cujas referências eram as misses Brasil e as stars norte-americanas, conhecidas nacionalmente através do cinema e das páginas de revistas de variedades. Desse modo, transformaram os concursos em heterotopias de gênero, no qual um olhar (de si e do outro) mais crítico em relação à exigência das aparências foi desenvolvido.”

O autor Terre Thaemlitz (2008) aborda como o *glamour* associado a celebridades femininas, à exemplo Marilyn Monroe e Elizabeth Taylor, apresenta uma feminilidade exacerbada, fantasiosa e teatral, servindo de inspiração nos palcos, lugar onde pessoas designadas homens, historicamente, assumem papéis femininos e imitam atrizes femininas famosas, influenciando em como o sujeito entende e expressa sua identidade. Os signos associados às artistas da metade do século XX cobriam maior parte do corpo com longos vestidos, utilizavam perucas, cabelos largos e maquiagens intensas, podendo ser analisados enquanto atrativos para artistas que os utilizavam para construir uma estética que as aproximava de padrões femininos. Ademais, ajudavam a cobrir detalhes considerados masculinos como barba, cintura larga, músculos, como na segura seguinte:

Imagem 21: Baile dos invertidos no Rio de Janeiro 1974.



Fonte: O Pasquim, edição 272/1974. Acervo de Aurelio Silva Júnior (2017)

Thaemlitz (2008) acrescenta que o uso da estética do *glamour* por sujeitos marginalizados, como pessoas trans e travestis, pode ser entendido enquanto uma maneira de diferenciar um indivíduo de outros. O autor entende o *glamour* enquanto uma estratégia social “solitária”, que não aparenta, de forma direta, fins coletivos. O foco é a racionalização da diferença, uma vez que a diferenciação é usada para alavancar o status social de determinado sujeito travesti, valorizando sua arte, sua performance, assim, digno do reconhecimento social negado à travestis que realizam prostituição. Estas travestis não-artistas são sujeitos “caricatos”, como a famosa Rogéria comentava em seus shows e entrevistas pelo Brasil (CARVALHO, 2011).

Conforme cresce no Brasil a difusão de meios farmacêuticos e cirúrgicos de alteração dos corpos, cresce o número de sujeitos que aproximam a sua estética não mais às atrizes hollywoodianas, mas aos símbolos sexuais, a um corpo feminino “natural”, com menos roupas e com mais curvas. A mídia brasileira tornava-se, a partir deste avanço tecnológico, cada vez mais consumidora e potencializadora de figuras trans capazes de seguir uma estética de boneca com curvas, rosto fino, cabelo natural e figurinos sexualmente provocantes.

O apelo erótico ao divulgar a programação da boemia paraense acompanhava a tendência da mídia nacional de usar o erotismo para chamar a atenção do público, indo contra o *modus-operandi* das últimas décadas, onde a censura da ditadura militar limitava a exibição de mínimas partes do corpo, principalmente, o de mulheres e do corpo travesti. Como aborda Luciana Klanovicz (2008, p. 244), a Censura Federal proibiu o erotismo na programação nacional de televisão e, pela travestilidade ser entendida enquanto uma espécie de perversão sexual, o “travestismo” foi banida. Em consequência, travestis e homens “em travesti” eram censurados, como foi o caso da novela *Um sonho a mais*, de 1985, que precisou retirar do ar três personagens feitos por atores “montados”.

Logo, com o fim da censura e do regime militar, o erotismo na redemocratização torna-se ferramenta essencial em publicidades, programas de televisão, capas jornalísticas, programas familiares e programações noturnas em uma escala nacional (KLANOVICZ, 2011, p. 73). Em relação a esta tendência, a edição jornalística do Diário do Pará aparenta estar de acordo, visto que eram ricas em detalhes as descrições com foco no *strip-tease*, no tamanho mínimo das roupas, dos “shows provocantes”, entre outras características que procuravam cativar o leitor a prestar uma visita às casas de show da noite belenense.

Assim, seguindo uma tendência nacional, os shows travestis eram divulgados com grande foco no erotismo, seja nas performances com roupas provocantes, no *stand up* com narrativas sobre sexo ou no *strip-tease*, como mostra um episódio do programa da Rede Manchete, intitulado *Documento Especial: Televisão Verdade* (1989)⁵⁵ e que investigava “o insólito universo dos travestis brasileiros”⁵⁶. Em formato de documentário, o programa do ano de 1989 exhibe imagens de shows travestis com apresentações de humor e *strip-teases* completos e com foco nas partes íntimas desnudas, pois “o que realmente anima a plateia são os números eróticos” onde as travestis “exploram a sensualidade ao máximo”⁵⁷.

Além da possibilidade de abordar o erotismo após o fim da censura, a passabilidade cis⁵⁸ pode ser incorporada ao debate, pois o erotismo, nas descrições sobre travestis e mulheres trans,

⁵⁵ Documento Especial: Televisão Verdade (1989). *Travestis*. Rede Manchete. Rio de Janeiro. Novembro, 1989. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=oONClgzq4EM&t=617s>>.

⁵⁶ Ibidem, 1989.

⁵⁷ Ibidem, 1989.

⁵⁸ Segundo Simakawa (2015, p. 158), passabilidade cis é entendida enquanto a capacidade de sujeitos trans apresentarem uma leitura social de seu gênero correspondente ao gênero que pertence, podendo ser consciente ou inconscientemente ser entendido socialmente enquanto uma pessoa cis. Onde a adesão de comportamentos e elementos generificantes ligados à masculinidade ou feminilidade são essenciais para construir uma leitura social

estava fortemente ligado a capacidade do corpo transfeminino em ser lido de forma verossímil ao corpo de uma mulher cisgênero. Com frequência, as fontes apresentam trechos que constroem a passabilidade cis enquanto rentável tanto para a casa de shows, ao captar mais clientes, assim como para a pessoa trans em questão, ao possibilitar novos espetáculos, tipos variados de performances, viagens, etc.

Ao construir uma imagem feminina erótica, a narrativa de entretenimento do jornal procura esconder o nome de registro de travestis das boates que divulgava. As associações com um sujeito masculino poderiam quebrar com o “canto da sereia” que o jornal fazia para atrair o máximo de homens para conhecer os domínios das “sereias da noite”. Este movimento se difere das narrativas policiais, que realizam a exposição do nome masculino da travesti como maneira de atacar a identidade do sujeito e estigmatizar a comunidade transfeminina enquanto perigosa.

Segundo Elias Veras (2015), as narrativas midiáticas sobre mulheres trans e travestis seguem o que o autor chama de *script*, um roteiro produzido através da identificação de padrões em torno de como a mídia brasileira aborda temas relacionados a pessoas transfemininas. Onde as “linhas” do roteiro focam na exposição do nome de registro; a sexualização do corpo; associações destoantes entre a violência e o *glamour*; o tratamento no masculino; uso de termos que ligam a ambiguidade entre masculino e feminino; discursos biologizantes, entre outras dinâmicas que consistem na estigmatização da figura da travesti, sendo as mulheres trans também atingidas ao serem categorizadas em corporeidades semelhantes a travestilidade.

A identificação do *script* proposto por Veras (2015) se torna identificável nas fontes coletadas do Diário do Pará. Porém, como também é destacado pelo autor, pode haver alterações nas dinâmicas, pois, conforme identificado nas fontes coletadas, o roteiro narrativo tem seus elementos constitutivos encontrados, principalmente nas fontes policiais. Assim posto, no que tange os cadernos destinados ao entretenimento boêmio, o nome masculino das artistas travesti é ocultado. Como falado anteriormente, entendo o ocultamento do nome masculino como estratégia para manter a narrativa erótica e artística dos espetáculos divulgados.

A leitura feminina nos sujeitos estudados acarreta uma valorização no capital de atração nos olhos do público que, por consequência, torna maior a participação em espetáculos boêmios e a repercussão na mídia paraense. Tal leitura social afasta as artistas de estigmatizações masculinizantes, o que é entendido enquanto benéfico por ser apresentado enquanto elogio ao

capaz de garantir de certa forma, por exemplo, que uma mulher trans seja entendida e tratada no seu cotidiano como mais uma mulher na multidão. Assim, possibilitando uma menor chance de tratamentos transfóbicos.

talento de quem performa, ou enquanto uma validação de uma identidade transfeminina. Porém, ao aproximar a expressão de gênero a uma inteligibilidade feminina, cria-se tensões ao cobrar padrões de beleza tipicamente ligados ao corpo de mulheres, como acontece em diversas matérias que comentam sobre o peso de Magda Strass:

“Gordinha, mesmo, Magda fazia dublagem e strip-tease no Lapinha, sempre colecionando muitos aplausos. Até que a gordura lhe foi fatal e deixou o elenco. Convidada, foi para Manaus, onde atualmente é cartaz na noite amazonense. E engordou mais 10 quilos. Ainda assim, ainda é estrela.”⁵⁹

A fiscalização do peso de Magda Strass realizada por Carlos Queiroz é abordada constantemente, desde a primeira identificação de um ganho de peso apontada pelo colunista. Conforme os meses passavam, as fotografias publicadas que estampam o corpo de Magda eram acompanhadas de legendas elogiando suas performances, mas também registrando de forma ácida o ganho de peso (Imagem 22). As notícias sempre acompanhavam o resultado da fita métrica do colunista de shows, seguindo Magda até nos shows fora de Belém onde, através de informantes, o colunista descobria sobre os ganhos e as perdas das medidas corporais da artista.

Imagem 22: Fotografia de Magda Strass performando e ao lado uma legenda sobre seu ganho de peso



⁵⁹ QUEIROZ, Carlos. A estrela Magda Strass. Shows. Diário do Pará. Edição 917. 29 out 1985.

Fonte: QUEIROZ, Carlos. A estrela Magda Strass. Shows. Diário do Pará. Edição 917. 29 out 1985.

A escrita vigilante das corporeidades das artistas pelos colunistas de entretenimento do Diário do Pará era motivada pelo seu papel de divulgador das belezas do sereno belenense que, constantemente, abordava descrições a respeito dos corpos de travestis, mulheres trans e mulheres cis. O enfoque nos corpos femininos e sua exibição em fotografias que cobriam metade da folha da página de “Shows” do jornal, desperta o interesse do público na mídia através do erotismo, funcionando de maneira dupla ao captar olhares para a coluna em questão e atrair o público para as boates divulgadas no jornal.

Embora o erotismo seja o carro-chefe das apresentações da noite, principalmente no caso da Lapinha, boate de shows travesti com maior prestígio da época, o *sex-appeal* não é suficiente para cativar a mídia e o público. O talento está fortemente ligado à imagem de uma artista travesti, o que parece ser uma exigência para adentrar o espaço heterotópico dos palcos que permite e celebra a expressão de gênero desviante. Ocorrendo a existência de um espaço de heterotopia subsequente, que consiste na diferenciação entre as travestis artistas, que são de “fino trato”⁶⁰, em contraste com as travestis que praticam *trottoir*, que “roubam e perambulam e vão presos pela Praça da República”⁶¹.

A respeito das damas da noite que não pertenciam a comunidade trans, elas foram alvo de elogios por “um lindo corpo natural” e por serem “mulheres de verdade”. Porém, ainda recebiam comentários negativos, como por exemplo a respeito de falta de talento para realização de espetáculos, criticadas por apresentarem uma falta de carisma, sendo o corpo apontado como o único atrativo, por consequência desta visão negativa somada à maior disponibilidade de possíveis candidatas, tornava-se comum novas contratações e frequentes demissões. Paralelamente, as travestis e mulheres trans, embora apresentassem o talento tão cobrado, eram alvo de um policiamento de gênero constante e arbitrário pela escrita ácida dos colunistas.

A representação em torno dos shows de travestis perpassa por constantes comparações com mulheres cisgênero, principalmente do meio artístico. A questão profissional aparece como motivo inicial devido comparar dois tipos de artistas femininas (vedetes e as travestis de show), mas acaba por demonstrar questões de corporeidade, gênero e sexualidade ao apresentar comparações que focam em questões como “homem gosta de mulher”; a “beleza pura” das

⁶⁰ QUEIROZ, Carlos. Garota close. Diário do Pará. Edição 550. 17 ago 1984.

⁶¹ Ibidem, 1984.

mulheres (cis); aproximar travestis com marginalidade; rivalizar corpos travesti com outros considerados “de verdade”; entre outras tensões. Como exemplo, a coluna de Shows anunciava que:

Os shows acontecem ininterruptos, para todos os gostos. Se o amigo já enjoou de ver mulher fazer strip-tease, pode muito bem se deliciar com o travesti Magda Strass.⁶²

A ambiguidade na figura da travesti era um dos elementos ligados ao capital de interesse dos shows por movimentar um alto número de público, como conta DJ Chocolate, um dos discotecários contratados pelo Lapinha⁶³. Segundo o interlocutor, os clientes costumavam chegar o mais próximo do palco possível para observar de perto o corpo de quem performava. O “truque”, que consistia na técnica de esconder com uma fita isolante aquecida por uma lâmpada incandescente o pênis e os testículos de maneira que criasse uma semelhança com uma vulva, era o mais visado pelos clientes. Assim como em um show de equilíbrio, a parte do interesse do público em observar uma equilibrista está no risco em volta de um deslize que pode provocar sua queda, é central para a popularidade do show travesti a tensão a respeito da corporeidade. Um constante paralelo entre o “talento” da artista em “esconder” elementos considerados masculinos, assim como o “risco” do “truque” falhar e sua performance, seja de gênero, seja artística, cair em terra.

A leitura social feminina próxima de um ideal plastificado, o de “boneca”, era essencial para exercer performances travesti na noite belenense. Podemos entender que nas constantes críticas midiáticas em torno do ganho de peso de Magda Strass e da “mutilação sofrida por Léa Show” como é importante o papel da hiperssexualização de um corpo ideal travesti nas trajetórias estudadas, uma vez que “a palavra de ordem do mundo cão serenado”⁶⁴ é “não faz sacanagem, não presta”⁶⁵.

A representação em torno “das bonecas”, de artistas travesti, de personalidades transexuais, enfim, pessoas designadas homem que através da arte ou do cotidiano fogem de uma expressão masculina, tem sua construção imagética ligada ao conceito de feminilidade. Se as mulheres cisgênero consideradas belas na época (atrizes de cinema, modelos e vedetes) tem

⁶² QUEIROZ, Carlos. Sabatina lapiniana. Shows. Diário do Pará. Edição 713. 2 março 1985.

⁶³ Casa de shows com maior presença de público e atenção dos jornalistas de entretenimento da cidade.

⁶⁴ QUEIROZ, Carlos. Luzes da ribalta. Diário do Pará. Edição 1169. 27 agosto 1986.

⁶⁵ Ibidem, 1986.

como marcador social em comum, geralmente, a branquitude, logo, o ideal de feminino acaba por associar traços eurocêntricos ao belo.

Além da silhueta do corpo, a questão da raça interfere nas expectativas e experiência em torno dos sujeitos estudados no período em questão. A representação de artistas travestis brancas tem sua branquitude entendida enquanto norma, sem necessidade de estranhamento, livre de análise. Podemos notar como a predominância de travestis brancas no cenário midiático em relação às não-brancas é acusadora de um privilégio social ligado à imagem esperada de uma boneca.

Ao analisar a trajetória de travestis brasileiras que vivenciaram a década de 1960, o trabalho de Lopes e Duarte (2021) aborda como ocorreram casos de violência racial em ambientes dominados por artistas travestis e transformistas. Ao nos apresentar a narrativa de Aloma, travesti artista do período, nos é relatado como ocorriam xingamentos e marginalizações com as bonecas, as travestis e os transformistas que fossem negras. Enquanto exemplo, a boate carioca famosa no período e de nome “Rival” possuía um camarim chamado pelas travestis brancas de “navio negreiro” (LOPES & DUARTE, 2021):

(...) dentro do Rival tinha o Navio Negrinho [nome dado ao camarim das negras] ... Nosso Camarim era lá atrás, no fundo do teatro, não com as brancas... Eram eu, Milene, Rita Moreno, Darla e Eloína dos Leopardos (...).

As violências simbólicas de cunho racial especificado para travestis negras existiam além dos bastidores, por todo território nacional, extrapolando esferas micro e ocorrendo também em grandes veículos de comunicação no norte brasileiro, como no periódico estudado na presente pesquisa. Quando o sujeito é abordado no jornal e se tratava de “um travesti negro”, ocorre, automaticamente, a tipificação racial. A negritude se tornava enfática e, principalmente, quando a narrativa jornalística envolvia crimes e acidentes com sujeitos negros.

Descrita regularmente enquanto “travesti negro”, Léa Show tem sua negritude abordada enquanto fator de diferenciação entre as outras bonecas da noite paraense, uma vez que as colunas dedicadas aos shows possuíam o costume de descrever os detalhes do corpo das travestis. Tal descrição age como indicador da maneira que o espetáculo artístico segue, por exemplo: o foco nas curvas de Magda Strass fazem referência ao seu show de *strip-tease*, assim como “travesti negro” pode ser referente ao tipo específico de espetáculo que Léa Show realiza com influência de cantoras pretas como Grace Jones:

Imagem 23: Léa Show em apresentação na boate NostroMundo (SP) dublando *Slave to the rhythm* da cantora Grace Jones



Fonte: Acervo Online⁶⁶.

Ao estudar um sujeito interseccionado pela negritude e travestilidade, utiliza-se nesta pesquisa o conceito de interseccionalidade de marcadores sociais na representação da negritude travesti. A assimilação das dinâmicas interseccionais encontradas é, aqui, fundamental por tensionar as análises em torno das representações transfemininas. Através da interseccionalidade, o sujeito pode ser entendido não apenas enquanto negro ou travesti, mas pela sua junção de marcadores sociais que criam consequências, dinâmicas e possibilidades únicas, tornando limitante a análise individual dos marcadores citados (HENNING, 2015)

Estudos sobre a interseccionalidade de ser uma pessoa travesti, preta e PCD demonstram as urgências em discutir violências simbólicas ao redor desses marcadores sociais citados (SILVA, 2012; FERREIRA, 2018; CARVALHO, 2018). Ademais, acrescento a necessidade de utilizar essa corrente teórica enquanto meio de entender como a intersecção social comentada, exemplificada no caso de Léa Show, pode demonstrar dinâmicas sociais que dialogam com sua marginalização interconectada e como pode afetar a sua arte, sua expressão de gênero, seus espaços de heterotopia e de resistência.

Para além de uma simples descrição de seus espetáculos, a enunciação da negritude de Léa, frequentemente encontrada em manchetes, pode demonstrar como o colorismo atingiu a cena travesti na Belém de 1980, pois esta diferenciação é capaz de ser entendida enquanto fruto

⁶⁶ Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=HSLw1hW1uKs>>. Acesso em 31 maio de 2022.

de cenário de pouco espaço para sujeitos pretos de pele retinta. Embora a maioria das fontes apontem uma maioria branca, é possível encontrar artistas travesti não-brancas, classificadas como “mulatas”, sendo apenas Léa Show designada “travesti negro” - possivelmente por ser uma travesti de pele retinta, com traços faciais negróidos dentro do colorismo em que vivemos, além dela associar a sua “marca de artista” a *black music*.

Conforme apresentado, podemos problematizar que, além das folhas de caderno policial, mas ainda dentro do âmbito artístico da noite paraense, ocorre o uso de marcadores sociais da diferença enquanto ferramentas discursivas para pintar o sujeito em determinado cenário, apelando para estereótipos referentes às identidades marginalizadas. Este é o caso de Baldaci⁶⁷, acusada pelo jornal de aplicar golpes referentes a uma falsa campanha de arrecadamento de uma prótese mecânica para Léa Show, sendo Baldaci referida enquanto “travesti, preto e amapaense”⁶⁸ e alvo de mensagens racistas por parte do colunista Carlos Queiroz que diz: “tenho pra ele uma passagem aérea para a África do Sul só de ida”⁶⁹.

Ademais, o erotismo das narrativas e apresentações em torno de pessoas transfemininas perpassa pelo cenário pós censura vivido pela população brasileira, possibilitando uma escrita midiática que capitaliza o *sex-appeal* e tecnologias de gênero para garantir um número de leitores do jornal e público nas boates. Isto implica em expectativas e cobranças a respeito do corpo transfeminino ao tencionar continuamente os limites da leitura social de travestis do sereno belenense, policiando corporeidades e, paralelamente, possibilitando expressões de gênero ao apoiar um espaço de heterotopia para as transfeminilidades.

2.4 O espetáculo não pode parar: O impacto da Aids nas narrativas sobre shows travesti

Segundo Márcio Nicolau (2021), a mídia nacional construiu narrativas que podem ser entendidas enquanto tentativas de categorizar a Aids como endêmica às mulheres trans e travestis. Pois, a soma da leitura social que entende pessoas transfemininas enquanto homossexuais masculinos junto com os discursos médicos que vincularam desde o início da pandemia a homens *gays*, resultaram na estereotipização de mulheres trans e travestis enquanto

⁶⁷ QUEIROZ, Carlos. Serenadas. Diário do Pará. Edição 886. 22 set 1985.

⁶⁸ Ibidem, 1985.

⁶⁹ Ibidem, 1985.

soropositivas. A leitura social “não-passável” foi fator denunciante de uma dita homossexualidade masculina evidente, que ativou o arquétipo construído em torno do “aidético”, termo estigmatizante surgindo com a epidemia de HIV/AIDS.

Embora mulheres trans e travestis possuam similaridades a respeito de estigmatizações, corporeidades, resistência e ressignificações, é necessário ressaltar como o dispositivo do estigma da Aids recaiu significativamente em torno de sujeitos travesti, visto que se nota uma maior associação à travestilidade do que em relação às mulheres trans. Segundo Berenice Bento (2017), esta diferenciação discursiva pode ser associada ao discurso médico do século XX que construiu divisões entre a travestilidade e transexualidade feminina. Isto fortaleceu o entendimento estigmatizante sobre travestis enquanto desviantes sociais, sendo as mulheres trans patologizadas em tentativas de enquadrá-las em um gênero inteligível.

Ao analisar periódicos cariocas das décadas de 1970 e 1980, Márcio Nicolau (2021) identificou registros de mulheres trans comentando sobre suas identidades, estas frequentemente associadas a histórias de uma “infância feminina” e consultas clínicas. Em vista disso, o autor aborda como é possível entender que mulheres trans deste período criavam barreiras terminológicas ao negarem serem categorizadas enquanto travestis, delimitando sua identidade enquanto transexual e mulher, utilizando histórias pessoais aliados a um discurso médico. Entendo que tal delimitação funcionou como uma estratégia de validar uma identidade ao incorporar no discurso uma questão clínica séria e fomentadora de empatia por estar dentro de um caso clínico evidenciado pelo termos “transexual” e “transexualidade”, que partem da boca das próprias mulheres trans entrevistadas nos jornais, Thelma Lipp, Roberta Close, além de especialistas convidados pelos jornais (PELÚCIO, 2009; NICOLAU, 2019).

Devido às celebridades transfemininas serem apresentadas em narrativas que procuram vender suas corporeidades enquanto objetos de desejo para os olhos do público masculino, é possível especular um silenciamento a respeito da temática da Aids, pois mencionar esta ansiedade social poderia minar o potencial de determinada manchete sexualizadora. A apresentação de gênero inteligível surge como um fator que pode ser visto como essencial para fugir de uma estigmatização negativa a respeito de sua identidade, o qual é refletido em falas de pessoas transfemininas sobre “se cuidar” e que, além de práticas de prevenção a contaminação por HIV, envolve uma expressão de gênero que indique feminilidade e saúde através da manutenção da “beleza” por uso de hormônios, perfumes, roupas caras, etc (MISKOLCI & PELÚCIO, 2011).

Entendo a separação terminológica e identitária entre transexualidade feminina e a travestilidade feita por mulheres trans enquanto uma estratégia, pois, funciona como uma maneira de demonstrar um controle narrativo a respeito de sua autoidentificação em detrimento de categorizações sociais, médicas e midiáticas (BARBOSA, 2013). Paralelamente, funcionou enquanto maneira de reprimir, em partes, os discursos estigmatizantes como uma estereotipada sexualidade exacerbada, “caricatura” de gênero e de perigo biológico. Embora trabalhosa para pesquisadores que procuram estabelecer padrões epistemológicos, a pluralidade de identidades em torno das corporeidades semelhantes de mulheres trans e travestis é fundamental para entender a representação - e resistência - de pessoas transfemininas, posto que certas terminologias estigmatizantes foram modificadas e/ou ressignificadas pelas comunidades estudadas (CARVALHO, 2012; FELICIANO, 2023).

O exposto acima funciona para esclarecer o decorrer do tópico sobre o impacto da epidemia de Aids em torno da construção da identidade travesti que, igual a qualquer construção identitária, permeia por conflitos terminológicos, onde cenários de notável importância são as folhas de jornal, a televisão e outros meios midiáticos (BARBOSA, 2013). Posto isso, entendo que transexualidade feminina foi estigmatizada pelo dispositivo da Aids, porém, foi na travestilidade que a mídia mirou seus esforços de “endemizar” o vírus HIV a um corpo transfeminino, com tentativas discursivas de apresentar a travesti enquanto perigo epidemiológico (MISKOLCI & PELÚCIO, 2011; NICOLAU, 2019; PELÚCIO, 2011; BORBA, 2009; VERAS, 2020).

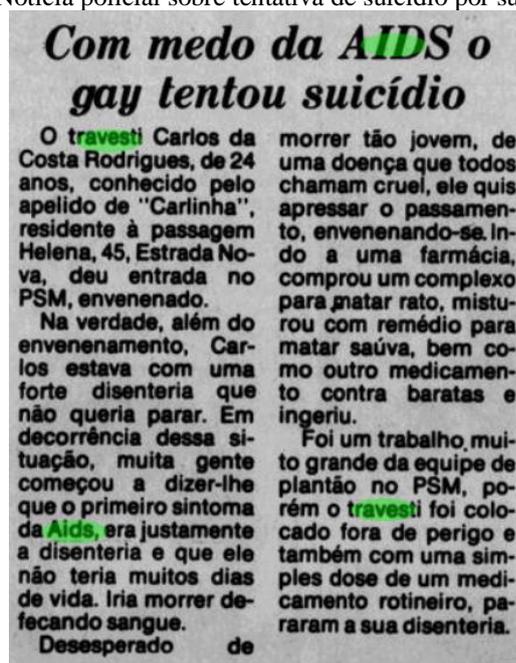
A associação da contaminação por HIV com o termo “travesti” é datado desde os tempos da “peste gay”, da época chamado pela artista travesti Cláudia Wonder de “anos de chumbo da Aids”⁷⁰, cujo recorte temporal reside na década de 1980. Neste período a travestilidade estava em processo de construção enquanto identidade, sendo utilizado enquanto identidade para algumas, mas também enquanto profissão artística (“travestir-se” do outro gênero) ou/e praticante do *trottoir* para outros. Portanto, independente da autoidentificação, o discurso jornalístico categorizou os sujeitos entendidos enquanto travestis como um dos integrantes do “grupo de risco” (SANTOS, 2019), ocorrendo associações diretas ao abordar o tema da Aids em manchetes sobre travestis e vice-versa, além de constantes reportagens sobre a epidemia dividindo páginas com as sobre shows de travestis.

⁷⁰ Meu amigo Cláudia. Direção de Dácio Pinheiro. São Paulo: Piloto, 2009. (87 min), son., color.

Conforme a Aids transborda uma esfera internacional, chegando ao Brasil e sendo noticiada localmente nos jornais paraenses, os lugares de enunciação do Diário do Pará a respeito da epidemia perpassam para a capa do jornal, para os cadernos policiais, para as manchetes políticas, para o entretenimento, entre outras. Não apareceram de uma forma cronológica, mas transitória, conforme novas notícias surgiam e outras perdiam relevância, cada coluna tinha uma forma diferenciada de abordar a presença da epidemia na capital paraense.

Ao identificar padrões de representação da Aids a respeito de travestis dentre os cadernos do Diário do Pará, podemos estipular como existem quebras e continuidades nos discursos. De início, por exemplo, no que tange os diários policiais, a violência é sempre presente⁷¹ e, geralmente, contra o próprio sujeito travesti, seja por tentativa de homicídio ou suicídio através de uma suposta contaminação por HIV. Como podemos ver na matéria “*Com medo da Aids o gay tentou o suicídio*”, logo no título nota-se a tensão em torno da epidemia e de associações com sexualidades desviantes. Durante o texto nos é apresentado uma pessoa que utiliza o nome Claudinha, a qual é categorizada como travesti duas vezes e que devido ao estigma em torno da doença, tentou suicídio ao apresentar sintomas ligados a contaminação (imagem 24):

Imagem 24: Notícia policial sobre tentativa de suicídio por suspeita de HIV.



Fonte: Com medo da AIDS o gay tentou suicídio. Diário do Pará. Polícia. Edição 939. 26 nov 1985.

⁷¹ 15 assassinatos nas últimas horas deixam a polícia baratinada. Diário do Pará. Polícia. Edição 1266. 19 dez 1986; Com medo da AIDS o gay tentou suicídio. Diário do Pará. Polícia. Edição 939. 26 nov 1985.

Em termos de cadernos destinado a política nacional e internacional, são publicadas reportagens com base em notícias estadunidenses e europeias com discursos médicos e medidas de higienização social contra travestis feita por governantes. A sessão “Mundo” operou com discursos que “distanciavam”⁷² os casos de contaminação para os Estados Unidos e, depois, quando o Pará entrou na contagem de contágio, amenizava o impacto dos números paraenses ao comparar com o índice de contaminação de outros estados e países⁷³.

Assim posto, me dedico neste tópico a concentrar as análises nas fontes encontradas referentes aos shows travestis localizados, principalmente, nas colunas escritas por Carlos Queiroz, abordando como a representação da Aids dialoga com a travestilidade no cenário glamouroso dos espetáculos. Procuo identificar e questionar os silenciamentos, os arquétipos, resistências e estratégias encontradas nos discursos midiáticos analisados pelo pensamento foucaultiano de discurso enquanto prática social.

A primeira menção a respeito da epidemia de Aids no que tange os shows travestis no Diário do Pará surge em 1984 em uma pequena nota, um ano antes do primeiro caso confirmado em Belém de contaminação por HIV. Feita pelo colunista e editor do jornal, Carlos Queiroz, ele escreve que estava a procura de seu “informante gay” que sumiu, pois “possivelmente morreu de Aids”. Contudo, logo na próxima edição, é revelado que o informante entrou em contato com Queiroz e o colunista afirma que o boato era falso. Aqui podemos ver como logo na primeira menção na coluna Shows, a estigmatização da doença, patologização de identidades e a morte são fatores presentes.

Com a associação entre o vírus da Aids e a imagem da travesti, ocorre limitações em torno de shows travesti na capital paraense. As boates da cidade, inclusive a pioneira de shows “envolvendo a rapaziada alegre”, a Twist, começa a substituir o elenco travesti por mulheres cis devido a “maciça propaganda relativa à Aids”⁷⁴, que promoveu um tabu em torno da contratação. Fala-se de uma “escassez de bonecas”⁷⁵ associado ao índice de adoecimento e mortalidade.

⁷² BELAFONTE, Orlando. Aids: uma invenção?. Coluna Resenha universitária. Diário do Pará. Caderno 2-6. Edição 886. 22 set 1985.

⁷³ Aids não assusta. Coluna Resenha universitária. Diário do Pará. Política Local-3. Edição 1439. 27 junho 1987.

⁷⁴ QUEIROZ, Carlos. Vem aí a nova Twist. Shows. Edição 869. 03 set 1985.

⁷⁵ Ibidem, 1985.

Com discursos ligados a cisnormatividade, o jornal demonstra o apelo das boates de Belém em valorizar um elenco formado por mulheres cis para afastar da “propaganda em torno da Aids”, em vista da construção da imagem do “Aidético” ser associada a homens homossexuais, sendo as travestis incluídas nesta designação (PELÚCIO & MISKOLCI, 2009, p. 13). Portanto, manchetes a respeito de um elenco inteiramente composto por mulheres cis em detrimento das travestis surgem como consequência do estigma em torno da epidemia, afetando as travestis ao afastá-las dos palcos, lugar de sociabilidade, identidade e fonte de renda.

Embora seja um período marcado por estratégias de higienização social das travestis, como a substituição por performistas cis, no final de 1986, um ano após o primeiro caso de HIV/AIDS em Belém, ocorre o surgimento de manchetes que giram em torno da resistência das travestis perante as ansiedades referentes a epidemia: “as bonecas botam a Aids pra escanteio”⁷⁶. Onde o colunista Carlos Queiroz escreve sobre a coragem e ousadia das travestis que resistiram ao “terror pela fatal Peste Gay”⁷⁷ que esvaziou as boates e concursos importantes como Miss Brasil Gay 85. No ano seguinte em 1986, os espetáculos voltaram e a retomada foi celebrada pelo colunista⁷⁸:

O Xamego voltou a lotar, as bonecas viveram uma noite esplendorosa vestidas e assumidamente mulheres. Que se lixe a Aids: esta postura existencial estava na cabeça e no coração dos travestis que desfilaram na passarela multicolorida. Não sei quem ganhou o concurso. Nem me interessa saber o nome da Miss Brasil Gay 86. O que sei é que as libélulas deslumbradas mandaram a Aids pra escanteio.

O colunista e editor segue a enaltecer a resiliência “das bonecas” conforme os anos passam, celebrando o surgimento de novas boates na cidade, como a Ula-Ula, Apple e a Uau, esta última com espetáculos comandados por Léa Show após sua recuperação⁷⁹. Embora Queiroz pratique em suas colunas a comum associação entre travestis e o tema da Aids, ocorre uma espécie de assimilação da conexão entre os dois elementos. Observa-se uma escrita que pode ser interpretada como fuga do estigma duplo ao representar de forma positiva as travestis, colocando-as como corajosas e ousadas; diminuir o impacto da doença a retratando como

⁷⁶ QUEIROZ, Carlos. AIDS para escanteio. Shows. Diário do Pará. Edição 1197. 30 set 1986.

⁷⁷ Ibidem, 1986.

⁷⁸ Ibidem, 1986.

⁷⁹ QUEIROZ, Carlos. As bonecas têm novos santuários. Shows. Diário do Pará. Edição 1589. 24 nov 1987.

“neurose” e que estava “passada a crise”; e associar a outros fatores as mudanças de elenco, como “a mesmice”⁸⁰:

Muita gente tem reclamado que a noite anda fraca. E está realmente (...) Falam que a Aids é responsável pelo baixo movimento. Outras alegam que a grana está cotó e que não dá pra gastar por aí. A verdade é que na atual conjuntura, quem não tiver estrutura vai dançar (...) O que não dá é mesmice, o de sempre, as mesmas caras. O caso é inovar para atrair o freguês.

Assim posto, no que tange os discursos referentes aos shows travesti na primeira década da epidemia da Aids, o Diário do Pará construiu narrativas destoantes entre si. Embora caísse na clássica associação entre travestis e a contaminação por HIV, era capaz de produzir discursos que descreveram a importância das travestis na cena artística, visto que o esvaziamento nas boates fruto do pânico social é discutido; atribuiu razões alheia às travestis a respeito da epidemia de Aids para o enfraquecimento do fluxo nas casas de show; além de frequentes elogios às artistas travestis perante um cenário estigmatizante, celebrando a resistência das “libélulas do sereno paraense”⁸¹.

⁸⁰ QUEIROZ, Carlos. O negócio está ruço (sic). Shows. Diário do Pará. Edição 1416. 04 junho 1987.

⁸¹ QUEIROZ, Carlos. AIDS para escanteio. Shows. Diário do Pará. Edição 1197. 30 set 1986.

Capítulo III - A espetacularização da violência enquanto vitrine de identidades

“Claudinha” estava apenas “batalhando” e quando foi chamada (disse uma sua colega) jamais pensou que dali a instantes seria cadáver. “Foi muita maldade o que fizeram com minha amiga”, se lamentava o gay na Praça da República.⁸²

Nos capítulos anteriores, foram abordados os perigos e performances ligados às experiências travestis que construíram uma representação da travesti perigosa, simultaneamente criando um espaço de heterotopia presente nos shows, onde a travestilidade era celebrada por uma ótica artística. Nestes casos, as travestis eram apresentadas como agentes do caos e da arte, ou seja, entendidas enquanto praticantes da violência, assim como dos espetáculos que protagonizaram.

No presente capítulo, a pesquisa parte para análises em torno de casos que abordam violências praticadas contra travestis, no intuito de analisar como os discursos jornalísticos gerenciam as narrativas a respeito de quando a travesti sai do papel de criminosa para o de vítima. Como identificado nos capítulos anteriores, o imaginário em torno da travestilidade está fortemente ligado à sua vilanização, mas, e quando a travesti é o alvo da violência?

Portanto, procura-se entender quais estratégias narrativas e dispositivos são acionados quando o Diário do Pará publica casos de violência transfóbica ocorridas dentro ou fora do estado. Assim, através de uma leitura a contrapelo, são realizadas problematizações a respeito das notícias envolvendo travestis atacadas, roubadas, silenciadas, abusadas e desrespeitadas, às vezes, por cidadãos comuns, outras vezes pela mão do Estado.

Comum ao caderno policial do jornal, o emprego de fotografias relacionadas aos casos abordados é analisado enquanto fonte a respeito das corporeidades trans dos sujeitos transfemininos abordados. Considera-se enriquecedora para as análises a presença de notícias que procuram denunciar a conduta das travestis, mas, conseqüentemente, expõem o tratamento violento por parte dos policiais e transeuntes contra travestis na capital paraense, assim como o impacto das novas tecnologias de gênero, estas perceptíveis nas fotografias de travestis encarceradas.

Além de problematizar as estratégias narrativas em torno de violência sofridas pelos sujeitos estudados, procura-se entender como as notícias de caráter violento contra travestis

⁸² Gay atende o chamado para morte na Praça. Diário do Pará. Polícia. Edição 1947. 20 nov 1988.

interferem na produção de visibilidade para grupos marginalizados pelas representações hegemônicas e transfóbicas ao produzir através do jornal uma materialidade para a sua dor, um registro em papel de uma denúncia de sua suposta marginalidade, assim como de sua existência enquanto identidade potencial. Portanto, tenta-se perceber a dualidade em torno da criação de um “alvo”.

3.1 O Diário de travestis encarceradas no regime fármaco-pornográfico

Como abordado anteriormente, o temporal de designações na década de 1980 atinge diferentes sujeitos com expressões de gênero igualmente diversas, mas postos embaixo do guarda-chuva da pessoa designada homem ao nascer. Termos como *gay*, “bonecas”, “viado” e homossexuais masculinos são constantemente encontrados nas fontes trabalhadas, construindo uma imagem generalista dos corpos e identidades, enquanto, paralelamente, cria hierarquizações entre os sujeitos através de valores morais cisheteronormativos e elitistas.

A escolha de como se referir aos sujeitos abordados pelos jornalistas não deve ser entendida como espontânea ou imune a problematização. Entende-se que a terminologia empregada interfere na representação da travestilidade, pois o emprego de termos coloquiais como “bicha” pode ser entendido enquanto pejorativo de acordo com o enunciador e seu contexto. Segundo Green (2000, p. 145), a palavra “bicha” pode ser associada a uma apropriação afetiva de homossexuais da palavra *biche*, que é o feminino de veado em francês. Contudo, apesar de o autor associar o termo a uma apropriação interna da comunidade, novos valores foram empregados conforme o uso divergia (GONÇALVES, 2021, p. 134):

Num primeiro momento o termo usado entre pares, foi sendo apropriado no submundo social de prostitutas, cafetões e homossexuais. Já nos anos 1960, adquire um teor pejorativo, usado por pessoas de fora desse meio com objetivo de desmerecer os possíveis criadores e usuários do termo. No Brasil, a palavra bicha passou a ser o referencial que diferenciava o comportamento masculino, heterossexual ou não, do comportamento dos homossexuais efeminados sendo o principal contraste entre esses grupos.

O historiador Alisson Gonçalves (2021, p. 139), ao estudar o jornal *Lampião da Esquina* (1978-1981), disserta que este jornal produzido majoritariamente por homossexuais na ditadura militar, como imprensa alternativa, publicava diversas manchetes referentes às sexualidades desviantes. Segundo o autor, era comum discussões sobre espaços de sociabilidade homossexual, organização social, temas sexuais, atentados de caráter homofóbicos, assim como

uso e desuso de termos referentes a quem não se enquadrava no sistema heterocisnormativo. A respeito desse último, o autor aponta para um constante debate entre os editores dos jornais em matérias publicadas sobre críticas do termo “bicha” como pejorativo; emprego de terminologias como “homossexual”; diferenciações entre travestis e homens gays e entre outros termos pertinentes aos sujeitos leitores que se identificavam com o conteúdo do jornal.

O autor disserta que as tensões internas do periódico evidenciam como ocorriam debates em torno da apropriação ou exclusão dos termos pejorativos referentes a homossexuais, bissexuais e travestis. Portanto, demonstra como, desde a década de 1970, existiam contradiscursos a respeito de designações pejorativas. Todavia, é importante destacar que, na década seguinte, ocorreu um enfraquecimento das organizações (GONÇALVES, 2021). Assim, apesar da década de 1970 ser entendida como o início da formação de grupos militantes brasileiros de caráter identitário, a década de 1980 é marcada pelo silenciamento fruto das violências, estigmatizações e mortes ligadas a epidemia de HIV/Aids (FACHINNI, 2005).

Embora não seja a causa, a baixa influência de grupos homossexuais oriunda da fragilização de grupos identitários organizados pode ser associada a produção de discursos midiáticos, a ideologia conservadora do regime militar, assim como pelas perseguições políticas e sociais de sujeitos assumidos, o que influenciou na produção de designações e representações que fomentaram e reforçaram estigmatizações a respeito da travestilidade e outras identidades marginalizadas (QUINALHA, 2017, p.25). Sendo apenas nos anos finais da década de 1980 e início de 1990 a reformulação e expansão de iniciativas militantes sobre a homossexualidade e a travestilidade, as quais tinham finalidades ligadas ao combate à Aids e extensão da agenda de direitos civis (FACHINNI, 2005).

Paralelamente, sem participar de grupos militantes pela causa trans, Roberta Close e Telma Lipp podem ser entendidas enquanto produtoras de contradiscursos ao utilizarem a categoria “transexual” em sua autoidentificação, divergindo da generalização midiática enquanto travestis. Segundo Márcio Nicolau (2019, p. 68), Telma Lipp resistiu a apagamentos de sua identidade ao produzir discursos como “Eu sou transexual, o que é diferente de um travesti”⁸³, que enunciava repetidamente em entrevistas ao ser enquadrada em uma identidade alheia. Ademais, independente da organização social pautada em políticas identitárias, as designações surgem para garantir integridades de gênero.

⁸³ Telma Lip brilha como sereia da noite. Folha de São Paulo, 11 jan. 1985, p. 08.

Como aborda William Naphy (2006), anteriormente à existência de grupos ativistas identitários, as relações sociais demonstravam serem capazes de produzir múltiplos termos descritivos referentes a quem realizava práticas sexuais desviantes e apresentava expressões de gênero longe das normas de determinada sociedade. Em um recorte ambicioso da antiguidade ao século XX, Naphy (2006) agregou a sua pesquisa diversas identidades e práticas sexuais no intuito de construir uma “história da homossexualidade”, mas com constantes problematizações necessárias para filtrar os padrões comuns, procurando fugir de uma análise anacronicamente militante ou normatizante.

Caminho semelhante foi realizado ao analisar a representação transfeminina no Diário do Pará da década de 1980, jornal marcado pela escrita sensacionalista com caráter irônico comum desse período que possibilitou na sua escrita o acréscimo de plurais maneiras de se referir aos sujeitos desviantes das normas de gênero-sexualidade. Sobre a escrita jornalística da década de 1980, Alexandre Bergamo (2020, p. 16) disserta que o estilo de narração do período é entendido enquanto um espaço onde “autor, narrador e testemunha se fundem em um texto marcado pela observação crítica dos acontecimentos”⁸⁴, cujo caráter cronista da escrita é a marca e qualidade de determinado jornalista. Na década seguinte, com a formulação de manuais de escrita jornalística e expansão de faculdades de jornalismo, a escrita dos “novos” difere-se dos “antigos” ao “designar fronteiras claras entre o trabalho intelectual e o trabalho técnico dentro da profissão”⁸⁵ ao separar epistemologicamente notícia de reportagens, além de outros elementos ligados ao ofício do jornalista.

A respeito do estilo narrativo do Diário do Pará, a edição do jornal favoreceu uma escrita marcada por uma pluralidade de categorias de designação a respeito de travestis e mulheres trans, sendo identificados termos como “não-homem”, “o travesti”, “cochilo da natureza”, “bonecas”; “libélulas do sereno”; “terceiro sexo”, “verdadeira mulher”, “travesti negro”, “pederasta”, “bichona”, “desviante”, “prostitutas masculinas”, “praticantes de *trottoir*”, entre outros. Estes termos são carregados de tensões a respeito de gênero e sexualidade e foram aplicados de acordo com a ótica desejada a representar as transfeminilidades para os leitores do jornal.

Portanto, torna-se necessário entender a pluralidade de categorias de designação em torno dos sujeitos estudados devido a sua capacidade de busca por manchetes que os abordam.

⁸⁴ BERGAMO, 2020, p. 16.

⁸⁵ Ibidem, 2020.

Por conseguinte, ignorar notícias que não utilizem diretamente o termo “travesti” é empobrecedor para a pesquisa, visto que outras palavras eram empregadas para falar sobre travestis, como por exemplo o termo “bonecas” que, embora tenha sido apropriado pela comunidade posteriormente, faz referência de maneira irônica à feminilidade travesti (AMARAL, 2012).

Como podemos ver na matéria intitulada *Bonecas assaltaram na praça*⁸⁶, o título utiliza o termo “boneca” como maneira de criar um enunciado humorístico que demonstre um certo absurdo cômico de bonecas assaltantes. A notícia narra um crime praticado por travestis e, nela, é possível identificar abusos policiais no tratamento de travestis detidas, como a retirada de roupas femininas, uma prática policial encontrada constantemente em autobiografias trans, trabalhos historiográficos e pesquisas de campo (KULICK, 2008; EFREM FILHO, 2021; NASCIMENTO, 2020; OLIVEIRA, 2018).

Ao analisar os relatos de travestis atacadas e abusadas em abordagens policiais, Kulick (2008) aborda como era prática comum entre policiais a retirada de roupas de travestis presas. O autor aponta que o ato funciona como um ataque, um assédio moral e sexual, uma vez que a sexualização e a ridicularização são queixas de um número considerável de travestis abordadas por policiais desde a década de 1970. Tal prática era diretamente proporcional ao surgimento de operações nas capitais, incluindo Belém, que visavam a higienização social dos lugares públicos frequentados por travestis, como por exemplo na “Operação Tarântula” (1987) em São Paulo que, segundo James Green (2017, p. 79), consistia em:

Constantes realizações de blitz noturnas, batidas policiais, que monitoram e muitas vezes fechavam pontos de sociabilidade desses segmentos sociais. Esse plano de moralização e de combate aos inferninhos visava a detenção dos “homens de batom e pó de arroz” e acabar com o “trottoir”, como forma de sanear o espaço urbano e convivência social.

A retirada de roupas de travestis presas pelo abuso de autoridade de policiais age enquanto um ataque à expressão de gênero da travesti ao negá-la elementos femininos, “expondo” a identidade do sujeito enquanto “disfarce” (NEDEL, 2020, p. 131). Assim como o nome de registro é utilizado enquanto violência simbólica, a negação do uso de vestidos, saias e acessórios funciona como reforço de uma narrativa biologizante, em que por baixo do “disfarce”, sem as roupas, sem os acessórios, o corpo natural seria incapaz de “esconder” o

⁸⁶ Bonecas assaltaram na praça. Diário do Pará. Polícia. Edição 1331. 9 março 1987.

gênero no qual a pessoa foi designada ao nascer. Segundo Ana Oliveira (2018, p. 48), quando o ataque transfóbico escala e torna-se assassinato, o caráter do policiamento de gênero em torno do corpo travesti é evidenciado:

Nota-se que nos casos de execução envolvendo travestis, a mensagem que está sendo enviada vai além de um "acerto de contas": sua anatomia, suas roupas femininas, tudo o que demonstra sua expressão de gênero - ou o que, biologicamente, ainda a deslegitima - é comumente "ressaltado" pelos agressores na hora do assassinato.

Ao analisar a materialidade das notícias jornalísticas envolvendo casos de travestis encarceradas ou/e violentadas, a eliminação de elementos capazes de construir uma expressão de gênero feminina é uma prática padrão. Através do emprego de fotografias que expõem o corpo desnudo das travestis detidas e, ainda, com a retirada do nome escolhido, a eliminação da expressão de gênero feminina é seguida da usurpação de qualquer outro elemento que indique feminilidade em um corpo entendido enquanto masculino. A expressão de gênero da travesti aparece como uma ilegalidade extra, rechaçada pelos policiais que procuram aplicar sua cisnormatividade sobre as mulheres trans e travestis. Sobre a ligação da travestilidade com o encarceramento, Guilherme Ferreira (2015, p. 110) aponta que

a prisão como um lugar de produção daquilo que é considerado "lixo humano" (porque as pessoas não querem saber o que é feito com quem é preso, desde que esteja longe delas) também produz seus abjetos, notadamente aquelas pessoas consideradas por eles "imperdoáveis" ou "sem correção" por romperem com as expectativas de gênero e sexualidade.

Para entender a negação em torno da expressão de gênero de travestis no encarceramento, é necessário ressaltar que a ótica heterocisnormativa enxerga a travestilidade, além de uma forma criminosa e desviante, como um fetiche, uma espécie de prática sexual pertencente a marginalidade, cuja existência exime desordem das leis sobre pudor (CARVALHO, 2011). Assim, na cadeia, um espaço cercado por uma ideia de conformidade e repressão, a nudez de um corpo visto como homem é considerada mais próxima ao socialmente aceitável do que roupas femininas que cubram o corpo. Por consequência, torna-se padrão nas matérias encontradas a retirada de elementos generificamente femininos.

Na década estudada, a ideia de "disfarce" ou "fetiche" em torno das travestis era tamanha que ocorria a proibição do uso de roupas femininas por travestis tanto na cadeia, como em outros âmbitos judiciais. Segundo Juno Nedel (2020, p. 131), os códigos penais do século XX dispensaram o antigo crime de "disfarçar o sexo" do Código Penal Brasileiro de 1890. No

entanto, o autor entende que existiam brechas para a criminalização de expressões de gênero desviantes, como associá-las a falsidade ideológica, possibilitando penalizações de sujeitos que utilizassem roupas consideradas pelos oficiais da lei como disfarce (NEDEL, 2020, p. 131). Apenas em 1988 que a justiça brasileira permitiu que uma travesti vestisse roupas femininas em uma audiência. Neste caso, Brenda Lee solicitou ao juiz a permissão de usar roupas femininas, pois, usar “roupa de homem, nem morta”⁸⁷, e foi permitida a sua participação no julgamento enquanto testemunha de uma tentativa de homicídio em São Paulo.

Segundo Veras e Guasch (2015, p. 50), as interpretações em torno do sujeito travesti sofreram alterações conforme adentravam no cenário social as novas tecnologias de gênero, a midiaticização das identidades desviantes e contra discursivos travestis e transexuais a respeito de suas comunidades. Embora não seja uma regra identitária o uso de transformações corporais, nos discursos midiáticos estudados, a realização de procedimentos cirúrgicos e hormonais era fortemente associada a imagem da travesti, pois,

O sujeito travesti que emerge de modo colorido dos bailes de carnaval, dos palcos das boates e teatros, tomado como sinônimo de fascínio e de curiosidade, na medida em que vai deixando de ser personagem e vai assumindo uma identidade aparentemente fixada nas transformações corporais, passa a ser considerado transgressor ao ordenamento do sistema sexo/gênero (VERAS, Elias; GUASCH, Óscar. 2015, p. 50).

Assim, o corpo travesti torna visível a transgressão do ordenamento do sistema binário dos gêneros, uma vez que a leitura social de seu gênero sofre interferência dos procedimentos clínicos e cirúrgicos, dissociando das expectativas generificantes referentes ao corpo dito como masculino. Por consequência, a transgressão das normas não passa impune, sendo comum a produção de discursos midiáticos que associam a figura da travesti ao excesso (de gênero, de sexualidade e de desvio), como se “sem excesso, não há travesti”⁸⁸, por consequência, produzindo um sujeito apresentado pela mídia como “o outro, como excesso ou figura pública execrável” (NICOLAU, 2019. p. 56).

Devido a expressão de gênero ser vista como desviante o suficiente para atingir noções de pudor perante a sociedade, o policiamento de gênero era materializado com as ações dos

⁸⁷ Travesti vai ao Fórum e depõe com roupas femininas. Folha de São Paulo, 10 ago. 1988, p. 03

⁸⁸ NICOLAU, 2019, p. 56.

policiais militares. Cujos discursos, encontrados em entrevistas⁸⁹ e cartas⁹⁰ enviadas ao jornal, era marcado pela influência da ideologia higienista da ditadura militar através do ideal de “cidadão de bem”, que marginalizou a travestilidade enquanto inimigo do Estado e legitimou as violências simbólicas e físicas que visavam a manutenção de uma ordem heterocisnormativa. Segundo Cavalcanti *et al* (2018, p.13):

Se o inferno são sempre os outros, como afirma a máxima exaustivamente repetida, a construção coletiva de monstrosidades se compõe numa curiosa ambivalência. Se eles (os outros) são monstros, as pessoas de bem são autorizadas a cometer atrocidades diversas em sua própria defesa. A abjeção enquanto eleição de monstrosidades a serem combatidas fala aqui muito mais sobre os deslocamentos que os corpos eleitos para ocupar esse lugar causam do que sobre relações ontologicamente estabelecidas.

Fora dos palcos, o Diário do Pará apresenta uma travestilidade que em seu cotidiano frequenta um não-lugar. É negado o direito de ir e vir devido a expressão de gênero das travestis ser entendida pela polícia como desviante em sua essência, portanto, passível de forte repressão. A exemplo da visão policial a respeito da comunidade estudada, é analisada a carta enviada à edição do jornal, assinada pelo coronel da Polícia Militar Alberto de Abdoral Lopes, comandante de policiamento da capital em 1987, que descreve a sua opinião a respeito das travestis, que são excluídas do seu enquadramento de “cidadão de bem”:

asseguro a todos os cidadãos de bem da minha terra, o direito de usar as praças de Belém, sem a convivência asquerosa de “prostitutos” desnudos e imorais, a oferecerem aos passantes, suas caricatas pelancas recheadas de silicone; suas horrendas carantonhas borradas de cosméticos que tentam sem sucesso encobrir barbas, bigodes e deformidades.⁹¹

Embora o discurso apresentado acima seja focado na marginalização travesti, é possível inferir problematizações a respeito do impacto do tempo fármaco-pornográfico na imagem da travestilidade no período estudado. Pois, na fala do coronel, ao descrever uma generalização sobre as travestis, ele acrescenta a questão do silicone presente no corpo, uma modificação fruto

⁸⁹ Travestis são presos na Praça da República. Diário do Pará. Polícia. Edição 539. 05 agosto 1984; Mamãe Dolores volta a entrar em bronca. Polícia. Edição 896. 4 out 1985; Travestis dão show no xadrez da DVG. Diário do Pará. Caderno Policial. Edição 428. 25 março 1984.

⁹⁰ Coronel PM Alberto de Abdoral Lopes. Cartas à Redação. Diário do Pará. Opiniões. Edição 1488. 15 agosto 1987.

⁹¹ *Ibidem*, 1987.

das tecnologias de gênero que desde a década de 1960 começaram a ganhar espaço no cenário mundial.

Segundo Preciado (2013), os anos de 1960 são apontados como o estopim identitário para as próximas décadas construírem identidades múltiplas em função das novas tecnologias de gênero, como cirurgias e hormônios sintéticos; e as dinâmicas capitalistas, como a midiaticização dos sujeitos pelo mercado de entretenimento; entre outros fatores. Porém, me aproximo da temporalidade defendida por Veras (2015) que regionaliza a discussão ao considerar o contexto histórico brasileiro em termos de difusão de informação e procedimentos médicos no final do século XX, por volta da década de 1980.

A década de 1980 é marcada por transformações nos setores cosméticos e cirúrgicos referentes a características sexuais, cujo impacto já era possível de sentir desde a década anterior, mas que sofreu uma intensificação conforme crescia a popularização de hormônios e procedimentos cirúrgicos no Brasil. Se na década de 1970 apenas as travestis viajantes internacionais e com renda alta conseguiam alcançar os procedimentos desejados, na década de redemocratização a situação muda. Surgem estratégias mais “democráticas” para o acesso no país, como a compra de anticoncepcionais sem receita e o aprendizado amador de injetar silicone “industrial” com as “bombadeiras” (PELÚCIO, 2005; ROCCON *at al*, 2017).

Como apontado por Elias Veras (2015), nos tempos do auge de Roberta Close, o corpo travesti representava mudanças cosméticas, cirúrgicas e temporais. As bonecas, durante a ditadura, utilizavam elementos generificamente temporários, como o uso de uma peruca, um enchimento externo na região dos seios e preenchimentos nas curvas, todos capazes de serem retirados ao fim do dia, se for de escolha. Agora, no tempo fármaco-pornográfico, as travestis e mulheres trans eram capazes de construir um corpo marcado pela permanência, visto que as tecnologias adentravam de forma fixa, mesclando-se com o corpo travesti, diversificando a resistência a tentativas de apagamento de sua expressão de gênero.

Imagem 25: “Bonecas assaltaram na praça”



Fonte: Bonecas assaltaram na praça. Diário do Pará. Polícia. Edição 1331. 9 março 1987.

Na imagem acima, encontra-se Bruna, uma travesti detida que, segundo a Central de Polícia, foi presa por assaltar com um grupo de outras travestis um transeunte na Praça da República, ponto turístico no centro da cidade, conhecido no período como um ponto de prostituição travesti ou como “uma grande concentração de gays”⁹². A manchete segue vários elementos no *script* de narrativas trans proposto por Veras (2015): negação do nome escolhido; exposição do nome masculino de registro; ligação com o crime; sem presunção de inocência; e focando neste tópico, a negação de elementos femininos, no caso, a vestimenta.

A fotografia (Imagem 25) presente na manchete sobre a prisão em flagrante de Bruna retrata a travesti em uma cela da delegacia, sem roupa cobrindo os seios, com expressão irritada no rosto, gesticulando o braço de maneira que indica reclamação ou protesto. A falta de uma vestimenta que cubra o busto da travesti possibilita analisar marcas de intervenção hormonal, uma vez que se nota o seio com protuberância.

⁹² Bonecas assaltaram na praça. Diário do Pará. Polícia. Edição 1331. 9 março 1987.

O seio hormonizado funciona como um registro da quebra do "tempo das perucas" para o tempo fármaco-pornográfico, que são trabalhados por Elias Veras (2015) e Paul Preciado (2013), respectivamente. A hormonização feminina crescia no território brasileiro em diversas camadas da sociedade, principalmente pela expansão da comercialização dos contraceptivos indicados para mulheres cis que, indiretamente, possibilitaram a apropriação caseira de travestis e mulheres trans para adquirir as características sexuais secundárias desejadas como o rosto sem barba, o seio protuberante e padrão feminino de distribuição de gordura corporal, assim, adquirindo uma silhueta próxima do ideal estético de mulher brasileira (VERAS, 2020; PELÚCIO, 2005; BENTO, 2006; PRECIADO, 2013) .

Imagem 26: Matéria sobre travestis presas



Fonte: Travestis dão show no xadrez da DVG. Diário do Pará. Caderno Policial. Edição 428. 25 março 1984.

Evidenciada em outra notícia, a proibição de trajes femininos pode ser vista na matéria de março de 1984 intitulada “*Travestis dão show no xadrez da DVG*”, cuja imagem ilustrativa apresenta uma fotografia de duas travestis presas na Divisão de Vigilância Geral, sem roupa cobrindo o corpo. Embora sem relatos das próprias travestis abordadas na matéria, é possível entender a respeito da corporeidade dos sujeitos em questão que as tecnologias de gênero estão presentes nos seus corpos com curvas e seios saltados, geralmente oriundos da hormonização e aplicação caseiras de silicone. Elementos estes que fomentam o uso por parte dos jornalistas de

designações como “boneca” e “bichona”, devido a feminilidade ser marcante na expressão das travestis, utilizando estes termos como meio de desumanizar os sujeitos abordados.

Nas matérias sobre encarceramento de travestis, o jornal aciona seu caráter formador de realidades ao construir uma narrativa que entende a reação travesti perante abordagens policiais abusivas como “escândalo”, “gritaria” e “histeria”, além de presumir como verdade os supostos crimes cometidos pelas travestis. Segundo Cavalcanti *et al* (2018, p. 10 *apud* KHALED JUNIOR, 2013), a produção de discursos em torno das travestis na década de 1980 é marcada pela lógica do modelo inquisitorial, onde as fronteiras da acusação e defesa são mescladas, “onde quem julga é ao mesmo tempo quem acusa, de modo que a verdade produzida na acusação já é automaticamente julgada como procedente e o processo de julgamento toma o caráter de inculpar provas a uma sentença já dada a priori”⁹³.

Segundo Kulick e Klein (2010, p. 2), em resposta aos “julgamentos” cotidianos, midiáticos e judiciais marcados por tendências transfóbicas, as travestis utilizam a tática de “fazer escândalo”. Esta tática consiste na tentativa de chamar atenção através de gritos para gerar constrangimento contra um cliente não-pagante ou abusador; autoflagelar os braços e pernas para serem levadas ao hospital ou pronto-socorro; simulação de suicídio para ser retirada da cela e entre outras estratégias. Nas fontes encontradas, é possível identificar relatos de “práticas de escândalo”, assim como a assimilação dos jornalistas e policiais a respeito das estratégias praticadas por travestis:

Já no xadrez, os homossexuais gritavam, pulavam contra as paredes e as grades, e chegaram até a improvisar instrumento cortante com um pedaço da bacia sanitária, para simular um suicídio e forçarem as suas solturas. O delegado Álvaro, entretanto, não foi na corda das “bichonas” e achou melhor colocá-las no xadrez comum, junto com os outros presos de correição. A gritaria e o histerismo das “bonecas” acabou no ato.⁹⁴

As táticas de encarceramento descritas pelo jornal apresentam estar de acordo com outras experiências de travestis encarceradas pelo Brasil. Segundo Guilherme Ferreira (2018, p. 104), em um âmbito nacional, as travestis que viveram na segunda metade do século XX, “as antigas”, discorrem sobre as estratégias de enfrentamento perante as prisões arbitrárias realizadas por policiais militares. Em comparação com a imagem 26, a quebra de um sanitário para transformar em um objeto cortante para automutilação está em paralelo com a tática registrada pelo autor de que algumas travestis andavam com uma garrafa no intuito de quebrá-

⁹³ CAVALCANTI *et al*, 2018, p. 10.

⁹⁴ Travestis dão show no xadrez da DVG. Diário do Pará. Caderno Policial. Edição 428. 25 março 1984.

la e cortar o próprio corpo para, quando presa, ser levada ao posto de saúde, em virtude do medo de ser morta na delegacia (FERREIRA, 2018, p. 104).

A respeito do policiamento de gênero no final do século XX, Paul Preciado (2013, p. 273) entende que as tecnologias de gênero do tempo fármaco-pornográfico constroem um corpo considerado de maior rebeldia perante as tentativas de controle institucional. Para Preciado (2013), a subjetividade fármaco-pornográfica é, paralelamente, o efeito das tecnologias biopolíticas de controle, assim como o território ideal para sua resistência.

Dito isto, em referência aos casos envolvendo a prisão de travestis na Belém de 1980, a mencionada retirada de roupas femininas que demarcam a expressão de gênero de um sujeito funciona como estratégia biologizante. Porém, falha ao expor um corpo com as tecnologias absorvidas, que fazem parte de sua composição, fora do alcance policial ao estar abaixo da pele. Portanto, torna-se resistente a um ataque simbólico que expõe um corpo, neste novo período, capaz de demarcar sua travestilidade de maneira fixa.

Através do exposto, é possível inferir que embora a força repressiva dos policiais continuasse a reprimir a expressão de gênero do corpo travesti, o controle se torna mais complexo com o impacto das tecnologias de gênero resistentes ao silenciamento institucional como antigamente. A proibição de roupas femininas ainda permanecia uma forma de violência simbólica, porém, obsoleta em comparação à resistência travesti de “se construir” internamente através de hormônios, silicones e cirurgias que evidenciam a travestilidade, inclusive, na nudez.

3.2 Entre o cômico e o trágico em notícias sobre travestis violentadas

Geralmente presente em matérias de capa, indicando o capital enunciativo de uma “pauta quente”, as notícias sobre violência tendem a ser publicadas com atenção devido o caráter chocante de seu conteúdo. O que pode ser ligado ao interesse jornalístico em produzir as narrativas de “perigo travesti”, no caso, a exposição de casos envolvendo travestis cometendo crimes ou sendo presas. Porém, neste tópico, a pesquisa parte para os discursos referentes às manchetes que abordam casos de violência praticada contra travestis na capital paraense.

A palavra “travesti” e suas variações pejorativas apresentam um capital enunciativo capaz de atrair os olhos de leitores, portanto, o uso e abuso do termo em títulos nas manchetes policiais é facilmente identificado. Como anteriormente comentado, é comum o emprego de “travesti” em casos envolvendo sujeitos fora do escopo da identidade, sendo a palavra utilizada

geralmente apenas no título enquanto chamariz, seguido da descrição das pessoas abordadas na matéria como homens homossexuais que não usam nome ou traje femininos. Portanto, ocorre a exclusão dessas matérias, ao passo que funcionam como evidência do uso sensacionalista do estigma travesti na criação das pautas jornalísticas.

Travesti, enquanto palavra, é historicamente ligada a uma quebra, seja da aparência de um ator homem para uma personagem mulher, seja para negação do gênero designado ao nascer (OLIVEIRA & GROSSI, 2014). Em paralelo com o humor, ele também necessita da quebra de expectativa narrativa para estimular o riso (GORDON, 2014, p. 2). Essa aproximação da travestilidade com o humor é histórica, uma vez que eram comuns os shows de travestis humoristas que, geralmente, parodiavam os gêneros através dos trajes das artistas e de suas piadas de caráter irônico e/ou sexual (NICOLAU, 2019).

Ao realizar um percurso etnográfico a respeito do humor entre as travestis, Ana Brancaleoni (2021), baseando em Kupermann (2010), discorre como a via do humor é um caminho que pode ser utilizado para ressignificar a perda ao assumir a orfandade. Assim, paralelamente, assumindo a dor e a maturidade a respeito de determinado evento subjetivamente ou socialmente negativo, a transfobia cotidiana é destaque (BRANCALEONI, 2021 *apud* Kupermann, 2010). Embora a autora foque o humor entre as travestis enquanto prática cotidiana, ao relacionar a historiografia trans, entendo que o comportamento pode transbordar a esfera do pessoal e refletir nas produções realizadas por travestis, como o século XX demonstrou (MARÍN, 2016; NICOLAU, 2019; BRAGANÇA, 2019).

O show *Les Girl* (1964), eleito como marco histórico do interesse do público em geral por shows travesti, é um exemplo de espetáculo que gira em torno do biodrama. Isto se explica pois suas apresentações tendem a ter influências biográficas das vivências da travestilidade das próprias artistas envolvidas na peça, assim como da trágico-comédia que satiriza os discursos psiquiátricos, dilemas cotidianos e relações amorosas das travestis (PASCHOAL, 2016; DUARTE & LOPES, 2021). O que influenciou espetáculos futuros realizados por travestis cujo trabalho girava em torno do humor.

Uma travesti do elenco principal do *Les girls* e que marcou presença nas fontes estudadas por ser descrita enquanto multifacetada, talentosa⁹⁵ e “uma das maiores travestis dos últimos anos”⁹⁶ é a famosa Rogéria. Ao realizar o seu show em 1988 chamado “Rogéria ao

⁹⁵ QUEIROZ, Carlos. Palma para os artistas. Shows. Diário do Pará. Edição 609. 26 out 1984.

⁹⁶ Alberto, João. Afiadinhas. Diário do Pará. Divirta-se. Edição 425. 22 março 1984.

Tucupi”⁹⁷, a artista é elogiada em entrevista⁹⁸ para o Diário do Pará pelo seu talento. Ela atribuía-o a sua trajetória, que segundo a artista, nos anos iniciais no teatro, “se você não cantasse, dançasse e representasse, você estava des-tru-í-da”⁹⁹. Embora o show citado não apresentasse o humor como foco, em seu próximo espetáculo em Belém, “Folia Tropical”¹⁰⁰, de 1990, a artista é celebrada pela qualidade do show, principalmente pela “parte cômica fantástica durante o espetáculo todo”¹⁰¹.

A trágico-comédia presente nos shows é vista em uma manchete¹⁰² que elogia ironicamente o talento de Rogéria, que desfilou pelo Império Serrano na ala dos comediantes, o que o colunista Carlos Brickman entende como "muito justo: ela ri daquilo que faria qualquer outro chorar"¹⁰³. O motivo do choro pode ser compreendido enquanto ridicularização da identidade de Rogéria que, em si, ao ser uma identidade desviante, é apresentada como suficiente para despertar um riso trágico.

A produção de peças teatrais por travestis possui o potencial de produzir sátiras que denunciam o tratamento da sociedade perante elas, questionar os limites do sistema binário de gênero e os tabus em torno da sexualidade, entre outros temas dotados de uma rebeldia social (MARÍN, 2016). Embora Rogéria demonstrava se distanciar de uma figura militante ou desviante, no século XX surgiram produções teatrais e espetáculos em boates que, pela perspectiva das travestis, procuraram realizar uma arte que humanizava o abjeto, aproximava o público dos sujeitos marginalizados, seja pela emoção, seja pelo riso (FERNANDES, 2016).

Porém, os discursos midiáticos da década de 1980 são produzidos por uma perspectiva externa às travestis, o que pode ser associado à tendência discursiva de tratar travestis enquanto sujeitos abjetos. Em paralelo com a representação travesti em outros estados no período estudado, o maior número de notícias a respeito da travestilidade no Diário do Pará gira em torno dos cadernos policiais. Eles abordam violência envolvendo travestis, sejam como vítimas, sejam como criminosas ou/e testemunhas. Nas notícias que tratam sobre violência contra

⁹⁷ QUEIROZ, Carlos. Rogéria ao Tucupi hoje no Lapinha. Diário do Pará. Shows. Edição 1763. 19 maio 1988.

⁹⁸ Darwich, Karime. Rogéria: Mulher não é órgão genital. Mulher é cabeça. Diário do Pará. Nacional/Internacional. Edição 1773. 29 maio 1988.

⁹⁹ Ibidem, 1988.

¹⁰⁰ Rogéria, mulher e artista, com a cabeça feita. Diário do Pará. Cidade. Edição 2562. 31 agosto 1990.

¹⁰¹ Ibidem, 1990.

¹⁰² BRICKMAN, Carlos. De mãe para filho. Diário do Pará. Opiniões. Edição 2010. 24 jan 1989.

¹⁰³ Ibidem, 1989.

travestis, nota-se uma escrita com traços de ironia e humor, onde a travestilidade costuma ser o alvo do riso.

Segundo Vivian Miranda *et al* (2009, p. 83), a imprensa utiliza frequentemente o que a autora conceitua como “grotesco”, entendido enquanto uma estratégia narrativa que constrói um discurso descontextualizador de significantes, visto que constrói sujeitos e costumes enquanto elemento exótico, estranho, alheio a nossa sociedade. O trabalho acrescenta que o grotesco pode ser ligado ao humor, assim, apresenta o conceito de “grotesco cômico”, especialmente utilizado pelos jornais em charges políticas, mas podendo existir também em prosa.

Embora o grotesco cômico seja utilizado em outras esferas da mídia, como em *talk-shows* que apresentam sujeitos marginalizados sob uma esfera de patologização ou ridicularização, a imprensa acrescenta o aspecto enunciativo de produzir informação e denunciar práticas e sujeitos considerados prejudiciais à sociedade (MIRANDA *et al*, 2009; FURTADO, 2006). Assim, uma narrativa pautada no grotesco cômico que aborda sujeitos trans pode ser entendida enquanto meio de reforçar a marginalidade de sujeitos abjetos, uma vez que a travestilidade apresentada pela coluna policial enquanto grotesca ou horrível é construída como fora da esfera social. Miranda *et al* (2009, p. 84) aborda que

Como "signo do outro", em um contexto que não é o seu, o horrível torna-se sensacional, inconsistente e principalmente desligado daquilo que é, na estrutura de nossa sociedade, que explica possivelmente o motivo para o riso, pois a fealdade experimentada não causa nenhuma espécie de reflexão.

O grotesco cômico é associado ao exagero, à quebra de normas sociais, ao que deveria ser escondido em uma narrativa que procura expor de maneira irônica ou sarcástica os limites discursivos de determinada situação ou evento (MIRANDA *et al*, 2009, p.87). Com a travestilidade, o grotesco cômico é empregado regularmente em manchetes que abordam travestis, visto que as características que o compõe dialogam com os estereótipos estigmatizantes construídos sobre a travestilidade.

O humor extraído às custas da humanidade das travestis pode ser encontrado em outras manchetes, principalmente, com sujeitos anônimos, alvos principais da abjeção por parte dos discursos midiáticos. Diferente de Roberta Close e Telma Lipp, cuja fama permitiu que seus nomes de registros fossem relativamente ocultados, as travestis anônimas carecem dessa proteção. Assim, elas se tornam alvos de uma escrita que constrói narrativas que expõem nomes masculinos em contraste com uma figura feminina, ficando à mercê da sátira focada no

“absurdo”, da paródia de gênero, da caricatura. Enfim, no grotesco cômico presente comumente em casos policiais envolvendo travestis.

Em um âmbito externo, longe dos palcos e antes de uma apropriação da comunidade, o uso da palavra “travesti” pelos jornalistas denota humor pela travestilidade ser vista enquanto um absurdo, uma paródia, uma caricatura a respeito dos papéis de gênero. Este contexto auxilia na eleição de monstros sociais que elegem a travesti enquanto alvo de ataques “justificáveis”, pois a abjeção valida o tratamento estigmatizante sofrido pelos sujeitos (CAVALCANTI *et al.* 2018, p.13)

Logo, as notícias a respeito de travestis vítimas de ataques transfóbicos, embora carregadas de violência e abusos, são construídas ao redor de uma narrativa que estimula a abjeção dos sujeitos através da ridicularização humorística dos acontecimentos. Ataques simbólicos, lesões físicas, tentativas de homicídio e assassinatos são alguns dos crimes cometidos contra travestis que o Diário do Pará aborda. As fontes encontradas podem apresentar as violências transfóbicas em segundo plano ao focar em outros personagens, naturalizar os motivos ligados aos ataques contra travestis, salientar características físicas da vítima e, como anteriormente mencionado, focar no grotesco cômico que descontextualiza acontecimentos. Por consequência, torna-se necessário uma leitura a contrapelo para a identificação de discursos sobre a violência transfóbica.

A respeito da violência transfóbica enquanto elemento de segundo plano, a matéria “*Espancou o gay depois de uma noite de amor*”¹⁰⁴ aborda um caso de 1984, em que uma travesti chamada Gabi foi levada a um pronto-socorro após sofrer um espancamento. A violência foi cometida por um homem que, na noite anterior, realizou práticas sexuais com a vítima. A narrativa do jornal gira em torno de uma suposta surpresa por parte do agressor em Gabi ser uma travesti:

Espancou o gay depois de uma noite de amor

O homossexual Gabriel Costa Vieira, que reside na Passagem São Cristóvão, número 22, bairro da Terra Firme, e que adora ser chamado de Gabi, procurou atendimento ontem no Pronto Socorro Municipal, com a cara praticamente desmontada a pancadas.

Acontece que ele conseguiu, com muita lábia, levar para seu quarto, Passagem São Cristóvão, o feirante “Garrincha”, que mora na travessa 9 de Janeiro, no bairro da Cremação.

Quando foi para o quarto “da Gabi”, o “Garrincha” estava completamente embriagado, e pouco podia notar a diferença entre um tição de fogueira e um picolé de coco, quanto mais a diferença de um travesti bem pintado e uma mulher de verdade.

¹⁰⁴ Espancou o gay depois de uma noite de amor. Polícia. Diário do Pará. Edição 602. 18 out 1984.

Ao acordar pela madrugada, já sóbrio, o “Garrincha” ficou furioso, por ter passado a noite beijando e trocando outros carinhos com uma bicha. Pegou um tamborete de perto da mesa, e aplicou uma brutal surra no gay, praticamente desfigurando-lhe a cara. O gay procurou atendimento no FSM, em companhia de outro homossexual que para lá o levou e o “Garrincha” escapuliu do lugar, que ele não é bobo de esperar a chegada da polícia da Terra Firme¹⁰⁵.

Nota-se uma estrutura narrativa dotada de uma reviravolta. A matéria acima apresenta uma escrita que contextualiza a identidade do sujeito abordado, visto que expõe o nome de registro seguido do nome feminino utilizado pela travesti, a Gabi, e, em seguida, apresenta o agressor, o feirante "Garrincha", que estava embriagado e que por isto, supostamente, foi incapaz de notar “a diferença de um travesti bem pintado e uma mulher de verdade”. A manchete narra a violência desferida pelo feirante ao perceber que não dormiu com uma mulher (cisgênero), o que o discurso jornalístico naturaliza ao acrescentar justificativas como “ter passado a noite beijando e trocando outros carinhos com uma bicha”, além de associar a iniciativa do encontro a uma enganação e a uma sedução perigosa, visto que segundo o jornal, a travesti utilizou-se “de muita lábia”¹⁰⁶.

A estrutura narrativa a respeito do caso envolvendo Gabi e “Garrincha” apresenta uma via de humor apoiada na reviravolta em torno da identidade travesti, evidenciada pelas comparações realizadas pelo escritor da matéria. O uso de termos coloquiais (“bicha”), a utilização de aspas ao se referir ao nome feminino da travesti e o final cartunesco que o agressor foge da chegada da polícia “por não ser bobo” desenha o humor ao redor da notícia.

A ligação travesti-álcool-sexo-violência surge em outras notícias do Diário do Pará como a intitulada “*Quebraram a cara da boneca*”¹⁰⁷ que, em simular a narrativa, o jornal aborda uma travesti agredida supostamente devido a descoberta de sua identidade de gênero por um homem. Similarmente, o jornal utiliza elementos ligados a travestilidade para agregar de forma humorística ou irônica a escrita do acontecimento, como o uso por parte da vítima de um nome feminino e sofrer agressão até ficar “praticamente desmontada”; assim como justificar a motivação do agressor por estar “pensando justamente tratar-se de uma mulher, visto que estava travestido como tal”¹⁰⁸.

¹⁰⁵ Ibidem, 1984.

¹⁰⁶ Ibidem, 1984.

¹⁰⁷ Quebraram a cara da boneca. Polícia. Diário do Pará. Edição 724. 15 março 1985.

¹⁰⁸ Ibidem, 1985.

Miranda *et al* (2009) associa o grotesco cômico na imprensa fora de uma esfera violenta, sendo geralmente utilizado em charges políticas e futebolísticas. No entanto, nas fontes analisadas, as dinâmicas narrativas do grotesco cômico são fortemente ligadas a manchetes que abordam violência contra travestis, principalmente quando relacionadas as travestis que praticam prostituição. Por consequência, esta forma de escrita acaba distanciando o leitor do ocorrido ao favorecer a via cômica que o discurso aparentemente prioriza em detrimento de uma narrativa denunciadora:

Imagem 27: Manchete sobre o espancamento de uma travesti feita por um sujeito não-identificado.



Fonte: Travesti espancado pelo homem-sombra. Polícia. Diário do Pará. Edição 742. 05 abril 1985.

A ideia da utilização de violência física como maneira de desfigurar uma travesti até ela ficar "desmontada" aparece enquanto um castigo físico perante a transgressão de gênero (imagem 27). Portanto, a narrativa do jornal demonstra em mais de uma ocasião relacionar a feminilidade com a violência, expondo um diálogo entre as práticas homofóbicas e transfóbicas de punição física como tentativa de enquadrar sujeitos em uma vivência cisheteronormativa. As "terapias de conversão", abuso físico por parte dos pais, *bullying* em ambientes escolares, entre outras práticas violentas são exemplos de formas agressivas de apagamento de identidades desviantes (MARANHÃO FILHO, 2017).

Além da violência após encontro sexual "enganador", outro fator ligado a uma "violência justificada" é a ambiguidade. Pois, além de funcionar como parte do *sex-appeal* dos modelos e entretenimento das artistas, ela aparece nos cadernos policiais enquanto motivação do crime (ao "enganar" pela aparência), do paralelo do nome masculino com o feminino (por

exemplo, de Reginaldo para Regina Tarada¹⁰⁹) e da troca de pronomes para indicar uma confusão na leitura social do sujeito. Reforça-se, assim, o arquétipo estigmatizante de travestis como enganadoras e sedutoras de homens viris que, mediante a dita enganação, partem para a violência física enquanto defesa de sua noção de masculinidade (SERANO, 2007).

Ao agregar a motivação do crime à expressão de gênero da travesti, apresentada enquanto ambígua, as narrativas presentes nos cadernos policiais culpabilizam a vítima da violência transfóbica e naturalizam o tratamento violento da sociedade perante a identidade travesti ao justificar ataques contra sujeitos marginalizados. Consequentemente, esvaziando a culpabilização de agressores ao procurar construir a travestilidade enquanto causadora e vítima da própria violência sofrida. Assim posto, torna-se possível entender a existência de tentativas de abjeção do sujeito travesti ao torná-lo alvo da violência sistemática que assim como sua expressão de gênero, seria fruto de uma “escolha” da própria travesti.

3.3 “A praça está de luto”: mudanças de roteiro no *script* de narrativas trans sobre travestis violentadas

Embora comum a publicação da agressão oriunda de uma relação sexualmente casual, é possível encontrar manchetes envolvendo violência conjugal entre uma travesti e seu cônjuge. No caso noticiado, o casal é composto por Michelle, uma travesti artista de boate, e Apolo, um homem cisgênero sem atividade de trabalho detalhada. Na matéria que noticia o caso, “Machão retalhou o travesti”, uma fotografia evidencia a vítima deitada em uma maca do Pronto Socorro após as lesões corporais, com marcas de sangue:

¹⁰⁹ Travesti espancado pelo homem-sombra. Polícia. Diário do Pará. Edição 742. 05 abril 1985.

Imagem 28: Manchete com a foto demonstrando a violência conjugal que uma travesti sofreu.



Fonte: Machão retalhou o travesti. Diário do Pará. Polícia. Edição 1232. 9 e 10 nov 1986.

Na manchete acima, por tratar de uma relação anterior ao acontecimento, descarta-se a narração de reviravolta por descobrimento do gênero da travesti. Porém, permanece a culpabilização da vítima ao ligar o ataque ao ciúme, tanto no corpo do texto – “como foi muito aplaudido e assediado pelos espectadores, seu amante ficou furioso”¹¹⁰ –, quanto na legenda abaixo da fotografia que consta no jornal – “a boneca fez o seu amante ficar uma fera”¹¹¹.

As notícias sobre casos de violência conjugal demonstram a complexidade em torno da transfobia sistemática ao transbordar a esfera do agente externo da violência - clientes, policiais e transeuntes – e ao incluir ataques no próprio espaço de convivência da travesti, no caso, praticada pelos “maridos”. Segundo Larissa Pelúcio (2005, p. 235), a travestilidade é associada a categoria “marido” que, independe da existência de um fato jurídico, pois a comunidade transfeminina utiliza essa terminologia para referir-se ao grau de conjugalidade entre as partes, independente da realização do matrimônio.

A respeito da categoria “marido”, Marília Amaral (2017) disserta que historicamente as pesquisas de campo a respeito das transfeminilidades associam a violência conjugal e dependência financeira como elementos frequentes (*apud* KULICK, 1998; PELÚCIO, 2009). Embora seja comum o emprego de análises que foquem nos impactos identitários das relações de marido, a autora procura explorar as práticas abusivas dos maridos enquanto estratégia, uma

¹¹⁰ Machão retalhou o travesti. Diário do Pará. Polícia. Edição 1232. 9 e 10 nov 1986.

¹¹¹ Ibidem, 1986.

vez que são ligadas a marginalidade política, social e afetiva das travestis, que é capitalizada pelos parceiros no intuito de adquirir uma fonte de renda.

A estratégia pode ser associada às falas registradas por Kulick (2008), as quais expressam que, para as travestis, “um homem em casa” significa prejuízo financeiro e perigo devido às violências físicas e conjugais feitas pelo parceiro. No entanto, Amaral (2017) disserta que permanece o desejo das travestis por relações amorosas saudáveis, porém, ocorrem dinâmicas em relação ao contexto sócio histórico da travestilidade que dinamizam essas relações. Em completude, sobre um ideal romântico na travestilidade, Seffner e Müller (2012) apontam que:

Esse ideal romântico é atravessado por outros tensionamentos que desestabilizam os roteiros tão valorizados, implicando uma agonística evidente. Há rupturas e continuidades, um pouco ao modo do que ocorre em outras relações, um pouco intensificado pelo atravessamento de fronteiras que caracteriza a construção cultural da travestilidade.

Enquanto estratégia de controle, as relações afetivas podem apresentar uma dinâmica de fornecer dinheiro e presentes para os maridos, o que dinamiza a relação a favor da travesti ao criar dependência do parceiro com o relacionamento (AMARAL, 2017; SEFFNER & MULLER, 2012; CAMPOS, 2016; SILVA, 2007). A renda da travesti, a qual é geralmente pela prostituição, é o que possibilita tanto o fornecimento de dinheiro para o parceiro, como o que garante relativamente uma monogamia por parte do homem. Porém, quando ocorre a quebra do acordo “matrimonial”, as traições entram em uma equação social interna, pois, ao serem realizadas com mulheres cisgênero, podem ser interpretadas enquanto um reforço a sua imagem de heterossexual (SILVA, 2007). Em contrapartida, as traições envolvendo outras travestis ou homens podem subjetivamente aproximar a identidade da travesti enquanto masculina, consequentemente, impactando o interesse da travesti em continuar a relação¹¹² (SILVA, 2007; AMARAL, 2017).

¹¹² Marília Amaral (2017, p. 84), aborda transformações em torno da conjuntura das relações amorosas de travestis com homens, cisgêneros e transexuais em comparação com pesquisas de campo anteriores, pois, embora marcadas por estigmatizações devido o tabu da sociedade perante um casal fora da norma cisheternormativa, apresentam notável demonstração de carinho, apoio nos processos identitários, defesa física perante a possíveis ataques, cumplicidade, projetos de adoção, entre outras características raramente encontradas em pesquisas de campo sobre a temática.

Imagem 29: Manchete sobre travesti esfaqueada com foto da vítima em uma maca de pronto-socorro.

**Meteram
a faca no
travesti**

O gay Magno Lima da Conceição, residente à rua Antônio Barreto 279, que atende pelo apelido de Magna, está gravemente esfaqueado e internado no Pronto Socorro Municipal para onde foi levado pela manhã de ontem.

O autor do esfaqueamento foi o amante da vítima, Erinaldo Lopes que está em liberdade.

Famíliares do gau informaram à Polícia no Pronto Socorro que anteontem, Magno descobriu que o Erinaldo tinha arrumado outro gay e estava deixando de lhe dar atenção, ele que sustentava o amante há muito tempo.

Essa descoberta indignou Magna e a boneca esperou uma oportunidade para se vingar. Ela apareceu ontem pela manhã, quando os dois se encontraram. Além de fazer sua



Magno, a boneca, foi esfaqueada pelo amante

reclamação, Magna resolveu dar unistapas no amante e partiu para agredí-lo.

Ocorre que Erinaldo estava armado de uma faca peixeira e não esperou para apunhar muito do amante. Enfiou-lhe a faca no peito e no abdômen de Magna. A vítima está em estado grave no PSM, onde já foi operada.

O caso foi registrado por investigadores no PSM, para as devidas providências.

Fonte: Meteram a faca no travesti. Polícia. Edição 1033. 18 março 1986.

Na matéria “*Meteram a faca no travesti*”¹¹³ é abordado um caso envolvendo uma travesti, Magna, que estava em estado grave em um Pronto-Socorro Municipal após ser esfaqueada pelo parceiro, Erinaldo Lopes, ao desferir tapas contra ele por causa de uma traição de Erinaldo com “outro gay”. Na matéria, é especificado que Magda mantinha financeiramente Erinaldo, o que pode ser enquadrado no arquétipo ligado aos maridos das travestis, assim como traições, que eram compreendidas enquanto catastróficas ao serem realizadas com outras travestis ou homens (KULICK, 2008; PELÚCIO, 2005).

Em paralelo com o *script* das narrativas trans identificado por Elias Veras (2020), acrescentando o conceito de grotesco cômico trabalho por Vivian Miranda (2021), a presente pesquisa apontou para a tendência jornalística do Diário do Pará na década de 1980 em manchetes referentes a travestis vítimas de violência. Foram elementos deste roteiro a abjeção por meio da via cômica em detrimento da humanidade; o uso de termos pejorativos; narrativa expositora sensacionalista que justifica as ações do agressor; a expressão de gênero da travesti apresentada enquanto ambígua, além de simultaneamente enquadrada como causa e alvo da violência contra a travesti violentada.

¹¹³ Meteram a faca no travesti. Polícia. Edição 1033. 18 março 1986.

Todavia, em paralelo com a natureza dos roteiros, o *script* das narrativas trans apresenta alterações conforme seu cenário. Pois, apresenta-se um contexto de discussões midiáticas e cotidianas sobre as identidades desviantes que, aliada a presença de pessoas transfemininas na mídia discutindo suas opiniões e vivências, é possível entender que a escrita do Diário do Pará sofre alterações no que tange os casos sobre violências transfóbicas. Como podemos analisar nas manchetes anteriormente abordadas, a narrativa do caso sobre o esfaqueamento de Magda (imagem 29), assim como o caso envolvendo Michelle (imagem 28), ambos em 1986, apresentam elementos narrativos que podem ser entendidos como sinais iniciais da perda do humor trágico-cômico. Isto pode ser observado pela diminuição do uso de termos pejorativos; do desuso de atribuições negativas a respeito da travestilidade em geral a respeito do comportamento ou aparência das travestis; e da adoção de uma escrita que expõe o caso pela via do choque causado pela violência em detrimento do “humor” envolvendo a agressão de uma travesti.

Transitando do humor para o choque, a mudança de tom em torno dos casos sobre violência transfóbica pode ser associada a uma adequação aos demais casos violentos abordados no jornal que utilizam a via cômica enquanto exceção, não como regra. Assim, se possibilita a produção de discursos que diminuem a abjeção imposta às travestis, principalmente na década do cenário de pânico social que procurou acrescentar o estigma da Aids à imagem da travestilidade.

Nos anos finais da década de 1980 se encontra uma diminuição de notícias a respeito de travestis pelo Diário do Pará. Tanto nas colunas de entretenimento, quanto nas de casos policiais, manchetes envolvendo sujeitos travestis sofrem uma diminuição. Tal perda de interesse pelos jornais pode ser associada às ações de grupos de defesa das minorias sexuais que interferiram em prisões arbitrárias contra travestis pela polícia local; a queda do “modismo” a respeito da figura da travesti na mídia brasileira; além da tendência jornalística da procura da próxima “pauta quente”.

Apesar do ritmo lento, nos anos finais da década de 1980, as narrativas em torno de casos envolvendo violências contra travestis começam a mudar de tom. Perde-se lentamente a escrita que utiliza a via do humor, assim como a narrativa de romance policial com reviravoltas e relações sexuais terminadas em violência. Ao analisar as fontes estudadas, o caráter denunciativo, expositor da violência cotidiana da cidade, ganha maior espaço. Logo, surgem

manchetes que abordam o terror, não mais pela perspectiva de exotificação da identidade travesti, mas do impacto enunciativo causado pela violência praticada em outra pessoa.

Imagem 30: Manchete sobre Simone, com uma imagem de seu rosto acima do texto jornalístico.



Fonte: Gay agrediu moleque com um cano de ferro. Diário do Pará. Polícia. Edição 1009. 18 fev 1986.

Na matéria intitulada “*Gay agrediu moleque com um cano de ferro*”, o jornal escreve em uma manchete de três parágrafos com direito a imagem, o caso envolvendo a violência física praticada por uma travesti, Simone, em resposta a ataques verbais de motoqueiros no centro da cidade. Na imagem 30, podemos ver Simone com o cabelo no ombro e uma camisa feminina, olhando diretamente para a câmera do fotógrafo do Diário, cuja legenda da foto consta “Simone não gostou da graça”. Embora, inicialmente, a legenda minimize os ataques verbais contra a travesti, no último parágrafo da fonte encontra-se um relato sobre a motivação da agressão física praticada por Simone:

Disse o travesti que são constantes as ironias, agressões e investidas de vários elementos, especialmente motoqueiros, contra os viados da Praça e por isso ele reagiu violentamente. O crime de lesões foi afiançável e o travesti ganhou a liberdade ontem mesmo.¹¹⁴

O caso de Simone é interessante ao demonstrar uma alteração no roteiro de narrativas trans, visto que o jornal paralelamente reforça a narrativa de travestis violentas e praticantes de *trottoir*, enquanto apresenta a perspectiva transfeminina frente aos ataques cotidianos que sofrem. Em termos de semiótica, a fotografia utilizada registra Simone em um enquadramento de frente para a câmera, comum em casos policiais noticiados pelo jornal, porém, a travesti aparece com uma expressão calma e corpo esguio, com baixo ou nulo capital imagético ligado à violência. Assim, entre as fontes encontradas, é um dos poucos casos que o jornal denuncia, embora indiretamente, os abusos cotidianos praticados contra as travestis do período.

O enfoque na fala de travestis violentadas intermediada pelos discursos jornalísticos é fundamental para entender a trajetória da representação transfeminina no Diário do Pará. O jornal demonstra uma transição em comparação às fontes de início da década ao acrescentar o ponto de vista das travestis; salientar a violência sofrida, inclusive em casos que apontam uma defesa perante determinado ataque transfóbico; além de diminuir o número de publicações que reforçam a ideia de “perigo travesti”.

Ao analisar a matéria intitulada “*Travesti leva tiro no peito por um taxista*”¹¹⁵, a travesti Tatiane/Tatiana é apresentada conforme sua descrição, isto é, “muito famoso e disputado na Praça da República, conforme declarou ontem”. Segundo o testemunho intermediado pelo discurso jornalístico, a travesti sofreu um tiro no peito ao auxiliar uma amiga também travesti, Angélica, que estava discutindo sobre um “programa” não pago por um taxista, que atirou na vítima e em seguida partiu para longe da cena do crime.

¹¹⁴ *Gay agrediu moleque com um cano de ferro*. Diário do Pará. Polícia. Edição 1009. 18 fev 1986).

¹¹⁵ *Travesti leva tiro no peito por um taxista*. Diário do Pará. Polícia. Edição 2064. 20 março 1989.

Imagem 31: Matéria de capa estampando o peito baleado de uma travesti agredida



Fonte: NOBRE, Fernando. Diário do Pará. Capa. Edição 2064. 20 março 1989.

Na matéria que conta o caso, o corpo baleado de Tatiane/Tatiana tem os seios expostos na matéria de capa em um dos maiores jornais da capital paraense. Podemos ver o lençol do Pronto Socorro cobrindo a travesti, mas indicando que o pano foi retirado o suficiente para mostrar o busto de Tatiane para demonstrar a ferida da bala. Este afastamento do pano funciona como chamariz jornalístico, visto que na década de 1980 a midiaticização do corpo travesti é fortemente ligado às características físicas proporcionadas por hormônios e silicones.

Anteriormente discutido, a espetacularização do corpo travesti em matérias jornalísticas é um padrão constante tanto em matérias que procuram construir uma imagem de "perigo travesti", assim como sobre a violência praticada contra elas. No entanto, é possível delimitar fugas narrativas em torno da representação travesti no tange o emprego das imagens e da descrição do ocorrido no caso de violência publicada. Torna-se frequente, em casos de violência transfóbica, fotografias que demonstram as travestis em macas hospitalares, cenário que indica fragilidade, cuidado, atenção médica e grau de ferimento, possivelmente associando a imagem da travesti a empatia, diferenciando-se das narrativas de identidade perigosa.

Segundo Gabriela Lima (2016, p. 101), fotografias de acidentes não existem em um vácuo contextual, não podendo ser lidas enquanto registro documental único. Através da semiótica, a autora disserta que o emprego de fotografias com certos ângulos pode funcionar como denúncia para a cidade de uma violência recorrente, principalmente ao focar em detalhes como itens hospitalares, marcas de sangue e sujeitos socorridos (LIMA, 2016, p. 100). Em relação aos casos anteriormente abordados, as imagens utilizadas se configuram dentro de um contexto que expõe a violência contra travestis nos seus títulos, legendas e ângulos, procurando demonstrar os efeitos sangrentos de determinado caso de violência transfóbica.

A publicação de casos de violência transfóbica é historicamente utilizada enquanto estratégia social para denunciar o tratamento abusivo da sociedade contra a comunidade marginalizada (LAMBLE, 2013). Sendo assim, o caráter de construtor de realidades do discurso jornalístico carrega um capital enunciativo capaz de construir “pontes” entre a comunidade marginalizada e o resto da sociedade, o que auxilia na produção de políticas públicas capazes de garantir ou diminuir a segurança de sujeitos trans marginalizados (Ibdem, 2013).

Imagem 32: Manchete com foto das “bonecas” que estavam se organizando contra os casos de violência em Belém contra travestis e homossexuais



Fonte: Muitas bonecas assassinadas. Polícia. Edição 1161. 17 agosto 1986.

Na imagem acima, o jornal aborda de maneira generalista os casos envolvendo a morte de travestis, mulheres trans e homens homossexuais em Belém, que foram catalogados por grupos identitários com o objetivo de gerar um informativo sobre os casos de violência envolvendo as comunidades abaixo do termo guarda-chuva “gay”. Foi excluído casos praticados contra mulheres sáficas, embora o próprio jornal tenha mencionado em outras manchetes¹¹⁶ (NASCIMENTO, 2022). Ao listar casos de assassinato envolvendo homossexuais e travestis, o jornal aborda que:

Todos esses crimes, espalhados nas mais variadas cidades do Brasil, foram perpetrados com requintes de perversidade e, por isso, as bonecas se posicionam, pedindo providências contra a investida violenta a que são submetidas. Muitas vezes, apenas pela sua condição de homossexual.¹¹⁷

Segundo Sarah Lamble (2013, p. 33), as comunidades trans utilizam a sua própria marginalidade como estratégia política para sensibilizar as autoridades e a mídia a respeito das violências transfóbicas, na qual abrir mão de uma abordagem direta e sangrenta acarretaria em possibilidades de apagamento. Por consequência, as pessoas trans, ao estarem pressionadas por recursos limitados e pela demanda da mídia por manchetes chamativas, têm sua representação marcada por discursos simplificados em detrimento de análises teóricas com nuances sobre as experiências trans:

A própria existência de pessoas transgênero é validada por sua morte. A violência marca, assim, o corpo como pertencente à comunidade trans. Dessa forma, a violência simultaneamente oblitera e produz um sujeito trans particular – tanto materialmente (no ato de matar) quanto simbolicamente (na narração subsequente).¹¹⁸

A associação da experiência trans à narrativas sobre perda, dor e morte é entendida por Adriana Figueiredo (2011) como “narrativas de dor”. As travestis utilizam e produzem estas narrativas para construir sua identidade, comunidade e sociabilidades, pois, o sentimento negativo causado pela discriminação transfóbica funciona como uma “prova”, uma evidência pessoal que há validade em sua vivência. Assim, a resistência em expressar e lutar pela sua identidade frente às violências físicas e simbólicas é validadora da sua existência travesti.

¹¹⁶ A exclusão de casos envolvendo ataques contra mulheres lésbicas ou bissexuais pode ser ligada à invisibilização histórica sofrida por mulheres sáficas em relação ao movimento homossexual brasileiro, além de serem entendidas em torno de um estigma que categoriza suas experiências enquanto temporárias e sexualmente incompletas (NAPHY, 2004; PINAFI, 2010). No que tange o Diário do Pará na década de 1980, a representação sáfica pela escrita do jornal paraense constrói a mulher sáfica enquanto um perigo para o matrimônio ao “roubar” esposas; apresentar comportamentos violentos, embora a maioria dos casos relatos sugerirem auto-defesa perante violências lesbofóbicas; e realizar trabalhos braçais e boêmios, isto considerado mais uma perturbação dos papéis gênero (NASCIMENTO, 2022).

¹¹⁷ Muitas bonecas assassinadas. Polícia. Edição 1161. 17 agosto 1986.

¹¹⁸ Tradução do autor. Fonte: LAMBLE, Sarah. 2008, p. 34.

Por uma perspectiva interna entre as travestis de trocas de relatos violentos de pessoa trans para pessoa trans, Figueiredo (2011) demonstra as potencialidades de apropriação da violência transfóbica para além de uma visão passiva. A autora entende as narrativas de dor dentro de uma estratégia discursiva que afeta o cotidiano de sujeitos trans ao fortalecer um censo de subjetividade e comunidade, reforçando-os enquanto agentes ativos. Utilizo essa abordagem para um tema violento - as notícias paraenses sobre casos de violência transfóbica - enquanto argumento para demonstrar as capacidades de apropriação de determinado discurso em um contexto de produção discursiva hegemônica, isto é, pelo jornal (FIGUEIREDO, 2011).

Portanto, com o pensamento de Lambly (2013) a respeito da mediação da violência transfóbica enquanto estratégia social, torna-se possível trabalhar as narrativas jornalísticas sobre violência transfóbica como narrativas capazes de produzir “pontes” entre o leitor e a vítima. Elaborar-se uma escrita que “foge do roteiro” de narrativas trans do período. Porém, torna-se necessário entender que as representações trans, nas fontes estudadas, apresentam um dinamismo diacrônico, fugindo de uma cronologia direta de “ridicularizadas” para “vitimizadas” e de “perigosas” para “alvo de empatia”, sendo comum continuidades e quebras ao longo dos anos.

Assim posto, o caso envolvendo a travesti Claudinha é eleito enquanto relevante para a discussão pelo grau de importância jornalística atribuída ao acontecimento, sendo matéria de capa. Além disso, o número e qualidade das fotografias utilizadas e a possibilidade de discutir um caso que envolve uma travesti citada em outras manchetes do Diário do Pará em anos anteriores justifica a relevância.

A citação mais antiga encontrada a respeito de Claudinha está na matéria discutida no capítulo I, que aborda a prisão de cinco travestis em 1984¹¹⁹. A travesti é citada tanto na escrita do texto ao listar o nome das pessoas detidas, assim como na legenda da fotografia utilizada, em que as cinco prisioneiras são fotografadas na Delegacia Geral de Vigilância (DVG). Com uma escrita que apresenta a Praça da República enquanto espaço dominado por travestis tidas como perigosas, Claudinha é abordada enquanto um dos personagens que trazem periculosidade para o centro da cidade, sendo sua prisão celebrada¹²⁰:

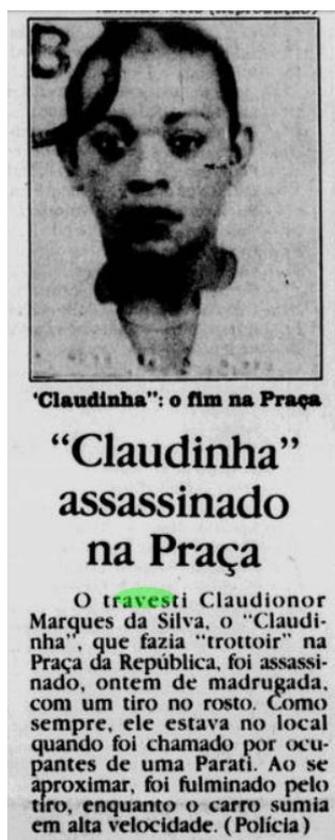
Os cinco (travestis presas), são homossexuais que fazem da praça seu habitat e seu “campo de batalha”, onde caçam as suas vítimas a cada noite, não medindo o resultado das suas investidas. Se o escolhido para vítima recusa as propostas de sexo dos gays, é simplesmente surrado por eles, que sempre agem em grupo para intimidar as vítimas.

¹¹⁹ Travestis são presos na Praça da República. Polícia. Diário do Pará. Edição 539. 05 agosto 1984.

¹²⁰ Ibidem, 1984.

Quatro anos depois, em 1988, ao noticiar o assassinato de Claudinha, a estrutura da matéria sobre o caso se altera em comparação a que se refere ao seu encarceramento em 1984. Logo na prévia da manchete, no canto lateral da capa da edição 571, o jornal utiliza uma fotografia aparentemente oriunda de um documento de Claudinha. Neste imagem, ela aparece de cabelo preso, sobrancelhas modificadas, maquiagem e envolta de uma escrita que descreve um assassinato a tiro no rosto contra uma travesti que realizava *trottoir* na Praça da República (imagem 33).

Imagem 33: Na capa do jornal, prévia da matéria sobre o assassinato de Claudinha.



Fonte: “Claudinha” assassinado na Praça. Diário do Pará. Capa. Edição 1947. 20 nov 1988.

Na coluna policial, o jornal apresenta a matéria na íntegra intitulada “*Gay atende o chamado para a morte na Praça*”¹²¹, onde é descrito uma notícia que engloba eventos que levaram a morte da travesti e os efeitos posteriores de seu assassinato. Após contextualizar a rotina de Claudinha voltada para o *trottoir*, a escrita *a lá* crônica do jornal narra que a travesti, ao ser chamada por homens em um veículo, foi assassinada com um tiro no rosto. Este foi “o último chamado que o gay atendeu”, acontecimento que intitula a manchete. Segundo a matéria,

¹²¹ Gay atende o chamado para morte na Praça. Diário do Pará. Polícia. Edição 1947. 20 nov 1988.

posteriormente a morte de Claudinha na Praça da República, a “comunidade gay da Praça da República”, podendo estar incluído travestis e homens homossexuais, protestou contra os casos de violência frequentes na cidade:

O assassinato de “Claudinha” revoltou a comunidade gay da Praça da República, que chegou a protestar contra a violência e discriminação que eles sofrem por parte da sociedade. “Claudinha” estava apenas “batalhando” e quando foi chamada (disse uma sua colega) jamais pensou que dali a instantes seria cadáver. “Foi muita maldade o que fizeram com minha amiga”, se lamentava o gay na Praça da República.¹²²

A escrita de dor da perda de uma amiga, de um personagem que compunha a praça, de uma pessoa vítima de uma morte violenta, funciona como um mecanismo de visibilidade para as violências cometidas contra as comunidades transfemininas. Além disso, gera um sentimento de união ao fomentar protestos contra as discriminações e violências sistemáticas praticadas contra sujeitos que precisavam “batalhar” para garantir vida, no caso, partir para a prostituição advinda da negação do acesso ao mercado de trabalho.

Imagem 34: Manchete completa sobre o assassinato de Claudinha com fotografias da morte da travesti e da presença dos irmãos da vítima ao Pronto Socorro que estava seu corpo.

¹²² Ibidem, 1988.

Gay atende o chamado para morte na Praça

Quando "Claudinha" um gay que fazia "ponto" na Praça da República, na madrugada de ontem foi chamada pelos ocupantes de uma camioneta "Paraty" pensou logo que se tratava de um "programa". Foi o último chamado que o gay atendeu. Ao se aproximar foi morto com um tiro no rosto. Os ocupantes da "Paraty" sumiram em alta velocidade.

O assassinato de "Claudinha" revoltou a comunidade gay da Praça da República, que chegou a protestar contra a violência e discriminação que eles sofrem por parte da sociedade. "Claudinha" estava apenas "batalhando" e quando foi chamada (disse uma sua colega) jamais pensou que dali a instantes seria cadáver. "Foi muita maldade o que fizeram com minha amiga", se lamentava o gay na Praça da República.

ASSALTOS E ASSASSINATOS

A onda de crimes dos matadores de "Claudinha" começou quando eles assaltaram um rapaz e lhe tomaram o automóvel Opala, no qual saíram pela cidade fazendo assaltos e dando tiros a esmo. Quando a gasolina do Opala acabou, eles abandonaram o carro e pegaram uma "Paraty" e foram para a Praça da República, com a finalidade de maltratar os gays que ali fazem "ponto".

Os assaltantes deram uma



A Praça está de luto. Mataram o Gay.

volta pela Praça porém não encontraram nenhuma vítima. Na segunda volta, se aproximaram de "Claudinha" que estava sentada em um banco e se aproximou da sargeta, quando foi chamada para a morte.

IDENTIFICADA

"Claudinha" ainda chegou a ser levada ao Pronto Socorro Municipal onde morreu. Até então só era conhecido o seu apelido de "batalha". Momentos depois chegavam ao PSM os irmãos de Claudinha", Leonardo Oliveira da Silva, 16 e Denilson Oliveira da Silva, 19; disseram que "Claudinha" era Claudionor Marques da Silva, tinha 29 anos, e morava na avenida Celso Malcher 786 próximo da Unidade Policial da Terra-Firme. Os irmãos estavam conformados com o destino de "Claudinha". Nem chegaram a chorar.



Leonardo e Denilson, identificaram "Claudinha"

Fonte: Gay atende o chamado para morte na Praça. Diário do Pará. Polícia. Edição 1947. 20 nov 1988.

Na imagem acima podemos ver a manchete sobre o assassinato de Claudinha, que apresenta uma escrita longa e detalhada, com direito a duas fotografias. Primeiramente, analisando a fotografia ao longo do título, está a imagem que expõe o corpo desfalecido, baleado e ensanguentado da vítima, com a legenda "A Praça está de luto". Se explora o capital enunciativo do caso violento ao usar elementos como o sangue, o corpo sem reação e uma legenda que exime a perda. Utiliza-se a via do chocante em vez da comicidade, além de

contextualizar o impacto da morte ao abordar o luto da comunidade que pertencia e publicar falas das amigas da vítima.

Em contraste, no canto inferior da matéria, encontra-se a fotografia dos irmãos de Claudinha que, chamados para identificar o corpo da vítima, apresentam na imagem utilizada uma apatia a respeito do assassinato da vítima. A apatia apontada pela narrativa do jornal entende que os irmãos da travesti “estavam conformados com o destino de Claudinha”, tanto que segundo o periódico, eles “nem chegaram a chorar”. Portanto, este relato é contrastante com a escrita da matéria por ser uma quebra narrativa, visto que inicialmente ela é composta de frases sobre perda e revolta perante o assassinato, finalizando com a indiferença dos familiares da vítima.

Entendo que estrutura da manchete sobre o assassinato de Claudinha seja um exemplo das transformações ocorridas nas estratégias narrativas presentes no discurso jornalístico do Diário do Pará. Lembra-se que a existência de novos caminhos na representação não impediu o uso de clássicos arquétipos negativos em torno da travestilidade em matérias futuras. No entanto, a presente pesquisa procurou ressaltar a existência de fugas de roteiro em torno das narrativas trans, que sofreram alterações conforme o cenário social da pessoa transfeminina retratada, assim como do cenário sócio-histórico da escrita jornalística.

Considerações finais

Ao longo desta pesquisa, procurei abordar como a pluralidade de fatores ligados às trans feminilidades está diretamente ligada à discussão de representações transfemininas que, ao acionar um conjunto de dinâmicas sócio-históricas que enriquecem o debate, demonstram a multifatorialidade que abarca o tema. Partir da pluralidade enquanto base mostrou-se necessário uma vez que o singular apresentaria um impacto negativo na abordagem da temática, afinal, a investigação encontrou-se em diversos debates que extrapolaram o singular, o único e a especificidade. No caso, as transfeminilidades são envoltas de representações, estratégias, resistências e discursos entre outros termos plurais.

Assim posto, tornou-se o solo fértil para problematizações acerca da adoção de uma abordagem teórico-metodológica que abarcasse o conflito externo e interno das dinâmicas, o subjetivo e o hegemônico, os anunciados e os silêncios, assim como os binários e os múltiplos. Em vista da complexidade assumida para abordar as representações transfemininas, tornou-se comum adendos para explorar as fontes em um esforço de demonstrar as estratégias de controle

e resistência enquanto plurais, conflitantes entre si, sem representar uma cronologia, além de demonstrar a existência de fugas de *script*.

Abordar as representações *à lá* Chartier (1991), enquanto um terreno de luta tensionado por continuidades e descontinuidades, dialoga com o roteiro de narrativas trans identificado por Elias Veras (2015). O Diário do Pará, na década de 1980, apresentou padrões de representação transfeminina, porém, como qualquer roteiro, sofreu modificações conforme o cenário - passarelas, ruelas, palcos, delegacias etc. Além disso, assim como o roteiro das novelas da década de 1980, o das representações transfemininas dialoga com o contexto político do período, o qual era marcado pela censura.

Fundado em um período de enfraquecimento da Ditadura Civil-Militar, por consequência do abrandamento da censura, o Diário do Pará apresentou uma escrita que dialogava constantemente com um dos “perigos” perseguidos pela ditadura, isto é, o erotismo. Principalmente a partir do segundo ano do jornal, em 1985, ano que o Congresso Nacional analisou projetos que visavam a flexibilização ou o fim da censura, a escrita do periódico estudado torna-se marcado por enunciados que utilizam o erótico enquanto estratégia jornalística para agregar consumidores ao jornal e para as boates como o Lapinha, a Twist, o Xamego, entre outras que marcam o sereno belenense.

Ao explorar a escrita jornalística enquanto elemento permeado por estratégias discursivas, torna-se possível entender como os discursos do Diário do Pará construíram representações através de uma organização de palavras que acionaram elementos dos corpos trans para exotificar transfeminilidades em prol do sensacionalismo. Esta estratégia é um arquétipo comum nas narrativas estudadas e coloca mulheres trans e travestis enquanto sujeitos ambíguos, de onde a matriz do “perigo”, da atração e da arte apresentam uma origem: a ambiguidade.

Segundo Preciado (2013), a midiaticização de sujeitos em um capitalismo marcado pela existência de tecnologias de gênero acarreta na produção de identidades em um constante embate entre o representado e quem representa, quem consome e quem é consumido. Sendo comum a existência de violências simbólicas por parte da mídia que realizou tentativas de silenciamento epistemológico e político, bem como de resistência produzidas por sujeitos marginalizados que adentraram os meios de comunicação. Portanto, através de práticas discursivas que podem apresentar tentativas de controle, ocorre a produção de um regime de visibilidade que começou a acrescentar sujeitos trans enquanto personagens da malha social.

No que tange o Pará na década de 1980, o periódico estudado indica uma midiaticização transfeminina relacionada a tentativas de exotificação do corpo-identidade de mulheres trans e

travestis. Em referência aos sujeitos trans da cidade das mangueiras, as travestis representam o foco da maioria das narrativas em vista desta categoria de designação ser associada ao *trottoir* em um dos pontos turísticos importantes de Belém, a Praça da República. Além disso, ocorre o uso da categoria enquanto expressão artística como sinônimo para transformista, sendo comum a flexibilização de concepções em torno da categoria “travesti” conforme o contexto social e prática trabalhista do sujeito, assim como o tema da matéria.

O foco do Diário do Pará nas travestilidades implicou no questionamento: e as mulheres trans? Por que são raramente mencionadas? Quais as suas especificidades? Primeiramente, a respeito de quais sujeitos específicos abordar, por utilizarmos um meio hegemônico enquanto fonte de análise, aplicou-se um cuidado metodológico a respeito das representações transfemininas. Ocorre, aqui, a preocupação epistemológica de evitar “colonizações identitárias” em pessoas cuja autoidentificação foge da transfeminilidade. Portanto, para discutir o tema em questão, a escolha de analisar as representações midiáticas de determinado sujeito partiu de uma equação que além da qualidade e número das fontes, baseou-se em indícios de uma identidade além da cisnormatividade.

Dessa forma, ao explorar as fontes do período, tornou-se possível encontrar manchetes sobre a transexualidade feminina. As entendidas enquanto “transexuais”, sempre isoladas da palavra “mulher”, eram representadas em narrativas com foco em pessoas específicas, no caso, Roberta Close e Telma Lipp. A possibilidade de se afirmarem enquanto mulheres trans, entendida enquanto um resultado das falas registradas em entrevistas do jornal sobre suas experiências, era um privilégio ligado à notoriedade que ganharam devido apresentarem corporeidades hegemonicamente femininas inteligíveis o suficiente para serem objetificadas sexualmente. Assim, a inteligibilidade de gênero em um diálogo com corpos trans que apresentaram signos femininos capazes de fugirem de um arquétipo ligado ao estigma travesti do “exagero”, da “perversidade e do “caricato”, pode ser entendido enquanto fator fundamental para adentrar espaços além das praças de *trottoir* e narrativas sobre violência.

As festas, os desfiles e os teatros são apontados enquanto espaços possíveis de experiências trans para além da abjeção. Assim como é associado a um escapismo subjetivo dos atores que fogem da sua realidade para o mundo fantasioso do teatro, o palco para as travestis representa um espaço de heterotopia que, além de promover satisfação subjetiva, possibilita o exercício de expressões de gênero para além da heterocisnormatividade. Nos palcos da noite belenense, as “libélulas do sereno” - Magda Strass e Léa Show -, foram expoentes do papel da corporeidade nas representações transfeminina ao demonstrar como o erotismo e os marcadores sociais impactaram os discursos midiáticos e identitários.

Desta forma, ao analisar como o foco no corpo trans é associado ao erotismo enquanto estratégia enunciativa, tornou-se evidente no decorrer das discussões que falar de representações trans significa falar de corpo. Isto demonstra as potencialidades de uma abordagem baseada em Butler (1991; 2020) e Preciado (2013) com base nos pensamentos dos autores sobre o corpo enquanto agente de transformação, pois, entende-se que o Diário do Pará “mirou” discursos sobre corporeidade aos corpos trans ao transformá-los, paralelamente, em alvo de desejo, pavor e admiração.

A multiplicidade de enfoques em torno dos corpos trans possibilitou problematizações de como a escrita jornalística sofreu influências de acordo com a seção do jornal. Torna-se evidente o caráter generalista do Diário do Pará ao apontar para “um jornal que não se lê”, apresentando discursos conflitantes e, às vezes, em uma única edição. A respeito de transfeminilidades o periódico ao passo que as coloca como entendidas enquanto perigosas nos cadernos policiais, as trata como artistas na parte de entretenimento e as utiliza como metáforas políticas nos cadernos internacionais.

Portanto, assumir o caráter multifacetado das representações transfemininas, incluindo as subdivisões por seção do jornal, auxilia a investigação ao demonstrar sua complexidade. Onde simplificar o debate enquanto travestis-artistas no caderno “Divirta-se” e travestis-perigosas no caderno “Polícia” seria um caminho empobrecedor para a análise. Isto se explica, pois, os discursos jornalísticos do periódico estudado, embora sejam presentes em um jornal, este por ser separado em categorias, prolifera a existência de descontinuidades discursivas que denunciam a complexidade nata da “luta das representações”.

Enquanto medida contra vícios generalizantes, miramos os olhos para Walter Benjamin (1987), que nos ensinou sobre escrever uma história a contrapelo, questionando hegemonias através de uma leitura “rebelde” das fontes. Em vista disso, analisar as práticas discursivas acarretou em problematizações capazes de evidenciar as quebras narrativas, tanto entre as seções, quanto internamente à determinada seção. Assim, possibilita-se demonstrar mulheres trans e travestis representadas de maneiras diferentes considerando o número de cadernos do jornal e o impacto nas colunas específicas em diálogo com o contexto sócio-histórico da HIV/Aids, das tecnologias de gênero, da redemocratização, entre outros.

A frequente frase encontrada em jornais da época, “a histeria causada pela Aids”¹²³, pode ser entendida enquanto uma crítica do sensacionalismo e pânico social em torno da epidemia de HIV/Aids. Isto denuncia, nos próprios meios de comunicação, como a mídia

¹²³ QUEIROZ, Carlos. AIDS para escanteio. Shows. Diário do Pará. Edição 1197. 30 set 1986.

exerceu um papel na construção de estigmas em torno de identidades, sendo a travesti, por ter sua identidade entendida enquanto um “exagero” de sexualidade, o personagem social comumente associado ao que o discurso preventivo da Aids denominou enquanto “comportamento de risco”. Porém, as narrativas da coluna “Shows”, sobre a persistência das travestis em “botarem a Aids para escanteio”, pode ser entendida enquanto resistência transfeminina, como um contradiscurso em um contexto regional e nacional ao realizar uma “fuga de roteiro” ao retratá-las enquanto *bonecas* corajosas, organizadas e resistentes.

Em suma, o Diário do Pará, na década de 1980, é entendido enquanto uma espécie de “Diário das trans” ao registrar, de forma aproximadamente cotidiana, notícias referentes a mulheres trans e travestis, famosas e anônimas. O jornal, repleto de uma escrita que foge de uma prosa expositiva, era dotado de sensacionalismo que acionam discussões consideradas subjetivas como ciúme, dor, desejo e casos de afeto relacionados à vida de mulheres trans e travestis. Além disso, o periódico é repleto de discursos que fomentam discussões sobre política, violência, identidade, corporeidade, entre outras questões com frequentes continuidades e quebras que evidenciam a complexidade da luta de representações sobre transfeminilidades no estudo do passado.

Fontes

JORNAIS:

Batalha de Confete. Carnaval. Edição 696. 9 de fev 1984.

A noite dos travestis. Shows. Diário do Pará. edição 424. 21 março 1984.

Alberto, João. Afiadinhas. Diário do Pará. Divirta-se. Edição 425. 22 março 1984.

Travestis dão show no xadrez da DVG. Diário do Pará. Caderno Policial. Edição 428. 25 março 1984.

AUGUSTO, Edgar. Shorts. Música popular. Diário do Pará. Edição 479. 27 maio 1984.

SEIXAS, João. Detestado. Política. Diário do Pará. Edição 510. 03 julho 1984.

SEIXAS, João. Roberta. Mundo. Diário do Pará. Edição 519. 13 julho 1984.

CÉSAR, Donizete. Em BG. Divirta-se e passe bem. Diário do Pará. Edição 501. 21 junho 1984.

Atração sexual em Belém. *Diário do Pará*, 18 de julho, 1984.

Encontre-se com o novo símbolo sexual brasileiro Roberta Close. *Diário do Pará*, 19 de julho, 1984;

Roberta. *Diário do Pará*, 12 de julho, 1984.

Roberta. *Diário do Pará*, 13 de julho, 1984.

SANTOS, Bernardino. Fiasco na Saudosa Maloca. Diário do Pará. Edição 526. Sociedade. Coluna Bernardino Script. 21 julho 1984.

SEIXAS, João. Avaliações de Close. Mundo. Diário do Pará. Edição 527. 22 julho 1984.

SEIXAS, João. Repúdio. Mundo. Diário do Pará. Edição 527. 22 julho 1984.

CÉSAR, Donizete. O propalado fiasco de Roberta Close. Diário do Pará. Edição 529. Divirta-se e passe bem. Coluna Antenas Ligadas. 25 julho 1984.

SEIXAS, João. Curtas. Mundo. Diário do Pará. Edição 535. 01 agosto 1984.

Travestis são presos na Praça da República. Diário do Pará. Polícia. Edição 539. 05 agosto 1984.

QUEIROZ, Carlos. Garota close. Diário do Pará. Edição 550. 17 ago 1984.

QUEIROZ, Carlos. Palma para os artistas. Shows. Diário do Pará. Edição 609. 26 out 1984.

Espancou o gay depois de uma noite de amor. Polícia. Diário do Pará. Edição 602. 18 out 1984.

Telma Lip brilha como sereia da noite. Folha de São Paulo, p. 08.11 jan. 1985.

QUEIROZ, Carlos. Sabatina lapiniana. Shows. Diário do Pará. Edição 713. 2 março 1985.

Quebraram a cara da boneca. Polícia. Diário do Pará. Edição 724. 15 março 1985

Travesti espancado pelo homem-sombra. Polícia. Diário do Pará. Edição 742. 05 abril 1985.

QUEIROZ, Carlos. Despedida de Magda. Shows. Diário do Pará. Edição 772. 11 maio 1985.

QUEIROZ, Carlos. Reginaldo no Lapinha. Shows. Diário do Pará. Edição 781. 22 maio 1985.

QUEIROZ, Carlos. Sem título. Shows. Diário do Pará. Edição 787. 29 maio 1985.

QUEIROZ, Carlos. O bom do sereno. Diário do Pará. Edição 798. 12 junho 1985.

Troca esposa pelo amor do travesti. Polícia. Diário do Pará. Edição 812. 28 junho 1985.

Com medo da AIDS o gay tentou suicídio. Diário do Pará. Polícia. Edição 939. 26 nov 1985.

QUEIROZ, Carlos. Sem título. Shows. Diário do Pará. Edição 917. 29 out 1985.

QUEIROZ, Carlos. Serenadas. Diário do Pará. Edição 886. 22 set 1985.

QUEIROZ, Carlos. Serenadas. Shows. Diário do Pará. Edição 850. 11 agosto 1985.

QUEIROZ, Carlos. Vem aí a nova Twist. Shows. Edição 869. 03 set 1985.

QUEIROZ, Carlos. As verdades de Wandyrá. Shows. Diário do Pará. Edição 882. 18 setembro 1985.

QUEIROZ, Carlos. Léa Show está bem. Shows. Diário do Pará. Edição 877. 12 setembro 1985.

Mamãe Dolores volta a entrar em bronca. Polícia. Edição 896. 4 out 1985.

QUEIROZ, Carlos. Léa show em São Paulo. Shows. Diário do Pará. Edição 903. 12 outubro 1985.

QUEIROZ, Carlos. Léa show em São Paulo. Shows. Diário do Pará. Edição 903. 12 outubro 1985.

Identificada a vítima da AIDS. Diário do Pará. Edição 915. Local. 25 out 1985.

QUEIROZ, Carlos. A estrela Magda Strass. Shows. Diário do Pará. Edição 917. 29 out 1985.

Com medo da AIDS o gay tentou suicídio. Diário do Pará. Polícia. Edição 939. 26 nov 1985.

QUEIROZ, Carlos. Somente mulher. Shows. Diário do Pará. Edição 965. 27 dez 1985.

Gay agrediu moleque com um cano de ferro. Diário do Pará. Polícia. Edição 1009. 18 fev 1986.

QUEIROZ, Carlos. O drama de Léa. Shows. Diário do Pará. Edição 15. 10 março 1986.

Meteram a faca no travesti. Polícia. Edição 1033. 18 março 1986.

QUEIROZ, Carlos. Shows. Diário do Pará. Edição 1113. 22 junho 1986.

CHAGAS, Carlos. Contra o sistema Roberta Close. Nacional. Diário do Pará. Edição 1113. 22 junho 1986.

QUEIROZ, Carlos. Léa volta aos shows. Diário do Pará. Edição 1140. 24 julho 1986.

Muitas bonecas assassinadas. Polícia. Edição 1161. 17 agosto 1986.

QUEIROZ, Carlos. Luzes da ribalta. Diário do Pará. Edição 1169. 27 agosto 1986.

QUEIROZ, Carlos. AIDS para escanteio. Shows. Diário do Pará. Edição 1197. 30 set 1986.

Machão retalhou o travesti. Diário do Pará. Polícia. Edição 1232. 9 e 10 nov 1986.

15 assassinatos nas últimas horas deixam a polícia baratinada. Diário do Pará. Polícia. Edição 1266. 19 dez 1986

QUEIROZ, Carlos. A garra da Léa. Diário do Pará. Edição 59. 9 fev 1987.

Bonecas assaltaram na praça. Diário do Pará. Polícia. Edição 1331. 9 março 1987.

Tavares defende posição de Covas. Política. Diário do Pará. Edição 1439. 27 jun 1987.

MARIANO, Julio. Tirinha Nonô das candongas. Diário do Pará. Caderno D. Edição 1450. 08 julho 1987.

MARIANO, Julio. Tirinha Nonô das candongas. Diário do Pará. Caderno D. Edição 1353/2219. 31 março 1987/23 agosto 1989.

MARIANO, Julio. Tirinha Nonô das candongas. Diário do Pará. Caderno D. Edição 1549. 14 out 1987.

QUEIROZ, Carlos. As bonecas têm novos santuários. Shows. Diário do Pará. Edição 1589. 24 nov 1987.

QUEIROZ, Carlos. O negócio está ruço (sic). Shows. Diário do Pará. Edição 1416. 04 junho 1987.

Coronel PM Alberto de Abdoral Lopes. Cartas à Redação. Diário do Pará. Opiniões. Edição 1488. 15 agosto 1987.

QUEIROZ, Carlos. Rogéria ao Tucupi hoje no Lapinha. Diário do Pará. Shows. Edição 1763. 19 maio 1988.

Darwich, Karime. Rogéria: Mulher não é órgão genital. Mulher é cabeça. Diário do Pará. Nacional/Internacional. Edição 1773. 29 maio 1988.

Travesti vai ao Fórum e depõe com roupas femininas. Folha de São Paulo, 10 ago. 1988.

Gay atende o chamado para morte na Praça. Diário do Pará. Polícia. Edição 1947. 20 nov 1988.

Claudinha” assassinado na Praça. Diário do Pará. Capa. Edição 1947. 20 nov 1988.

Gay atende o chamado para morte na Praça. Diário do Pará. Polícia. Edição 1947. 20 nov 1988.

SANTOS, Bernardino. O livro de Roberta Close. Diário do Pará. Edição 2004. 18 jan 1989.

BRICKMAN, Carlos. De mãe para filho. Diário do Pará. Opiniões. Edição 2010. 24 jan 1989.

NOBRE, Fernando. Diário do Pará. Capa. Edição 2064. 20 março 1989.

BRIKCMANN, Carlos. Opiniões. Diário do Pará. Edição 1989. 31 maio 1989.

SANTOS, Bernardino. Encanto acabou?. Diário do Pará. Edição 2457. 03 maio 1990.

Rogéria, mulher e artista, com a cabeça feita. Diário do Pará. Cidade. Edição 2562. 31 agosto 1990.

SANTOS, Bernardino. Tadinha dela.... Diário do Pará. Edição 2571. 12 setembro 1990.
O Pasquim, edição 272/1974. Acervo de Aurelio Silva Júnior (2017)

VÍDEOS:

Erasmus Carlos. Close. 1984. Videoclipe. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=xr0MjJ5PXBI>> Acesso: 10/02/2023.

Documento Especial: Televisão Verdade (1989). *Travestis*. Rede Manchete. Rio de Janeiro.
Novembro, 1989. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=oONClgzq4EM&t=617s>>.

LÉA SHOW NA NOSTRO. Canal Valter Bittarães. Ano de publicação 2010. Disponível em:
<<https://www.youtube.com/watch?v=HSLw1hW1uKs>>. Acesso em 31 maio de 2022.

Meu amigo Claudia. Direção de Dácio Pinheiro. São Paulo: Piloto, 2009. (87 min), son.,
color.

RELATÓRIOS:

BRASIL. Comissão Nacional da Verdade. Relatório: eixos temáticos. Brasília, CNV, volume
2 – texto 7. 2014.

Referências Bibliográficas

ADELMAN, Miriam et al. Travestis e Transexuais e os outros: identidades e experiências de vidas. *Gênero*, Niterói, v. 4, n. 1, p. 65-100, jul./dez. 2003.

AMARAL, Marília dos Santos. Te desafio a me amar: desejo, afeto e a coragem da verdade na experiência dos homens que assumem relacionamentos com as travestis e mulheres trans. 2017.

ANDRADE, Vítor Lopes. Migrações internas e internacionais motivadas por orientação sexual e identidade de gênero. **TRAVESSIA-revista do migrante**, n. 77, p. 29-48, 2015.

AZEVEDO, Pietra Conceição; PEREIRA, Elcimar Dantas. “Cidade pequena não dá pra travesti, é só fumo”: performatização da identidade travesti e o contexto urbano mossoroense. **Ponto Urbe. Revista do núcleo de antropologia urbana da USP**, n. 26, 2020.

BARBOSA, Bruno Cesar. " Doidas e putas”: usos das categorias travesti e transexual. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, p. 352-379, 2013.

BARROS, José D.'Assunção. História Cultural: um panorama teórico e historiográfico. **TEXTOS DE HISTÓRIA Revista do Programa de Pós-graduação em História da UnB.**, v. 11, n. 1-2, p. 145-172, 2003.

BEE MYN, Genny. A presence in the past: a transgender historiography. *Journal of Women's History*, v. 25, n. 4, p. 113-121, 2013.

BENJAMIN, Harry. The transsexual phenomenon. **Transactions of the New York Academy of Sciences**, 1967.

BENJAMIN, Walter. Teses sobre o conceito de história (1940). **Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura**, p. 222-232, 1987.

BENTO, Berenice. **A reinvenção do corpo: sexualidade e gênero na experiência transexual**. Editora Garamond, 2006.

_____. O que pode uma teoria? Estudos transviados e a despatologização das identidades trans. **Revista Florestan**, p. 46-46, 2014.

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. Editora José Olympio, 2018.

_____. **Corpos Que Importam: os limites discursivos do" sexo"**. n-1 edições, 2020.

CARRIJO, Gilson Goulart. Imagens em trânsito: narrativas de uma travesti brasileira. **Gênero, sexo, amor e dinheiro: mobilidades transnacionais envolvendo o Brasil**, v. 1, p. 263, 2011.

CARVALHO, Mario. Nossos corpos também mudam: a invenção das categorias" travesti" e" transexual" no discurso científico. 2012.

_____ ; CARRARA, Sérgio. Em direito a um futuro trans?: contribuição para a história do movimento de travestis e transexuais no Brasil. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, p. 319-351, 2013.

_____. Nossa esperança é ciborgue? Subalternidade, reconhecimento e “tretas” na internet. **Revista Estudos Feministas**, v. 25, p. 347-363, 2017.

_____. “Travesti”, “mulher transexual”, “homem trans” e “não binário”: interseccionalidades de classe e geração na produção de identidades políticas. **cadernos pagu**, 2018.

CHARTIER, Roger. Por uma sociologia histórica das práticas culturais. **A história cultural: entre 3práticas e representações**, p. 13-28, 1990.

_____. O mundo como representação. **Estudos avançados**, v. 5, p. 173-191, 1991.

DA SILVA FERREIRA, Rubens. Travestis em perigo ou o perigo das travestis? Notas sobre a insegurança nos territórios prostitucionais dos transgêneros em Belém (PA). **Enfoques**, v. 2, n. 1, 2003.

DE AGUIAR, Juno Nedel Mendes; DE JESUS, Victória Guimarães Pinheiro. Habitando as margens: Patologização das identidades trans e a colonialidade do poder no Brasil. **Cadernos de Gênero e Diversidade**, v. 7, n. 3, p. 200-228, 2021.

DE CARVALHO, Francismar Alex Lopes. O conceito de representações coletivas segundo Roger Chartier. **Diálogos-Revista do Departamento de História e do Programa de Pós-Graduação em História**, v. 9, n. 1, p. 143-165, 2005.

DE DEUS, M. L. Travesti ou Transexual? Uma análise êmica e acadêmica sobre categorias identitárias de mulheres travestis e transexuais. **Revista visagem antropologia visual da imagem**, v. 4, n. 1, p. 108-144, 2018.

DE JESUS, Jaqueline Gomes. Transfobia e crimes de ódio: Assassinatos de pessoas transgênero como genocídio. **História agora**, v. 16, p. 101-123, 2013.

DE JESUS, Jaqueline Gomes. Gênero sem essencialismo: feminismo transgênero como crítica do sexo. **Universitas humanística**, v. 78, n. 78, 2014.

DOS SANTOS FERNANDES, Ana Paula Cunha; DENARI, Fatima Elisabeth. Pessoa com deficiência: estigma e identidade. **Revista da FAEEDBA-Educação e Contemporaneidade**, v. 26, n. 50, p. 77-89, 2017.

FAUSTO-STERLING, Anne. Dualismos em duelo. **cadernos pagu**, p. 9-79, 2002.

FIGUEIREDO, Adrianna. " Se pudesse ressurgir, viria como o vento". Narrativas da dor: corporalidade e emoções na experiência da travestilidade. **Sexualidad, Salud y Sociedad (Rio de Janeiro)**, p. 90-112, 2011.

FERNANDES, Carlos Eduardo Albuquerque et al. Um percurso pelas configurações do corpo de personagens travestis em narrativas brasileiras do século XX: 1960-1980. 2016.

FERREIRA, Guilherme Gomes. Donas de rua, vidas lixadas: interseccionalidades e marcadores sociais nas experiências de travestis com o crime e o castigo. 2018.

_____. Interseccionalidades e marcadores sociais da diferença na experiência de travestis privadas de liberdade. **SERPINF-Seminário Regional Políticas Públicas Interseccionalidade e Família: formação e intervenção profissional**, v. 2, 2014.

FELICIANO, Kalynka Oliveira. Orgulho de ser travesti: a resignificação da identidade social travesti como estratégia de resistência. **Humanidades em Perspectivas**, v. 7, n. 16, p. 120-137, 2023.

FOUCAULT, Michel. As palavras e as coisas. Tradução de Salma Tannus Muchail. 8. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

_____. De espaços outros. **Estudos avançados**, v. 27, p. 113-122, 2013.

FURTADO, Nina Rosa et al. Comunicação e mentira em "Casos de família": uma abordagem psicanalítica e complexa de um programa de tv. 2006.

GONÇALVES, Alisson. Entre bichas e bofes: o auê das palavras no jornal Lampião da Esquina (1978-1981). **Revista Anômalas**, v. 1, n. 1. 2021, p. 126-147, 2021.

GREEN, James Naylor. **Além do carnaval: a homossexualidade masculina no Brasil do século XX**. Unesp, 1999.

_____. "Mais amor e mais tesão": a construção de um movimento brasileiro de gays, lésbicas e travestis. **cadernos pagu**, n. 15, p. 271-295, 2000.

_____; QUINALHA, Renan. Ditadura e homossexualidades. **Relatório da Comissão Nacional da Verdade**, v. 2, p. 300-311, 2014.

_____; _____. **Ditadura e homossexualidades: repressão, resistência e a busca da verdade**. EdUFSCar, 2023.

HENNING, Carlos Eduardo. Interseccionalidade e pensamento feminista: as contribuições históricas e os debates contemporâneos acerca do entrelaçamento de marcadores sociais da diferença. 2015.

KLANOVICZ, Luciana Rosar Fornazari et al. Erotismo na cultura dos anos 1980: censura e televisão na revista Veja. 2008.

_____. Televisão e erotismo no Brasil pós-ditadura. **Polêmicas feministas**, n. 1, p. 73-83. 2011.

_____. **Erotismo sob censura?: censura e televisão na revista Veja**. Paco Editorial, 2019.

KULICK, Don. Travesti: prostituição, sexo, gênero e cultura no Brasil. In: **Travesti: prostituição, sexo, genero e cultura no Brasil**. 2008.

LAMBLE, Sarah. Retelling racialized violence, remaking white innocence: The politics of interlocking oppressions in transgender day of remembrance. In: **The Transgender Studies Reader 2**. Routledge, 2013.

LIMA, Gabriela Sanches de. Fotojornalismo e violência: filtros noticiosos, técnicas de composição e linguagem da representação da dor na imprensa. 2016.

LOPES, Fábio Henrique. Sempre com um toque de glamour e humor. Travestilidade e artes de viver. **SIMPÓSIO NACIONAL DE HISTÓRIA. CONHECIMENTO HISTÓRICO E DIÁLOGO SOCIAL**, v. 27, 2013.

_____. Possibilidades de conexão Michel Foucault, relações de gênero e estudos queer. **Bagoas-Estudos gays: gêneros e sexualidades**, v. 11, n. 16, 2017.

_____. SUBJETIVIDADES TRAVESTIS NO RIO DE JANEIRO, INÍCIO DA DÉCADA DE 1960. ALOMA DIVINA. **Revista TransVersos**, n. 14, p. 52-69, 2018.

DUARTE, Marina; LOPES, Fábio Henrique. A emergência da primeira geração de travestis no Brasil, na década de 1960. **Revista Territórios e Fronteiras**, v. 14, n. 1, p. 151-177, 2021.

MARCHETTI, Dominique; SERRA, Pedro. Os subcampos especializados do jornalismo. **Plural-Revista de Ciências Sociais**, v. 27, n. 2, 2020.

MISKOLCI, Richard; PELÚCIO, Larissa. Fora do sujeito e fora do lugar: reflexões sobre performatividade a partir de uma etnografia entre travestis. **Revista Gênero**, v. 7, n. 2, 2007.

NASCIMENTO, Júlio Ferro Silva da Cunha. VIOLÊNCIA, MILITÂNCIA E PROTAGONISMO: A TRAJETÓRIA DA HISTORIOGRAFIA BRASILEIRA NA PRODUÇÃO DE TEXTOS TRANS. **Revista Canoa do Tempo**, v. 10, n. 1, p. 52-66, 2018.

_____. "*Sapateiro perde para Sapatão: Representações e resistências na imprensa paraense (1980-1990)*". In: História: espaços, poder, cultura e sociedade 3 / Organizador William Roslindo Paranhos. – Ponta Grossa - PR: Atena, 2022.

NERY, João Walter; COELHO, Maria Thereza Ávila Dantas; SAMPAIO, Liliana Lopes Pedral. João W. Nery-A trajetória de um trans homem no Brasil: do escritor ao ativista. **Revista Periódicus**, v. 1, n. 4, p. 169-178, 2015.

NICOLAU, Marcio Almeida. Artes da existência: travestis em jornais de São Paulo, décadas de 1970 e 1980. 2019.

_____. Luzes, Wonder, Ação! Subjetividades travestis em São Paulo, décadas de 1970 e 1980. 2023.

OCANHA, Rafael Freitas et al. Amor, feijão, abaixo camburão: Imprensa, violência e trottoir em São Paulo (1979-1983). 2014.

OLIVEIRA, Melissa Barbieri de; GROSSI, Miriam Pillar. A invenção das categorias travesti e transexual no discurso científico. **Revista Estudos Feministas**, v. 22, p. 699-701, 2014.

PELÚCIO, Larissa. " Toda quebrada na plástica": corporalidade e construção de gênero entre travestis paulistas. **Campos-Revista de Antropologia**, v. 6, p. 97-112, 2005.

_____. Na noite nem todos os gatos são pardos: notas sobre a prostituição travesti. **Cadernos pagu**, p. 217-248, 2005.

_____. Marcadores sociais da diferença nas experiências travestis de enfrentamento à aids. **Saúde e sociedade**, v. 20, p. 76-85, 2011.

_____. Três casamentos e algumas reflexões: notas sobre conjugalidade envolvendo travestis que se prostituem. **Revista Estudos Feministas**, v. 14, p. 522-534, 2006.

_____. Eu me cuido, mona”: saúde, gênero e corporalidade entre travestis que se prostituem. **Seminário Homofobia, Identidades e Cidadania GLBT**, 2007.

_____; MISKOLCI, Richard. A prevenção do desvio: o dispositivo da aids e a repatologização das sexualidades dissidentes. **Sexualidad, Salud y Sociedad-Revista Latinoamericana**, n. 1, p. 125-157, 2009.

PELÚCIO, Larissa. **Abjeção e desejo: uma etnografia travesti sobre o modelo preventivo de aids**. Fapesp, 2009.

PERELSON, Simone. Transexualismo: uma questão do nosso tempo e para o nosso tempo. **Revista Epos**, v. 2, n. 2, p. 0-0, 2011.

PESSOA, Emerson. Encarnando a europeia: biografias corporais,(i) mobilidades e subjetividades de trabalhadoras do sexo trans e travestis em Lisboa. 2020.

PRECIADO, Paul B. Pharmaco-pornographic regime: sex, gender, and subjectivity in the age of punk capitalism. In: **The Transgender Studies Reader 2**. Routledge, 2013.

ORNAT, Marcio José. Território e prostituição travesti: uma proposta de discussão. **Terr@ Plural**, v. 2, n. 1, p. 41-56, 2008.

RAMOS, Jeferson et al. A norma, os corpos e os prazeres: moral sexual, tra (ns) vestilidades e? homossexualismo? no Paraná dos anos 1970. 2019.

ROCON, Pablo Cardozo et al. (Trans) formações corporais: reflexões sobre saúde e beleza. **Saúde e Sociedade**, v. 26, p. 521-532, 2017.

ROSA, Caroline Malvina dos Santos da. Dá um Close nela: a imagem do transexual em revistas brasileiras através do ‘caso’ Roberta Close (1983-1991). 2012.

SANTOS, Claudiana Gois dos. **A Bruta Flor do Querer: amor, performance e heteronormatividade na representação das personagens lésbicas**. 2018. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SEFFNER, Fernando; MÜLLER, Magnor Ido. Quem ama sofre, quem sofre luta, quem luta vence: da conjugalidade entre travestis e seus maridos. **Sociedade e Cultura**, v. 15, n. 2, p. 285-295, 2012.

SERANO, Julia. **Whipping girl: A transsexual woman on sexism and the scapegoating of femininity**. Hachette UK, 2016.

SILVA, Hélio. *Travestis: entre o espelho e a rua*. Rio de Janeiro: Rocco, 2007.

SILVA, Edlene Oliveira et al. Travestis e transexuais no jornal 'Lampião da Esquina' durante a ditadura militar (1978-1981). **Dimensões**, n. 38, p. 214-239, 2017.

SILVA, Joseli Maria; ORNAT, Marcio Jose. Interseccionalidade e mobilidade transnacional entre Brasil e Espanha nas redes de prostituição. **Revista da ANPEGE**, v. 8, n. 10, p. 51-66, 2012.

SILVA, Edlene Oliveira et al. Travestis e transexuais no jornal 'Lampião da Esquina' durante a ditadura militar (1978-1981). **Dimensões**, n. 38, p. 214-239, 2017.

STRYKER, Susan; WHITTLE, Stephen (Ed.). **The transgender studies reader**. Routledge, 2013.

TEIXEIRA, M. "‘Metronormatividades’ nativas: migrações homossexuais e espaços urbanos no Brasil". *Áskesis*, São Carlos-SP, 4, p. 23-38, 2015.

TUSSI, Fernanda Pivato. *Toda feita: o corpo e o gênero das travestis*. 2006.

VELHO, G.; MACHADO DA SILVA, L. "Organização social no meio urbano". *Anuário Antropológico*, 76, p. 71-82, 1977.

VEIGA, Ana Maria; GUZZO, Morgani. "Trans-historizar" o espaço público dentro e fora da academia: Desafios para a historiografia e para o feminismo?. *Esboços -Revista do Programa de Pós-Graduação em História da UFSC, Florianópolis*, v. 23, n. 35, p. 182-209, set. 2016. ISSN 2175-7976. Disponível em: <https://periodicos.ufsc.br/index.php/esbocos/article/view/2175-7976.2016v23n35p182>.

VERAS, Elias Ferreira. O "fenômeno" Roberta Close ou o corpo trans (travesti, transexual) na era farmacopornográfica. **Seminário Internacional Fazendo Gênero**, v. 10, p. 1-11, 2013.

_____; PEDRO, Joana Maria. Os silêncios de Clio: escrita da história e (in) visibilidade das homossexualidades no Brasil. **Revista Tempo e Argumento**, v. 6, n. 13, p. 90-109, 2014.

_____; ANDREU, Oscar Guasch. A invenção do estigma travesti no Brasil (1970-1980). **História, histórias**, v. 3, n. 5, p. 39-52, 2015.

_____. *Travestis: carne, tinta e papel*. Editora Appris, 2020.

VIEIRA, Vinícius Almeida. A cobertura do mundo das travestis nos programas policiais sensacionalistas de tv e suas ressignações. **Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em**

Comunicação-Habilitação em Jornalismo)-Escola de Comunicação, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2014.

WIGSTON, David. Aids and political cartoons: a case study. 2002.